



A VOZ DA MULHER



No maior encontro da Pioneira, a mulher insiste: quer ser reconhecida como trabalhadora

Página 14

Saúde

Previdência acaba com o Plano Paraná e deixa agricultor sem assistência

Página 5

Debate

Cooperativas concluem: o momento exige menos timidez e muito mais ação

Página 10

Produtor reclama contra as importações

Apesar das queixas, governo libera importação do alho espanhol, conturbando o mercado

Última página

Alho



Cotrijuí está exportando carne pela primeira vez. Página 6

Dos campos de Ponche Verde para o Iraque

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS
Fone: PABX - (055) 332-2400
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCR N.º 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva
Presidente:
Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-presidente:
Arnaldo Oscar Drews
Superintendente:
Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros, Vilmar Hendges, Lurdes Froemming, Lotário Beckert, Tânio Bandeira, Abu Souto Bicca e Rui Ruzzoni.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Leonides Dallabrida, Aquilino Bavaresco, João Alberto Blanco.

Conselho Fiscal (Suplentes)

Paulino Ângelo Rosa, Delarmando Portolan, Luiz Neri Beschorner.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	184.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradinha	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduá	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Moisés Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Em 1976, quando a Cotrijuí iniciou, na Região Pioneira, a organização dos núcleos de esposas e filhas de associados, poucos poderiam acreditar que uns oito anos depois a mulher estaria dizendo o que diz. Hoje, são 85 núcleos, que não se reúnem apenas para discutir questões da área doméstica. Ao mesmo tempo em que continuou com os afazeres da casa, ajudando ainda a família na lavoura e em outras lidas, como cuidar da produção leiteira, a mulher evoluiu. Tem pontos de vista a defender, e faz isso com uma vontade que em 1976 estava apenas sendo estimulada. Durante o IV Encontro Integração de Núcleos Cooperativos, realizado dia 16 de novembro em Ijuí, as idéias da mulher foram mais uma vez defendidas, numa reunião histórica, com mais de mil pessoas. E o importante é que essas idéias não ficam restritas aos problemas específicos de quem até hoje é oficialmente considerada "doméstica". A mulher vai mais longe, e passa a ver sua situação dentro de um todo, que igualmente não se limita ao espaço da agricultura. Nas páginas 14 a 16, contamos o que foi a quarta e maior edição do Integração na Pioneira.

A Cotrijuí irá exportar, até o próximo ano, 500 toneladas de carne ao Iraque. É a primeira venda para o exterior realizada pelo frigorífico da Cooperativa em Dom Pedrito. O contrato é o resultado de três anos de gestões junto ao governo federal, para que o frigorífico conseguisse carta como exportador. Com esta venda, a Cooperativa pode estar iniciando uma nova etapa em Dom Pedrito, onde o frigorífico vinha tendo até agora sua produção voltada exclusivamente ao mercado interno. Este mercado, aliás, também passa a merecer atenção, com o lançamento de cortes escolhidos de carne, destinados à classe média alta, que ainda tem acesso ao produto no país. Páginas 6 e 7.

Foram por água abaixo os planos dos agricultores do Sul do país, que esperavam contar com um melhor atendimento médico-hospitalar. O sonho durou pouco, ou seja, pouco mais de quatro meses, que foi o tempo de duração do chamado Plano Paraná, implantado em junho para os rurais. Se desse certo, o Plano - implantado no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina - seria aperfeiçoado e estendido aos outros Estados. Mas não deu. A Previdência, quebrada há muito tempo, terminou com o Plano, que havia trazido bene-

fícios aos agricultores. O impasse está criado, pois os hospitais gaúchos se negam a assinar novos convênios para receber verbas fixas e continuar atendendo agricultores. No Estado, produtores de mais de 80 por cento dos municípios já estão sem esta assistência. Página 5.

Quem já pode constatar na prática a eficiência do *Baculovirus anticarsia* no combate à lagarta da soja? Certamente que um número bastante restrito de produtores da região, pois até o início do ano, a doença preta da lagarta, como também é chamado o tal de vírus, ainda era uma novidade. Mesmo assim, alguns produtores que tiveram a oportunidade de utilizar esse novo manejo de pragas, ficaram satisfeitos com os resultados obtidos a nível de lavoura. Apesar de recente, o vírus da doença preta da lagarta foi diagnosticada pela primeira vez no ano de 1962, no Peru. Dez anos depois, o vírus foi isolado e estudado mais a fundo na cidade de Campinas, em São Paulo. Comprovada a sua eficiência no controle das lagartas e mesmo na preservação de outros predadores na lavoura, várias instituições de pesquisa estão se dedicando a multiplicação do tal vírus. A Cotrijuí também está trabalhando na multiplicação do *Baculovirus*. Página 17.

O município de Ijuí já conta com o seu programa de conservação de Solo. O programa é o resultado de um trabalho conjunto de várias entidades locais, ligadas à área agrícola e que tem como finalidade, assegurar a produtividade e a qualidade dos solos da região, tão desgastados pela prática de métodos inadequados de exploração. Páginas 8 e 9.

Os produtores da região estão plantando mais soja nesta safra. Mas o milho, outra cultura importante para a região, sofre uma redução na área de plantio de quase 33 por cento. Para o azar do milho, seus espaços estão sendo preenchidos pela soja, que só nesta safra já cresceu em 3,5 por cento. A redução na área de milho é atribuída a estagnação dos preços do produto nestes dois últimos anos, aliada à falta de uma política de incentivo ao setor. Outra preocupação que vem sendo levantada diz respeito a qualidade da lavoura que está sendo plantada. Página 4.

Do leitor

ESTUDANTE

Venho por meio desta manifestar meu desejo como estudante do curso de agronomia da Universidade Federal de Santa Maria, de receber - pela assinatura - o Cotrijornal da Cotrijuí, que muito contribuirá para aprimorar meus conhecimentos, hoje precários, fortalecendo meu futuro como um profissional capacitado e em afinidade com os acontecimentos que cercam o meio rural.

Para tanto, estou enviando um cheque nominal no valor de sete mil cruzeiros (Cr\$ 7.000), em nome da Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.

Desde já, antecipo meus sinceros agradecimentos pelo pronto atendimento e pela atenção dispensada.

Atenciosamente
Nilton Silva da Cunha
Santa Maria - RS

PROFESSOR

Sou professor de Técnicas Agrícolas em diversas escolas do meio rural e meses atrás tive a oportunidade de ler o Cotrijornal e achei seu conteúdo de alto nível e com as técnicas mais modernas possíveis. Por isso, gostaria de receber exemplares gratuitos do mesmo, bem como alguns exemplares editados de anos anteriores.

Sem mais e certo de que serei ime-

diatamente atendido, desde já agradeço.

Cordialmente
Jorge Luiz Cardozo
Carazinho - RS

INFORMES

Conhecedora de vosso jornal e de sua importância nos seus informes agrícolas, venho através desta pedir informações de como recebê-lo periodicamente.

Certa de sua atenção, agradeço
Ildete Dal Pizzol
Marmeleiro - PR

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cr\$ 7.000. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Tritícola Serrana Ltda.

- Cotrijuí - Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal 111) Ijuí - RS - CEP 98.700.

HOSPITAL BOM PASTOR S/A.

Av. David José Martins, 1.376 - IJUÍ - RS -
Ao lado da Rádio Repórter - Fone 332-2690

ESTÁ ABERTO A TODA A COMUNIDADE

- Internações em caráter: PARTICULAR, IPE, UNIMED, INPS e FUNRURAL
- Atendimento médico nas áreas de: CLÍNICA MÉDICA, CIRURGIA, PEDIATRIA, GINECOLOGIA e OBSTETRÍCIA, TRAUMATOLOGIA E ORTOPEDIA.
- Serviço de ENDOSCOPIA e ENDOFOTOGRAFIA DIGESTIVA

- PLANTÃO MÉDICO: Consultas nas 24 horas do dia, inclusive sábados, domingos e feriados.



Saindo do caramujo

As multinacionais e outros grupos interessados na desestabilização do cooperativismo nunca salivaram tanto como no ano passado. Setores do sistema se viram envolvidos em escândalos, e o assunto foi um prato cheio para os que tentavam vincular tropeços de grupos com todo o setor. Se isso fosse possível, não haveria área alguma, no país e fora dele, que pudesse se considerar inatacável, pois escândalo é o que não falta. Mas as cooperativas, refeitas do susto, começam a sair da defesa e ir ao contra-ataque. Não contra os que tentaram comprometer sua imagem, mas para defender seus interesses. É por aí que o sistema inicia uma caminhada, que deve levar um bom tempo para corrigir inúmeras falhas, como o distanciamento que se criou entre a estrutura que toma decisões e o associado. Também é por aí que, ao mesmo tempo que se dispõe a refletir internamente, o setor consegue enxergar o todo, o que há à sua volta. Isso ficou bem claro quando do Grito do Campo, e depois durante o VII Seminário Gaúcho de Cooperativismo, promovido pela Ocergs em Santa Maria, quando o mais forte apelo foi para que o sistema perca a timidez e deixe de se encaramujar. Em Ijuí, no IV Encontro Integração, reunindo mulheres do meio rural, ficou evidente que o mesmo comportamento é assumido por esposas e filhas de produtores. E ver o todo significa assumir posições que levem em conta não só a coisa imediata e as questões específicas da agricultura. A passada é larga, e tem o tamanho da importância que o cooperativismo quer ver reconhecida, como setor que movimenta 40 por cento da economia gaúcha. E o bom nisso tudo é que a democratização, que se persegue para o país, vai sendo buscada também para o sistema. Uma anda ao lado da outra, mesmo porque, se não fosse assim, tudo o que se fez e se espera fazer, em favor de uma cooperativa mais aberta, não teria sentido.

Sucam trocou os venenos



A Sucam decidiu trocar o BHC pelo Malathion, para combater o barbeiro no interior do Estado. A troca de veneno é o resultado da realização de agricultores de Ijuí, Santo Ângelo e outros municípios, que contaram com o apoio de várias entidades, quando da discussão que se estabeleceu em agosto em torno dos perigos do BHC. O inseticida, que já é proibido na agricultura, seria aplicado dentro de casa, para matar o inseto que transmite a Doença de Chagas. O diretor da Sucam (Superintendência de Campanhas do Ministério da Saúde) no Estado, Antônio Alves Pereira da Silva, foi quem anunciou que o Malathion será o veneno usado. O BHC, pelo que se sabe, provoca o câncer e outras doenças, e seu substituto seria menos danoso para a saúde. Mas há quem assegure que o Malathion causa efeitos mais agudos, com intoxicações no momento em que é aplicado. O problema é que o barbeiro existe na região e precisa ser combatido.



Casarão do parque de Dom Pedrito ganhou pintura, mobília e recepcionistas

Investindo na imagem

O criador de gado de corte está satisfeito com o atual momento para a pecuária, e demonstra isso no seu dia-a-dia e, especialmente, quando de eventos especiais. Foi o que aconteceu em Dom Pedrito, durante a 51ª Exposição Agropecuária, de 24 a 29 de outubro.

Apesar de não esquecer da falta de recursos para custeio e comercialização (veja nas páginas 6 e 7), o criador de gado de corte admite que os preços são compensadores, e espera que este novo ciclo favorável, iniciado em 82, se prolongue por um bom tempo. O casarão da foto acima é prova disso. O prédio, do início do século, abrigou por vários anos

um moinho, e está hoje na área onde o Sindicato Rural de Dom Pedrito realiza suas exposições. Para a mostra deste ano, o sobrado — que há um bom tempo se transformara numa sede já desbotada — ganhou ampliações, nova pintura e até móveis coloniais trazidos da Serra. O parque todo também foi remodelado, e até a recepção aos visitantes mereceu atenção, com moças pilchadas de verde e amarelo. Numa hora boa, o pecuarista fez questão de mostrar seu entusiasmo: pintou a casa e cuidou da aparência. Pena que este momento tenha de ser atribuído quase que somente às exportações, e que o consumidor brasileiro, cada vez mais longe da carne, não possa fazer o mesmo.

O "inverno" de novembro

Este senhor que aparece na foto ao lado andava assim, todo encasacado, no dia 12 de novembro. Ele recorreu ao casarão, mas teve gente que andou até de pala, num mês que — pelo menos na primeira quinzena — teve um tempo muito louco. Fez frio em novembro no Estado, e em algumas regiões até parecia inverno. Em Bom Jesus, a cidade que registra as temperaturas mais baixas no Rio Grande do Sul, teve madrugada com até 8 graus positivos. No dia 10 de novembro, o CTC da Cotrijuí, em Augusto Pestana, registrou 11 graus. Para completar, a primeira quinzena foi marcada por chuvas mûidas, que igualmente têm muito mais a ver com o inverno do que com o meio da primavera. Houve semana inteira com chuvas, e até o dia 12 as precipitações haviam somado 80,3 milímetros. Daqui pra frente, o que se espera é que a água que sobrou em novembro não falte no forte do verão. E pelo que se ouve de previsão, não vai faltar. O Observatório Antares, de Montevidéu, que acerta muitas e erra poucas, anuncia que o verão será de chuvas esparsas, mas sem estiagem. Vamos torcer para que ele esteja certo de novo.



Encasacado, quase no verão

● O ônibus da Turijuí, que desde junho de 1981 vinha levando e trazendo gente da Região Pioneira ao Mato Grosso do Sul, voltou a viajar no dia 20 de novembro. O ônibus, fretado pela Cotrijuí para transportar dirigentes, funcionários e associados da Cooperativa, estava parado, por problemas com burocracia, desde o início de outubro. Inicialmente, voltará a realizar viagens a cada duas semanas, saindo de Ijuí em datas que serão antes anunciadas.

● O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) deixará de ser o fiscalizador das cooperativas. Esta e outras atribuições passam agora à Secretaria Nacional do Cooperativismo (Senacoop), criada por decreto do presidente João Figueiredo no dia 31 de outubro. A Secretaria ficará ligada ao Ministério da Agricultura.

● O milho está sem o cartaz que lhe prometeram, no final da década de 70, como produto que poderia substituir a soja. Na Região Pioneira da Cotrijuí, a redução na área de plantio deve ficar em 33 por cento, acompanhando um comportamento meio geral. Mas a Comissão de Financiamento da Produção anuncia que os agricultores plantaram mais milho este ano no Paraná e em Santa Catarina. Será que lá os preços são compensadores? Ou as estatísticas estão outra vez furadas?

● Açougues de Porto Alegre, especializados na venda de carne a consumidores da classe "A", estão cada vez mais aceitando cartão de crédito de seus clientes. Os cartões — geralmente utilizados para compras mais sofisticadas — são usados pela alta classe média. Há também açougues que estão vendendo carne em prestações na capital gaúcha.

Nova lei terá que esperar

A nova lei dos agrotóxicos não mais será aprovada a toque de caixa, como pretendiam especialmente os fabricantes de venenos. O projeto, elaborado pelo governo federal, foi enviado ao Congresso, meses atrás, e já estava na fila à espera de apreciação, em outubro, quando várias entidades do país se levantaram contra a matéria. O texto foi retirado de pauta, para novos estudos, após acordo entre os partidos. É claro que esse recuo foi determinado pelas pressões exercidas por agrônomos, ecologistas, técnicos agrícolas e outros profissionais, que se manifestaram contra a nova lei através de suas entidades. O projeto previa que o governo federal centralizaria quase tudo o que se relaciona com a fiscalização na área de defensivos. Isto tornaria nulas as leis estaduais, que existem no Rio Grande do Sul e em outros 13 Estados. Para as indústrias, seria uma vitória, pois a legislação federal, se aprovada, tornaria bem mais branda a fiscalização.

Mais um ponto para varejo

O entreposto de hortigranjeiros da Cotrijuí conta com mais um ponto de venda ao consumidor, inaugurado dia 16 de novembro na rua Emílio Glitz, uma esquina que fica bem na divisa dos bairros Elizabeth, Getúlio Vargas e Industrial. Este é o segundo ponto para venda no varejo em Ijuí, pois o setor já contava com outro, na Avenida Coronel Dico. O gerente do entreposto, Nelci Baroni, diz que assim "teremos mais uma opção para a venda de hortigranjeiros e estamos ampliando o serviço ao consumidor". No início de dezembro, o setor terá outra inauguração, desta vez das melhorias no entreposto — localizado na rua do Comércio. O local ganhou prédio novo, que irá facilitar o acesso de vendedores e consumidores.

Alberto Sabo (1914-1984)

O cooperativismo das regiões de trigo e soja perdeu um de seus pioneiros, no dia 12 de novembro, com o falecimento de Alberto Sabo, sócio-fundador da Cotrijuí. Seu Alberto estava com 70 anos de idade, e era casado com dona Emília Sabo. Desde dezembro de 1979, ele desempenhou funções como dirigente da Cotrijuí, assumindo na época como conselheiro fiscal. Depois, integrou também o Conselho de Administração da Cooperativa. Seu Alberto era agricultor e empresário do setor de máquinas e implementos, e residia em Ijuí, onde nasceu a 2 de abril de 1914. Ele faleceu em consequência de um ataque cardíaco, por volta das 7 horas do dia 12, quando realizava exercícios físicos em sua residência.

O dinheiro ainda anda escasso

Mas Banco do Brasil garante que a situação na região não é alarmante.

Depois de quase um mês de espera, o governo liberou, no início do mês de novembro, parte dos recursos necessários para a formação das lavouras de verão. Essa verba liberada, segundo o ministro da agricultura, Nestor Jost, deveria ficar na ordem de Cr\$ 1 trilhão, quantia necessária para atender, neste mês, as liberações de propostas de custeio já contratadas e também para aquelas que esperavam por decisão do Banco do Brasil. Mas na verdade, ainda não se sabe ao certo o montante liberado até o momento para o setor agrícola e que envolve as duas primeiras parcelas a que tem direito o produtor ao contratar financiamento. O próprio Banco do Brasil diz que neste mês, para uma demanda de Cr\$ 1 trilhão, foram liberados apenas Cr\$ 400 bilhões. Fontes do Ministério da Agricultura vão mais além e dizem que este montante liberado já anda por volta de Cr\$ 500 bilhões. E há ainda quem levante a tese de que esta oferta de recursos, apenas para cumprir os contratos do mês de novembro, não deve ter ultrapassado a casa dos Cr\$ 320 bilhões.

Desencontros à parte, a verdade é que já está faltando dinheiro e o receio da classe produtora é que a situação fique ainda pior do que já estava. E embora o ministro Nestor Jost tenha calculado que cerca de Cr\$ 1 trilhão seria o necessário para atender as liberações de propostas de custeio do mês de novembro, já se sabe que esse dinheiro não cobriu nem 40 por cento de propostas. Sem dinheiro, o Ban-

co do Brasil foi obrigado a parar de receber novas propostas. Agora a expectativa do setor agrícola, é de que o governo autorize uma expansão um pouco maior, nem que seja apenas para cobrir as liberações já contratadas.

Toda essa situação de expectativa, até certo ponto aliviada com a liberação de dinheiro nos primeiros dias de novembro, serviu para criar uma certa tensão nos meios agrícolas. Muito se falou e ainda se tem falado não só em redução na área de cultivo, mas principalmente na produtividade, como consequência da redução no uso de insumos básicos e de sementes de baixa qualidade na formação das lavouras. A própria Fecotrigo, estimou recentemente, uma redução na ordem de 10 por cento no plantio de milho e quase três por cento na área de soja. A Fearroz - a Federação das Cooperativas de Arroz do Estado - estimou uma queda em torno de dois por cento no plantio de arroz.

SITUAÇÃO RESOLVIDA

Para custear a formação das lavouras de verão, o Banco do Brasil destinou às suas agências no Estado, apenas Cr\$ 150 bilhões, dos Cr\$ 400 bilhões disponíveis no início de novembro e necessários a liberação dos contratos já realizados.

Mas apesar da falta generalizada de recursos para custear a formação das lavouras de verão, a situação não parece ser tão alarmante na região. Só a agência do Banco do Brasil de Ijuí, com jurisdição em Augusto Pestana e Ajuricaba, já libe-

rou verba para o plantio de 84.282 hectares de soja. "O que temos em atraso, justifica o gerente Amário Mombach, não chega a atingir o montante de Cr\$ 1 bilhão". E temos certeza que nos próximos dias, no máximo até o dia 20 de novembro, com a entrada das indenizações de Proagro e o retorno do pagamento do trigo, essa situação já estará resolvida".

Para Amário Mombach, a situação é bem melhor do que a esperada. "O produtor não está deixando de plantar". E ele justifica essa afirmação, dizendo que no ano passado, nesta mesma época do ano, o Banco do Brasil havia liberado financiamento para a formação de 80.163 hectares de soja. A área de arroz da região permaneceu nos mesmos níveis, por volta de 250 hectares e a do sorgo cresceu em 100 por cento, passando dos 30 mil hectares plantados na safra 83/84 para 60.000 nesta safra.

Para a lavoura de milho, Mombach disse que foram liberados recursos para a formação de pouco mais de 1.100 hectares. A redução ficou em torno de 55 por cento.

Na primeira semana de novembro, segundo o gerente da agência local, o Banco do Brasil já havia liberado 93 por cento da área a ser plantada na região, e os produtores já tinham em mãos o dinheiro para aplicar na formação da lavoura. "Entramos na crise de falta de recursos por muito pouco. Na verdade ela nos pegou por um acaso, pois aproveitamos o retorno da soja e tratamos de liberar os cus-



Amário Mombach

teios que vinham sendo solicitados, muito antes que estourasse todo o problema, explica Mombach.

Apesar da situação em vias de se normalizar, "pois apenas poucos contratos ainda não foram atendidos por falta de recursos", o gerente da agência do Banco do Brasil de Ijuí, admite que de início havia a preocupação de que houvesse uma retração muito grande por parte dos produtores com relação a tomada de financiamento para a formação de suas lavouras. "Mas a situação se modificou e a procura de recursos para aplicar nas lavouras desta safra foi tão grande quanto em anos anteriores. O produtor não discutiu as taxas de juros porque ele ainda acha, mesmo que no final da safra não sobre uma quantia muito grande de dinheiro, que é melhor plantar do que deixar a terra sem nada".

Cresce a lavoura de soja na região

As previsões iniciais indicando que a cultura do milho ocuparia um espaço menor nesta safra, já estão mais do que confirmadas. Dos 84 mil hectares plantados na safra 83/84 na área de ação da Cotrijuf, Região Pioneira, calcula-se que neste ano, apenas pouco mais de 56 mil hectares estejam sendo ocupados pelo milho. Em compensação, a soja, tendo a seu favor o livre acesso ao mercado internacional, toma novos espaços, inclusive o do milho, e cresce em torno de 3,5 por cento. Nem mesmo o alto custo dos insumos e as dificuldades de conseguir recursos necessários para a formação das lavouras, intimidaram os produtores, que mais uma vez, resolveram apostar numa cultura de retorno mais rápido e maior lucratividade, até como forma de equilibrar suas finanças.

A redução na lavoura de milho na região é vista pelo diretor Agrotécnico da Cotrijuf, como uma questão preocupante e que tem como causa os preços desestimulantes praticados nos dois últimos anos e considerados pelos produtores como pouco atrativos. A estabilização dos preços do milho é uma consequência da crise que atravessa a avicultura e a suinocultura, os principais consumidores do produto.

QUALIDADE

Mas na verdade a maior preocupação do diretor agrotécnico da Cotrijuf, está voltada para a qualidade da lavoura que está sendo plantada. Os escassos recursos liberados pelo governo, associados a descapitalização generalizada do produtor, não estão permitindo que as lavouras sejam formadas com a devida atenção. O produtor está substituindo o uso de fertilizantes por um calcariamento - nesta safra foram liberados recursos para esta prá-



Renato Borges de Medeiros

tica -, que num curto espaço de tempo pode apresentar resultados satisfatórios. "Mas num período mais longo, se não houver uma reposição destes fertilizantes, a redução nos rendimentos será ainda maior", explica o agrônomo, lembrando mais uma vez, que nem mesmo os rendimentos atuais da soja, em torno de 1.600 quilos por hectare, têm sido satisfatórios. O próprio milho, atualmente com 2.000 quilos por hectare, poderia alcançar tranquilamente 4.000 quilos por hectare, "sem necessidade de grandes quantidades de fertilizantes". O Renato sugere, como forma de aumentar o rendimento do milho, práticas mais ao alcance do produtor, como o plantio de leguminosas durante o inverno. "O plantio de ervilhaca, por exemplo, é uma prática comprovada no Centro de Treinamento e que além de promover o melhoramento do solo, aumenta o rendimento", explica.

REDUÇÃO

Se na Região Pioneira a área de milho caiu de 84 mil hectares para pouco mais de 56 mil, a da soja pulou de 287 mil hectares cultivados na safra passada, para 296 mil hectares neste ano. A redução na área de milho ficou em torno de 33 por cento. O sorgo também perdeu terreno. Se no ano passado foram cultivados 2.556 hectares, neste ano, pouco mais de 1.000 hectares estão sendo destinados a cultura. A mesma coisa aconteceu com o feijão e o arroz. Nesta safra estão sendo plantados 1.420 hectares com feijão contra os 1.620 hectares cultivados no ano passado. A área de arroz reduziu de 1.700 para 1.410 hectares.

Na Regional de Dom Pedrito, as previsões indicam que a área de soja deverá ficar em torno de 26 mil hectares, contra os 23 mil cultivados na safra 83/84. A estimativa de colheita deverá girar ao redor dos 600 mil sacos. A área de arroz deverá atingir os 25 mil hectares, com uma previsão, de colheita por volta dos dois milhões de sacos. As condições climáticas atrapalharam um pouco o plantio

do arroz na região de Dom Pedrito, obrigando alguns produtores a trocarem variedades precoces por variedades mais do tarde. O sorgo vai ocupar este ano pouco mais de três mil hectares, com uma previsão de colheita em torno de 150 mil sacos.

A soja vai atingir, na área de ação da Cotrijuf, no Mato Grosso, 761.120 hectares nesta safra contra os 745.620 plantados no ano passado. O crescimento da área com soja foi de 2,08 por cento. Desta forma, a soja poderá ocupar no estado do Mato Grosso do Sul um milhão e 200 mil hectares. O milho vai passar dos 132 mil hectares para 140 mil hectares, enquanto que o algodão aumenta de 34.451 mil hectares para 60 mil hectares. O amendoim terá uma área de 2.000 hectares; o feijão das águas 15 mil hectares e a cana de açúcar 55 mil hectares. O arroz, a exemplo do que ocorre com o milho na região, está perdendo espaço na lavoura. Este ano os produtores vão plantar apenas 320 mil hectares, contra os 374.290 plantados no ano passado. A redução é de 14,5 por cento.

Demonstrativo da Estimativa de Área a ser plantada com culturas de verão, Safra 84/85. Região Pioneira.

CULTURAS	Área estimada (ha)	Área plantada (ha)	Área plantada (1) (%)
Soja	296.700	43.986	15
Milho	56.500	52.955	94
Arroz	1.410	945	67
Feijão	1.420	1.415	99,5
Sorgo	1.062	411	40

Fonte: Informativo Semanal de Safras (1) - O percentual plantado refere-se até o dia 7.11.84.



O Plano Paraná para os rurais durou pouco mais de quatro meses. Todas as conquistas dos agricultores deixam de existir, a Previdência anuncia o retorno dos convênios do Pró-Rural, e os hospitais protestam

De novo, na estaca zero

O presidente da Seção Planalto Médio da Amrigs — Associação Médica do Rio Grande do Sul, Rogério Machado de Souza, estava certo, em junho último, quando fez uma previsão sobre a extensão do Plano Paraná aos agricultores. "Este sistema não irá durar muito tempo", disse ele na época. Rogério acertou em cheio. O Plano Paraná para os rurais, implantado dia 21 de junho, não mais existe desde o final de outubro, deixando os pequenos produtores e trabalhadores do campo e da lavoura em situação complicada. Muitos hospitais se negam a voltar a atender pelo antigo sistema do Pró-Rural.

O Plano Paraná já vinha sendo utilizado para os segurados da cidade desde fevereiro deste ano. Ele ganhou este apelido porque surgiu no Paraná, como forma de conter os gastos da Previdência, e até que chegou a ser encarado como algo que daria certo. Mas não deu. Em junho, o Plano — que na verdade se chama sistema de Autorizações para Internações Hospitalares (AIH) — foi estendido aos rurais, e agora já é dado como praticamente falido. A Previdência, que há tempos está quebrada, não suportou os gastos provocados pelo Paraná, e até acusa os hospitais pelo problema.

VANTAGENS

Os agricultores foram, em boa parte, beneficiados pelo Plano, durante seu curto tempo de duração. O sistema proporcionou a realização de várias cirurgias

que não eram permitidas pelos antigos convênios do Funrural, por causa da insuficiência de verbas. Pelo Plano, os hospitais ganham por serviço prestado. Pelos convênios antigos, que a Previdência quer agora aplicar de novo, as verbas eram fixas.

O certo é que, com algumas vantagens para o agricultor, o Plano Paraná não ofereceu benefício nenhum para os hospitais (veja abaixo). As casas de saúde não conseguem obter o pagamento de muitos serviços, e recebem o dinheiro da Previdência com atraso e valores desatualizados. Para o produtor, o fim do sistema AIH não significa apenas que ele terá que continuar na fila à espera de uma cirurgia que talvez nem aconteça. A partir de agora ele não mais poderá também ser internado em qualquer hospital, como o Plano permitia, mas apenas nas casas de saúde de seu município ou que atenda sua localidade.

ACUSAÇÃO

"Até parece uma provocação", disse o presidente da Fetag — Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Rio Grande do Sul, Ezídio Pinheiro, quando soube da notícia sobre a extinção do Plano para os rurais, no final de outubro. O sistema havia sido implantado no Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina, e iria depois — se desse certo — ser estendido aos outros Estados. Mas a Previdência não suportou a inovação nem como experiência, e há agora a ameaça de que



Poucos hospitais do Estado continuam prestando assistência ao agricultor

hospitais de 200 municípios gaúchos deixarão de atender agricultores.

O ministro Jarbas Passarinho justificou a decisão, dizendo que as verbas para o atendimento aos agricultores estavam esgotadas, porque os hospitais gastaram além do previsto. Passarinho fez uma acusação: os hospitais estariam manipulando as contas enviadas à Previdência, transferindo para as quotas de atendimento aos rurais os serviços que deveriam ser contabilizados como parte da assistência aos trabalhadores urbanos. Foi aí — disse ele — que deu o estouro, com gastos 103 por cento acima dos previstos.

GASTOS

É claro que os hospitais, e tampouco os agricultores, aceitam esta explicação. Mesmo porque já se sabia, em junho, que o dinheiro enviado para pagamento dos serviços era insuficiente para cobrir as despesas. A Previdência paga menos do que os hospitais precisam para, principalmente, realizar cirurgias. Esta insuficiência fez com que muitas casas de saúde passassem a cobrar a chamada de "diferença" dos segurados. Também os médicos dizem receber menos do que merecem pelo atendimento que prestam (veja Cotrijornal de junho).

O chefe do Serviço de Medicina Social do INAMPS de Ijuí, Bruno Wayhs, acha que as dificuldades enfrentadas pela Previdência eram previstas. "Havia uma assistência represada, que o Plano Paraná liberou, principalmente com as cirurgias

que antes não eram realizadas", diz o médico. Casos de hérnia crônica, catarata, pedra na vesícula e outros passaram a ser tratados como operações, e não só com medicamentos. O número de internações cresceu, e a Previdência teve mais gastos com hospitais e médicos.

AMEAÇA

Para os trabalhadores urbanos, que não são atingidos pela mudança, o Plano Paraná não chegou a apresentar vantagens, mas neste caso a Previdência vem sendo beneficiada. O Plano limita o tempo de permanência de um doente no hospital, e estabelece valores fixos para cada tipo de tratamento. Foi assim que o governo conseguiu conter despesas, e chegou a se convencer de que os rurais também poderiam ser atendidos da mesma forma. Os burocratas encarregados de fazer estimativas erraram nas contas.

O problema agora é que a Previdência quer ressuscitar os antigos convênios do Pró-Rural, com verbas fixas, que os hospitais rejeitam. As verbas são reajustadas sempre com índices bem abaixo da inflação e dos custos da assistência médico-hospitalar, e não cobriam ninguém. Isso é que preocupa a Fetag, e deve provocar uma nova mobilização nos Estados do Sul do país. Se os hospitais cumprirem com a promessa de que vão suspender o atendimento aos rurais, mais de dois milhões de pessoas ficarão sem assistência no Estado.

A Previdência paga mal. Quanto paga

O Hospital de Caridade de Ijuí, com 200 leitos, não quer nem ouvir falar do retorno dos convênios, e já decidiu que não mais irá atender agricultores, após a extinção do Paraná. O HCl já vinha enfrentando prejuízos com as contas enviadas à Previdência, e que não são pagas integralmente, e teria problemas maiores com a volta do Pró-Rural, segundo seu presidente, o médico Milton Wayhs. Pacientes que seriam do HCl terão agora que recorrer aos hospitais Coronel Dico, do distrito de Coronel Barros, e Bom Pastor, localizado na cidade, ambos mantidos pela Cotrijornal.

Milton Wayhs lembra que as verbas fixas dos convênios somente serviam para gerar atritos entre o hospital e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. O dinheiro é insuficiente e os reajustes nos valores acontecem com atraso e com índices muito baixos. O convênio que o HCl tinha com a Previdência foi rescindido em junho último, e o sistema não será reativado. Hoje, o agricultor que preferir ser internado no hospital paga a conta, como particular, ou recorre aos convênios com a Unimed.

QUOTAS

O médico ressalta, no entanto, que o Plano Paraná não oferece tantas vantagens aos hospitais, como possa parecer. Uma prova disso é que em outubro, quando cobrou mil internações de segurados urbanos, o HCl recebeu o pagamento de apenas 315. A Previdência se nega a pagar



Hospital de Caridade de Ijuí, segundo o médico Milton Wayhs (acima), não quer saber dos convênios. Douglimar, do Bom Pastor, precisaria de Cr\$ 5 milhões para não lidar com prejuízos



o resto, sob o argumento de que houve "excesso" de internações. Isso fez com que o hospital reduzisse de 250 para 200 o seu número de leitos. Acontece que há uma quota de internações para cada hospital, como se fosse possível impedir que as pessoas adoecessem.

Esta é a mesma situação enfrentada pelo Hospital Bom Pastor, que em outubro enviou as contas de junho e julho, num total de Cr\$ 7 milhões e 939 mil, e recebeu apenas Cr\$ 3 milhões e 814 mil.

Só que, neste caso, não houve excesso de internações, de acordo com a quota estabelecida de 85 baixas por mês. Douglimar Radaeli, administrador do hospital, lembra outro absurdo, relacionado com as tais quotas. O Hospital Coronel Dico, que possui apenas 19 leitos, tem direito a um número de internações superior ao do Bom Pastor, onde existem 41 leitos.

TAXAS

O Bom Pastor continuará atendendo os rurais, mesmo porque é mantido pe-

la Cotrijornal, mas terá minguados recursos, e se vê obrigado a cobrar taxas extras. Pelo convênio de junho, o hospital recebia Cr\$ 880 mil do Funrural, e há informações extra-oficiais de que a verba seria reajustada, em novembro, para Cr\$ 1 milhão e 603 mil. Segundo Douglimar, para prestar assistência aos agricultores, o Bom Pastor precisaria no mínimo de Cr\$ 5 milhões, mas se o HCl também se dispusesse a continuar atendendo pelo Funrural.

Numa reunião do diretor-administrativo do hospital, Gustavo Drews, do diretor técnico, João Craidy, médicos e produtores que integram a Comissão de Saúde da Cotrijornal, algumas decisões foram tomadas, dia 12 de novembro, para que o atendimento seja mantido. O segurado terá que pagar uma diária de Cr\$ 12 mil (para cobrir gastos com refeições, roupa de cama, água, luz e serviço de enfermagem), comprar os medicamentos (que terão preços de custo) e pagar também pelos exames de laboratório e raio X.

Se não for assim, segundo o administrador, não há como manter a assistência ao agricultor, pois a verba de Cr\$ 1 milhão e 600 mil cobre apenas gastos com funcionários e outras despesas de manutenção. Ele observa que o Bom Pastor irá receber muitos pacientes que o HCl deixará de atender. Será dada prioridade aos casos de urgência, e as cirurgias que possam ser adiadas somente ocorrerão se houver sobre de verba, o que certamente não acontecerá a partir de agora.

A etapa das exportações

Comercialização a nível de mercado interno também está sendo dinamizada

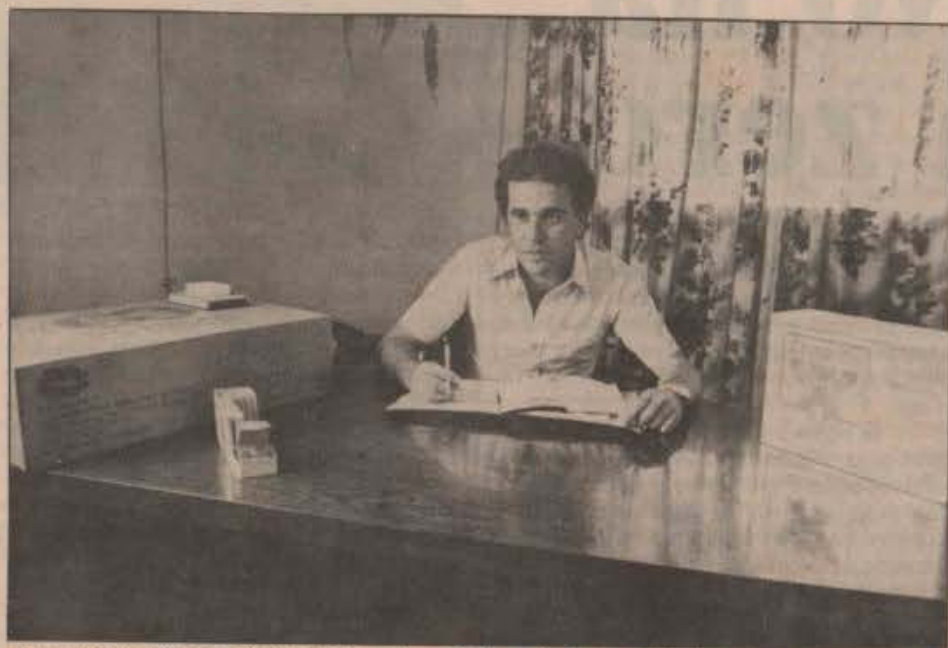
O Iraque será o primeiro país a consumir carne bovina dos campos de Ponche Verde, de Dom Pedrito, após a concessão, pelo governo federal, de carta de exportação ao frigorífico que a Cotrijuí mantém naquele município. Esta primeira venda para o exterior é uma das novidades da área de carnes, que a Regional registra desde o final de outubro. A Cooperativa também está lançando, neste caso para o mercado interno, caixas com cinco quilos de cortes nobres e carne destinada a churrasco. E em novembro inicia a venda direta de dianteiro à população de baixa renda com um caminhão que, transformado em "açougue ambulante", percorrerá os bairros da cidade.

Tudo isso surge agora como resultado de projetos que visam dinamizar a área de carnes, e terão, como consequência direta, não só um melhor atendimento ao consumidor, mas também retornos ao produtor. "É assim que o associado e também a população apostam mais na Cotrijuí, ao conhecer melhor seu funcionamento e perceber que os investimentos oferecem respostas concretas", observa o diretor da Regional, Tânio Bandeira. Ele está certo de que é igualmente desta forma que a Cooperativa atua cada vez mais integrada à comunidade.

500 TONELADAS

Juarez Pereira da Silva, gerente do frigorífico, relembra que a produção de carnes era, por tradição, dirigida ao mercado interno. Mas há três anos a Cotrijuí realiza melhorias no Frigorífico e gestões, junto aos órgãos federais, na tentativa de conseguir carta para exportações. Finalmente, em fevereiro último a carta foi concedida, e agora, em outubro, foi fechado o primeiro contrato, para embarque de 500 toneladas ao Iraque.

O frigorífico pertence à Cotrijuí desde 1977, quando aconteceu a incorporação da Cooperativa Pedritense, e sempre apresentou deficiências, como indústria de pequeno porte. Para almejar o direito de conseguir a carta que autoriza as ex-



Juarez: frigorífico está abatendo mais gado do próprio município

portações, e modernizar seu funcionamento, a Cotrijuí realizou, nos últimos anos, várias melhorias. Foram feitas reformas na sala de abates e no sistema de frio, pinturas, e até mesmo investimentos para melhorar a qualidade da água utilizada. Este detalhe, relacionado com a água, era um dos impasses para que o frigorífico pudesse exportar.

REBANHO LOCAL

"Hoje, o frigorífico tem as mesmas condições de qualquer outro, e está melhor estruturado também para competir no mercado", afirma Juarez. Segundo ele, é assim que os resultados passam a beneficiar o criador, na medida em que o setor se moderniza e torna a produção ainda mais viável. Prova disso é que a Cotrijuí absorve hoje uma fatia mais expressiva do gado de corte que o município oferece para abate. O criador de Dom Pedrito entrega mais gado à Cooperativa, e faz com que 80 por cento dos bovinos abatidos

pelo frigorífico procedam do próprio município e localidades próximas.

"Até uns dois anos atrás — afirma Juarez — nós tínhamos que recorrer ao gado de fora. Atualmente a prioridade é dada à valorização do rebanho local, que é um dos melhores do Estado". Tânio Bandeira complementa, lembrando que a meta é fazer com que o abate de animais de Dom Pedrito chegue a 95 por cento do movimento do frigorífico. Este ano, conforme estimativas, deverão ser abatidas em torno de 27 mil cabeças, considerando-se o movimento total.

O INÍCIO

A conquista de uma fatia do mercado externo, com a venda para o Iraque, pode ser apenas o início de exportações que Tânio Bandeira espera tornar frequentes, a partir de agora. As 500 toneladas serão embarcadas em parcelas mensais, até agosto do próximo ano, e até lá outros contratos poderão ser assinados

com países árabes. A carta para exportações, concedida em fevereiro, permite apenas a venda para estas nações, já que a autorização para negócios com o Mercado Comum Europeu e outros compradores mais exigentes envolve normas mais complicadas.

O interessante, de qualquer forma, é que o mercado árabe se apresenta como alternativa. "Eu não tenho dúvidas — diz Tânio Bandeira — que as exportações passarão a ser uma constante na vida do frigorífico". Ao mesmo tempo, é dada atenção ao mercado interno, com as "caixinhas de carne" (veja detalhes abaixo), com a marca "Tenrés", destinadas à classe média alta. Atingindo esta faixa de consumidores com um produto de qualidade, o frigorífico atende às exigências de um mercado comprador cada vez mais restrito, em função da queda no poder aquisitivo da grande maioria da população.

NOS BAIRROS

Os cortes de traseiro, mais caros, serão então destinados a estes consumidores com maior poder de compra, e a carne mais barata, de dianteiro, também terá sua comercialização dinamizada. Ainda em novembro, a Cotrijuí irá aderir à venda destes cortes diretamente à população, como já acontece em algumas cidades gaúchas. Um caminhão adaptado para funcionar como "açougue ambulante" percorrerá os bairros, vendendo cortes de meio a um quilo a preços mais baixos que os geralmente praticados no varejo.

A venda direta à população de baixa renda foi sugerida pelo prefeito José Caminha Coelho Leal, e logo aceita pela Cotrijuí. O caminhão estará durante um dia da semana em cada bairro, e certamente contribuirá para que o consumo de carne seja aumentado na periferia de Dom Pedrito. A iniciativa beneficia as duas partes: a Cooperativa, que passa a contar com uma nova clientela, e o consumidor, que comprará carne mais barata, sem intermediação.

Abate para os árabes é um ritual

Além dos fiscais do Ministério da Agricultura, que sempre acompanham tudo o que acontece dentro do frigorífico, a Cotrijuí terá mais uma pessoa a verificar os abates de gado destinado ao Iraque. Um muçulmano, que reside no Brasil, ficará atento ao trabalho, para saber se os animais serão abatidos de acordo com os rituais religiosos islâmicos. O gado não é sangrado como os demais, mas degolado, com uma faca de 30 centímetros de lâmina. O animal também não poderá sofrer a marretada ou choque elétrico, antes da degola, sendo apenas maneado, atado pelas patas. O abate, para os iraquianos e os árabes em geral, se constitui num ritual, que deve ser acompanhado por um religioso. O pessoal do frigorífico foi treinado, para que ninguém despreze estas normas, pois há detalhes que os árabes consideram importantes, como o de que a degola deve ser feita com apenas uma passada da faca. Tudo isso torna o serviço mais demorado, mas o ritual precisa ser obedecido, em respeito à religião dos importadores e até por força de contrato.

Novidade: a caixinha

A caixinha de carne, com a marca Tenrés, foi lançada pela Cotrijuí no dia 10 de outubro, em Dom Pedrito, e será vendida em Porto Alegre por uma rede de supermercados. Também deverá ser comercializada no varejo pela rede de mercados da Cotrijuí, e é provável que venha a ser vendida igualmente em Curitiba. A caixinha de papelão, com as cores verde, vermelha e branca, tem em média 5 quilos de carne destinados à faixa de população que mais consome o produto hoje no Brasil, e que é cada vez mais exigente.

Juarez Pereira da Silva, o gerente do frigorífico, observa que a carne é congelada, mas com vantagens em relação ao produto que tradicionalmente os mercados oferecem nos períodos de entressafra. "A carne congelada quase sempre fica envelhecida, por ficar muito tempo em resfriamento, e depois de congelada permanece ainda por vários meses estocada", explica ele. Quando é descongelada, esta carne apresenta uma coloração escurecida e um odor diferente. É claro que o consumidor termina rejeitando este produto.

Mas no caso da carne da caixinha, estas desvantagens desaparecem. Primeiro porque o produto ficará resfriado por períodos curtos, de 24 a 48 horas, e depois

de desossado será congelado. O congelamento poderá durar até 24 meses, sem que a qualidade da carne seja alterada, em função do pouco tempo de resfriamento. A caixinha é envolta por um plástico, e também o produto, em porções de 800 gramas, fica protegido por plástico.

ESCOLHIDA

A carne é escolhida, pois apenas serão vendidos cortes de animais jovens, de no máximo três anos e meio, sem excesso de gordura e sem pelancas. Uma das caixinhas tem os cortes nobres, em separado, e o consumidor poderá comprar filé mignon, alcatra, contra-filé, lombo, tatu, coxão de dentro, coxão de fora e patinho. Outra caixinha tem cortes para churrasco: picanha, maminha (ou ponta de alcatra), costela e vazão. E uma terceira apresentará cortes mistos.

Os preços são, em média, sete por cento superiores aos da carne vendida nos mercados. O quilo de alcatra (preço do dia 12 de novembro) custa Cr\$ 7.000; o de filé, Cr\$ 9.600; o de picanha e cos-



Cortes escolhidos são apenas sete por cento mais caros

tela (churrasco) Cr\$ 6.100. O frigorífico espera vender em torno de 30 toneladas destas carnes por mês, e manterá o abastecimento durante todo o ano. Isto porque o produto poderá ficar estocado, para que o fornecimento não seja interrompido na entressafra.

Juarez ressalta que hoje o consumidor da classe média alta compra carne para estocar em casa, e isso é facilitado pelo grande uso do freezer. Com a caixinha, este consumidor pode retirar diariamente a porção que vai utilizar, deixando o resto no congelador. Ele também lembra que a venda de cortes escolhidos desta forma não é uma novidade, pois já vem sendo praticada por outras empresas

Um bom momento

Com apoio às cooperativas, poderia ser melhor ainda

"O pecuarista está bem de momento e mal de contínuo". Esta frase é um dito antigo na região de pecuária, e quase sempre lembrada nas épocas boas para a atividade, como agora. O criador expressa assim sua desconfiança diante dos momentos favoráveis, pois enfrenta tantos altos e baixos, de anos em anos, e por isso evita a empolgação. E quem relembra este dito é o presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, Suleiman Hias, para quem a política oficial para o setor deve, com prioridade, fortalecer as cooperativas, e em consequência o produtor, que se vê quase sempre submetido aos interesses dos grandes grupos do setor, especialmente os frigoríficos multinacionais.

É na hora de comercializar a safra, segundo Suleiman Hias, que o criador enfrenta dificuldades, mesmo nos períodos mais favoráveis. Agora, por exemplo, o país ameaça importar carne da Europa, e a compra pode acontecer numa hora em que a safra gaúcha entra no mercado. "Isso é uma espada de dama no pescoço do criador", afirma ele, que não encontra justificativas para a importação. "O consumidor não terá uma carne mais barata, e o produtor é prejudicado, exatamente num momento em que poderia conseguir alguma capitalização".

MÚLTIS

A importação é apenas um exemplo da situação que se cria na hora de

vender a safra, que se estende de dezembro a abril. Geralmente, segundo o presidente do sindicato, faltam recursos para a comercialização, e os frigoríficos de cooperativas não têm como agilizar os abates e formar estoques. Aí é que os grupos multinacionais tiram proveito, através da oferta de preços que achatam os ganhos do produtor. Estes grupos manejam com o mercado como querem.

"As multinacionais, que dispõem de boas cozinhas industriais, podem comprar o animal inferior, de menor qualidade, pois transformam a carne em enlatados e embutidos", lembra Suleiman. Os frigoríficos de cooperativas, por sua vez, vendem a carne pura, não-industrializada, destinada aos mercados e açougues, e não podem usar o mesmo recurso. Com o controle das compras pelas múltis, e sem que as cooperativas e frigoríficos nacionais possam competir, estes grupos pagam baixos preços, favorecidos pela escassez de recursos para comercialização.

ATRASO

As verbas somente são liberadas em março pelo governo, quando a maior parte já foi comercializada. "Quando as multinacionais entram no mercado, os preços do boi caem automaticamente, e quando elas saem, o preço sobe, a partir de fins de maio, quando já não existe boi gordo para vender", explica ele. Isso impede, ao mesmo tempo, que as cooperativas possam re-



Suleiman: criador está mais cuidadoso na hora de fazer investimentos

munerar melhor o criador, e que se formem estoques nos frigoríficos nacionais.

"Se as cooperativas dispusessem de recursos, no pique da oferta — diz Suleiman —, elas poderiam inclusive colaborar com o governo para a formação de estoques em suas próprias câmaras frigoríficas, que quase sempre estão ociosas". Atualmente, ele admite que a situação de forma geral é razoável para a pecuária, em função dos preços praticados nos últimos dois anos, mas o impasse da falta de verbas para comercialização ainda persiste. Se não fosse isso, o quadro poderia ser melhor ainda.

CAUTELA

"Não chegamos a esperar que a pecuária tenha uma melhora muito superior à situação que registra hoje, mas desejamos que ela não piore", ressalta ele. Os preços realmente são compensadores (veja

abaixo), e o pecuarista, mesmo assim, não se entusiasma demais, agindo com cautela, em especial no que se refere a investimentos. "O pecuarista adquiriu maturidade, e não se envolve em investimentos de alto risco, deixando de lado inclusive os financiamentos para a compra de gado".

Hoje, nos remates de gado, os negócios são feitos sem a interferência dos bancos, mesmo que estes ofereçam empréstimos. Comprador e vendedor se entendem diretamente, com prazos de 30 a 60 dias para pagamento, em função dos altos custos do dinheiro dos financiamentos. Há cautela até mesmo quanto à formação de pastagens de inverno, e quem não se comportar assim vai terminar, como já aconteceu muitas vezes, "entregando sua propriedade para que seja explorada por outros".

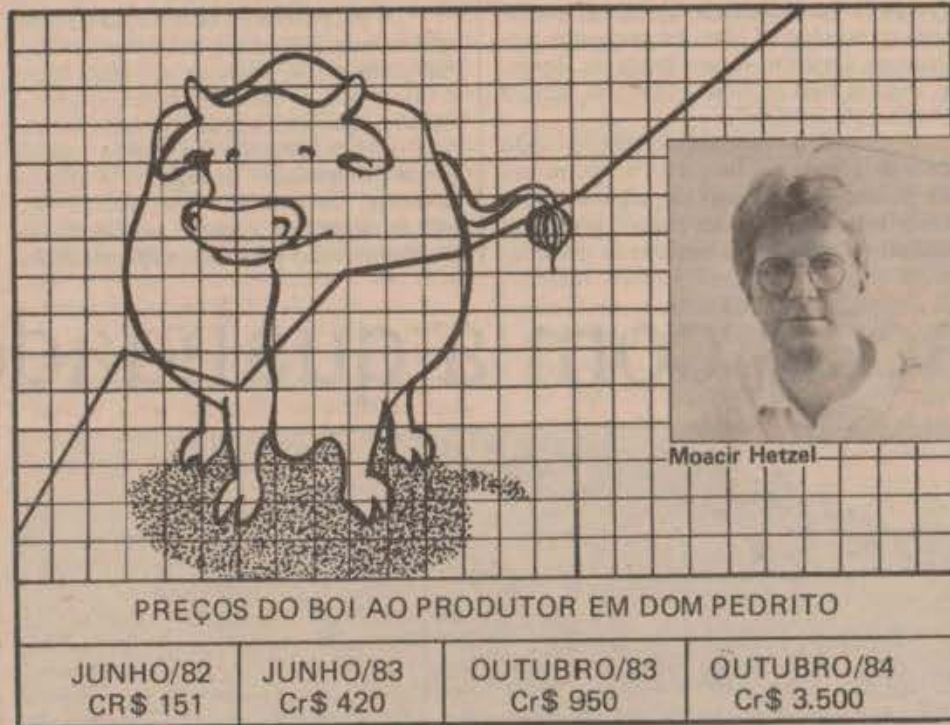
Preços ganham da inflação. Até quando?

Em junho de 1982, a Regional de Dom Pedrito estava pagando ao produtor Cr\$ 151,00 pelo quilo do boi (preço de carcaça), considerando-se um animal com peso médio de 200 a 209 quilos, ou seja, o boi convencional criado a campo. Em outubro último, o preço pago havia saltado para Cr\$ 3.500,00, num reajuste de 2.317 por cento neste período de junho de 82 até agora, enquanto a inflação acumulada ficou em 1.125 por cento. Considerando-se o preço de outubro do ano passado (veja tabela ao lado), o aumento do valor pago ao criador foi de 386 por cento. A inflação, em 12 meses, ficou em 210,9 por cento.

O preço do boi está ganhando fácil da inflação, como dá pra notar, mas este comportamento do mercado, registrado a partir de 1982, pode mudar com a entrada da nova safra e em função de outros fatores. A verdade é que a pecuária enfrenta ciclos bem definidos, e que explicam a frase lembrada acima pelo presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito, Suleiman Hias. Moacir Hetzel, analista de mercado da Criaec (Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas da Fidene), de Ijuí, lembra que estes ciclos duram, em média, uns seis anos.

CICLOS

"O último ciclo — diz ele — começou em 1977, passou por um pico em 1979 e terminou em 1982, com preços baixos". Foi também em 82 que se iniciou o novo ciclo, que teve preços acenhuados entre abril e outubro de 1983, entrando então numa fase de estabilidade. As etapas de altos e baixos são provocadas pelo jogo do mercado, pela oferta e pela procura. Nos momentos de bons preços, há investimentos em massa na atividade, e quatro ou cinco anos depois, com



o aumento dos rebanhos, os preços terminam caindo.

Acontece que a pecuária oferece retornos a médio prazo, já que é num período de quatro a cinco anos que um boi fica pronto para abate. Os períodos entre um ciclo e outro, entre os altos e baixos do mercado, são determinados pela demanda interna, pelas exportações, pelas importações. São fatores que se conjugam, para pressionar os preços para baixo ou para cima.

AMEAÇAS

Agora, por exemplo, a tendência é de estabilização nos preços, em função da maior oferta de carne, que deve ser provocada pela entrada da nova safra. E, para complicar, se anunciam importações do Mercado Comum Europeu, da Finlândia

e do Uruguai. O certo é que ninguém poderá afirmar, sem margem de erro, até quando o quadro geral será compensador para o criador, que em 83 viu os preços do boi crescerem em média 325 por cento no Estado, contra uma inflação de 211 por cento.

Moacir Hetzel enumera alguns fatores que já estão influenciando ou poderão influir no comportamento do mercado, com reflexos para a cotação da carne gaúcha, sempre lembrando que a situação pode ser alterada em função de mudanças no governo federal, pois em março o Brasil deverá ter novo presidente. Se a política para o setor e, enfim, a política econômica como um todo não forem alteradas, é provável que o ciclo se prolongue até

1986 ou 1987.

Os fatores apontados pelo analista são as exportações, as importações, o consumo interno e a entrada da safra. O Brasil — lembra ele — vem se firmando como exportador, a partir de 1980, e hoje o país é um dos três maiores vendedores de carne do mundo. Ao mesmo tempo em que, ao exportar, o país consegue melhor remunerar o produtor, fala-se muito em importação, que é o lado negativo do mercado externo para quem produz. As ameaças funcionam até mesmo para achar preços ou pelo menos impedir altas.

SALÁRIOS

O consumo interno, no meio de tudo isso, também contribui para as oscilações de preço. Em 1977, o consumo per capita no Brasil era de 20 quilos por ano. Este ano, se prevê uma redução para 13 quilos. O povo está comendo menos carne, e estes números podem ser explicados pelo achatamento salarial, que já atingia os mais pobres e passou a atingir também a classe média. Sem consumo interno, a tendência seria de queda nos preços da carne, mas as exportações terminam compensando possíveis perdas para o criador.

Há quem aposte na mudança da política salarial, a partir de agora, de novembro, para que o consumo interno reaja. Esta mudança, no tal decreto 2.065, irá fazer com que a classe média receba reajustes de salário com índices um pouco melhores que os praticados até então. O próprio presidente do Sindicato Rural de Dom Pedrito acredita na recuperação do consumo interno em consequência disto. Pode acontecer também que muita gente volte a consumir carne de gado, substituída em muitas mesas por carne de galinha nos últimos anos.

Um trabalho comunitário

Ijuí já conta com o seu programa de conservação

O que fazer para acabar com os problemas de erosão, causados por métodos inadequados de exploração do solo na região? Para despoluir rios, riachos e açudes? Evitar o escoamento direto das águas das lavouras até os rios e riachos, causando o seu assoreamento e contaminação? As respostas para estas perguntas parecem estar contidas no programa de Conservação do Solo para Ijuí, apresentado à comunidade em geral, na noite de 09 de novembro, durante reunião do movimento pela retomada do desenvolvimento, realizada na Associação Comercial de Ijuí. A minuta deste programa foi elaborada pela Associação dos Profissionais de Agronomia de Ijuí - Apaju - e Associação dos Técnicos Agrícolas do Rio Grande do Sul - 3º Núcleo Regional com sede em Ijuí -, que contaram ainda com a participação da Cotrijuí, Emater, Prefeitura Municipal, Imerab, Secretaria da Agricultura, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Sindicato Rural, Fidene/Unijuí, IBDF, entre outras instituições, que de uma forma ou de outra, atuam no setor agrícola.

Os agrônomos Léo José Goi, da Cotrijuí e Oli Fernando Soares, presidente da Apaju e mais os técnicos agrícolas, Pedro Maboni, presidente do 3º Núcleo da Atargs e Cláudio Gonchoroski, falaram sobre o programa, seus objetivos, estratégia de ação, na tarde de sexta-feira, dia 09, ao Cotrijornal e ao Jornal da Manhã.

TRABALHO CONJUNTO

A idéia destas entidades ligadas ao setor agropecuário de realizarem um trabalho conjunto na área de conservação de solo, nasceu justamente durante a reunião do movimento pela retomada de desenvolvimento realizada no dia 18 de agosto no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana. "Até antes, ressalta Oli Soares, a conservação do solo era apenas uma idéia isolada".

O agrônomo Léo Goi, explica que o projeto não significa que recém agora es-

teja sendo iniciado um trabalho na área de conservação de solos. "As próprias entidades envolvidas sempre trabalharam pela conservação do solo na região, só que de forma isolada". Acentua que a grande diferença que existe entre este trabalho que está sendo apresentado e que é fruto de muitos encontros, discussões e reuniões, e o que vem sendo feito, é que ele não será feito de forma individual, mas em conjunto, envolvendo inclusive a própria comunidade.

O alto grau de degradação do solo de nossa região, resultado da intensa exploração agrícola praticada, foi que levou estas entidades a se decidirem pela implantação deste projeto. "Todas as entidades que atuam nesta área, enfrentam os mesmos problemas de erosão, de compactação, de poluição do meio ambiente, diz o Oli Soares, só que na hora de atuarem, cada uma age de uma forma, com sua linguagem própria. Este procedimento só servia para dificultar a conscientização dos produtores, pois cada entidade mostrava uma maneira de proceder no combate deste ou daquele problema.

REFLEXO DA SITUAÇÃO

Por outro lado, conforme deixam claro estas entidades, o programa não deixa de ser um reflexo do descontentamento do produtor rural diante da situação alarmante em que vive. Além de se encontrar diante de um dilema grande, poucas são as opções oferecidas na hora do plantio. É justamente nesta hora, como deixa claro o Oli Soares, que o programa de diversificação de culturas e integração lavoura/pecuária, assume a sua devida importância. "Para os pequenos produtores, lembrou o presidente da Apaju, o trigo já vem se mostrando uma cultura totalmente inviável".

O próprio produtor já vem sentindo necessidade de mudanças na sua estrutura de produção. Neste sentido, alguns produtores mais preocupados com o problema andam se adiantando e iniciando por con-



Cláudio Gonchoroski, Léo Goi, Oli Soares e Pedro Maboni na apresentação do projeto

ta, um trabalho sem orientação técnica, "adotando, diz Oli Soares, algumas práticas que contrariam o projeto a ser implantado". De outro lado, também já existem trabalhos de conservação de solos, executados com a orientação técnica necessária, como lembra o técnico agrícola Cláudio Gonchoroski. "Estes agricultores estão realmente conscientes da situação e muito preocupado com a degradação do solo. Temos certeza que a partir de agora, os pedidos de orientação técnica vão aumentar".

O RESPEITO

A proposta de Conservação do Solo apresentada por várias entidades de Ijuí, nada tem a ver, segundo deixaram claro o Oli, o Léo, o Cláudio e o Pedro, com o trabalho que vem sendo realizado no Paraná e até já colocado em prática em algumas propriedades da região. "A grande diferença, faz questão de esclarecer o Oli, está no respeito a vocação natural do solo, implantando junto um esquema de ro-

tação de culturas e de diversificação das atividades dentro da propriedade".

Outra diferença entre o trabalho realizado em regiões do Paraná e o projeto local está no fato de que aqui na região, os produtores utilizarão os implementos necessários disponíveis na sua propriedade. "O produtor vai usar o seu trator, seu velho arado... sem necessidade de utilizar grandes investimentos", explica o Léo. O que está sendo proposto não exige aplicação de recursos, "muito embora em alguns casos, se faça necessário alguma suplementação de verba, e é por esta razão que todas as instituições bancárias de Ijuí também estão envolvidas no projeto."

Com o projeto na rua, de conhecimento de toda a comunidade, resta as entidades responsáveis esperar pela colaboração e o apoio de todos, "pois parte do sucesso depende da aceitação pela comunidade e produtores da região", diz Oli Soares.

Preocupação com a qualidade da vida

Na minuta do programa de Conservação do Solo, as entidades envolvidas no trabalho ressaltaram a preocupação com a melhoria de qualidade de vida da população, fato que só deverá ocorrer, se houver uma recuperação do solo e do meio ambiente. "O aspecto paisagem reflete fielmente o grau de desenvolvimento das comunidades humanas que nela vivem. Onde o solo está cansado e esgotado, as comunidades lutam com dificuldades para sobreviver".

Essas entidades procuram dar destaque para desvalorização do solo pela chamada "agroquímica". A tendência em substituir os processos orgânicos de produção por processos agroquímicos está deteriorando os ecossistemas e encarecendo os alimentos.

Mais adiante, ao apresentarem o programa, lembram que as tecnologias terão que ser reconsideradas, pois sob o ponto de vista da sobrevivência elas são fundamentais. A pesquisa, por sua vez, terá que refletir sobre suas finalidades, contactando com os produtores, para em conjunto, definir o que é melhor para seus interesses. Nos países onde a pesquisa agrícola já reconhece a necessidade de estudar a propriedade como um todo, e não apenas de uma forma isolada, até já foi possível mudar os rumos da agricultu-



A exploração inadequada do solo é responsável pelos problemas de erosão

ra, transformando-a numa agricultura conservacionista.

Os sérios problemas causados pela monocultura, expondo o solo à ação erosiva das chuvas também é abordado no

trabalho. As entidades usam como exemplo um trabalho realizado por Ricardo Pinto Porto, em 1982, quando ele pôde constatar que em 81 municípios do Estado, principalmente na região abrangida

pelo arco Passo Fundo - Planalto Médio, Missões e Alto Uruguai - cerca de 792 milhões de toneladas de terras férteis são perdidas por ano. Em outras palavras, isto quer dizer, que 330 mil hectares de terra são arrastadas para dentro dos rios. Mais grave ainda, segundo estas entidades, pode ser a situação da nossa região, pois apenas o Rio Ijuí e o Rio Potiribu, que desde muitos anos vêm carregando em seus leitos, toneladas e mais toneladas de terra, "como reflexo do tipo de tratamento dado ao solo da região".

Preocupados com todos estes problemas, mau uso do solo, erosão, desmatamento desordenado, monocultura, estas entidades, envolvidas direta ou indiretamente com a agricultura, de forma conjunta, estão propondo alternativas, para que, num curto ou médio espaço de tempo, aconteça uma melhoria na qualidade de vida da população.

RECOMENDAÇÕES

Em princípio a minuta do programa de Conservação do Solo de Ijuí prevê a utilização das seguintes técnicas:

- Planejar a propriedade como um todo, adequando as explorações agropecuárias à capacidade de uso do solo;
- Reconstruir os sistemas de terraceamento;

● **Locar terraços de retenção**, de base larga e em nível, se possível contínuos, desconhecendo as divisas das propriedades;

— construir os novos terraços de base larga, com as pontas fechadas para reter a água;

— eliminar os terraços antigos;

● **Fechar as barrocas nas divisas**, quando possível, ou fixá-las com vegetação;

● **Recolocar as estradas internas** das propriedades e municipais, em comum acordo com a prefeitura, mediante estudo detalhado do terreno.

— quando possível, conduzir a água das estradas para dentro dos canais dos terraços nas lavouras;

— quando as estradas cortam os terraços, construir lombadas, conduzindo suas águas para dentro dos canais dos terraços.

● **Orientar os produtores** sobre a importância do trabalho de manejo do solo entre os terraços, recomendando-lhes:

— praticar a subsolagem, em caso de constatação de camada compactada, favorecendo a infiltração de água e o menor acúmulo desta nos canais dos terraços locados em nível;

— evitar o preparo do solo com excesso ou falta de umidade;

— reduzir ao mínimo o número de operações e o trânsito de máquinas na lavoura;

— praticar a rotação de culturas, essencial para uma boa conservação dos solos. A rotação mantém a fertilidade natural do solo ou até mesmo auxilia na sua recuperação. Quando bem conduzida, protege o solo contra a erosão e permite a sua reestruturação física, química e biológica. A diversificação de culturas e a integração lavoura-pecuária são fatores importantes neste processo;

— promover a cobertura do solo durante a maior parte possível do ano, especialmente no inverno, já que neste período os efeitos da erosão são mais acentuados;

— perenizar as áreas mais declivosas e impróprias para culturas anuais com pastagens e/ou reflorestamento.

● **Enfatizar o reflorestamento** nas beiras dos rios, lagos e nascentes, visando a proteção das águas e a preservação e recuperação da flora, fauna da região, além da produção de madeira para consumo ou comercialização.

● **Usar adequada e racionalmente** os agrotóxicos.

— estimular o uso do controle biológico de pragas;

— usar produtos menos tóxicos quando houver necessidade do controle de pragas;

— tomar os cuidados necessários no abastecimento de pulverizadores e eliminar as embalagens de agrotóxicos de forma correta.

● **Orientar na escolha de máquinas**, implementos e insumos que melhor se adaptem às atividades propostas.

COMO ATACAR

O trabalho de recuperação do solo proposto pelas entidades vai começar a

partir da formação de uma comissão técnica, encarregada de avaliar os trabalhos e os resultados, contando sempre com a colaboração de outros técnicos e também de produtores. Essa avaliação em conjunto servirá para que o trabalho tenha prosseguimento e que seja aperfeiçoado.

O passo seguinte prevê uma divulgação dos trabalhos junto aos produtores, quer seja através de reuniões, cartazes, jornais ou rádio. Essa divulgação vai servir para despertar o interesse e aumentar ainda mais o grau de conscientização dos produtores em relação a todos os problemas levantados pelas entidades.

Feito o trabalho de conscientização entre os produtores, serão escolhidas as áreas onde deverão ser realizados os trabalhos, individuais ou de forma agrupadas em áreas contínuas. Estas propriedades servirão como unidades demonstrativas. Na seqüência ou conjuntamente com a escolha das propriedades isoladas, o trabalho será encaminhado a nível de microbacias, de acordo com o levantamento aerofotogramétrico (já existente), e com o interesse dos produtores da região determinada.

Cada produtor envolvido no trabalho deverá participar do levantamento, pois na mesma oportunidade serão estudadas as possibilidades de melhoria a serem introduzidas na propriedade, além, é claro, da determinação do tipo de terraço a ser construído. Através de trincheiras, será detectada a camada compactada e definida a necessidade ou não, de uma subsolagem ou outras práticas de manejo entre os terraços. Ao mesmo tempo serão retiradas amostras de solo para análise e também serão determinadas as áreas a serem perenizadas com pastagens ou reflorestamento.

Determinado o tipo de terraço a ser implantado na propriedade ou na bacia, deverá ser elaborado um projeto, que servirá de base para aquele produtor que quiser financiar os custos de implantação e construção.

Após a definição das áreas e feito os levantamentos, os trabalhos terão início, sempre procurando observar a locação dos terraços, o planejamento das estradas, o manejo dos terraços, do solo e o reflorestamento. No que diz respeito aos terraços, é importante que eles recebam uma manutenção anual, para não perderem sua eficiência. Essa manutenção deverá ser feita através da correta lavração e gradagem, sempre tomando o cuidado de limpar o canal e remontando o camalhão, por ocasião do preparo do solo.

Com relação as estradas, sempre que possível, elas deverão ser locadas em nível, pelo lado de baixo do terraço, e nas divisas. Caso isso não seja possível, reduzir ao mínimo o número de estradas que cortam os terraços.

A questão da necessidade de reflorestamento das margens dos rios, nascentes, açudes, recebe especial atenção destas entidades. O programa prevê a formação de uma faixa de no mínimo 10 metros de mata, além de cortinas vegetais visando a proteção das residências e poços. É um trabalho a ser feito em áreas impróprias para culturas anuais.

Deixando de copiar as "modas" de fora



A visita à Estação de piscicultura

"O que o Centro de Treinamento da Cotrijuí vem realizando é um trabalho feito diretamente do produtor para produtor, com uma preocupação muito grande com as tradições, com aquelas culturas que tiveram desenvolvimento, mas que foram abandonadas e que agora estão sendo retomadas", constatou o Prof. Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque, presidente Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq - ao visitar os diversos trabalhos na área de pesquisa que vêm sendo realizados no CTC.

A visita ocorreu na tarde de 12 de novembro, em companhia do diretor presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva; do diretor-presidente da Fidene/Unijuí, Adelar Baggio; do diretor do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros; do diretor de Operações, Euclides Casagrande; do diretor adjunto de Comercialização da Região Pioneira, Bruno Eisele; do Prof. Telmo Frantz; do coordenador de pesquisa do CTC, Roberto Carbonera e do gerente, Altamir Antonini. O Prof. Lynaldo Albuquerque veio a Ijuí, a convite da Fidene/Unijuí, para participar da abertura do Seminário Nacional sobre as universidades brasileiras, realizado na Fonte Ijuí.

Ao visitar o Centro de Treinamento, o Prof. Lynaldo Albuquerque disse acreditar no trabalho que vem sendo realizado pela Cotrijuí na área de pesquisa, "pois infelizmente estamos num país que tem fases de copiar modelos, modas e modismos". Vê a retomada da pesquisa como uma forma de preocupação com o próprio mercado interno, com o consumo, com a alimentação brasileira. "Não podemos simplesmente pesquisar culturas de retorno imediato e somente voltadas para a exportação".

Lamentou que esse trabalho realizado no CTC não seja do conhecimento de um maior número de Universidades e até mesmo de instituições de pesquisa. "É um trabalho de grande valor, disse ao lembrar os desequilíbrios regionais e a concentração que existe para algumas regiões quan-



Lynaldo Cavalcanti Albuquerque

do se fala em desenvolvimento científico-tecnológico. "Acredito que deverá existir uma integração maior, até quem sabe através de estágios com estudantes das instituições de ensino com o Centro de Treinamento".

O presidente do CNPq reforçou ainda a necessidade, diante de tantos desequilíbrios regionais, de trabalhos de interiorização. "Para alcançar essa interiorização, nada melhor que esses trabalhos na área da pesquisa sejam realizados não apenas por órgãos oficiais, mas também por órgãos privados, que muitas vezes têm maior sensibilidade e mais eficiência para conduzi-los".

CONSOLIDAÇÃO

O Prof. Lynaldo Albuquerque visitou também a Fidene/Unijuí, oportunidade em que pode constatar todo o trabalho que vem sendo feito por esta instituição. Acredita que a Fidene/Unijuí já está consolidada, podendo passar a Universidade, com condições e mais autonomia para criar programas de ensino, treinamento, de pesquisa e de prestação de serviços. "É uma instituição que já vem prestando grande colaboração aqui na região, pois está muito integrada às questões regionais e as questões de cooperativismo e desenvolvimento rural".



COTRIEXPORT
CORRETORA DE SEGUROS LTDA

A Cotrijuí dispõe de sua própria Corretora de Seguros, prestando serviços aos associados, funcionários e amigos.

Na realização de Seguro de Vida, Acidentes Pessoais, Incêndio, Automóveis e outros, procure sempre a nossa orientação.

Seja você o próximo a usar estes serviços, pedindo quaisquer informações sobre Seguros em geral.

Seguro é com a COTRIEXPORT — mais um elo da união.

Em Ijuí: rua das Chácaras, 1513 — fone 332-2400 — ramal 364

Mais de 400 pessoas debateram, em Santa Maria, impasses e alternativas para o cooperativismo gaúcho. Muitos temas em pauta há vários anos voltaram à mesa, com uma novidade: esta é a hora do sistema buscar sua democratização interna e, ao mesmo tempo, lutar pela democratização de todos os setores do país. Sem isso, o setor ficará fora das negociações que se anunciam para 85, quando o Brasil terá um novo governo.



Cyro: "Temos força e precisamos usá-la"



Jarbas: "Cooperativismo não é uma ilha"

Caminho é político

O VII Seminário Gaúcho de Cooperativismo, realizado de 30 de outubro a 1º de novembro em Santa Maria, voltou a destacar a necessidade do sistema perseguir sua autonomia. Mas não apresentaria novidades se ficasse apenas nisso, pois o discurso em torno da independência do setor vem desde o final dos anos 70. O Seminário foi mais longe: endossou a posição assumida pelos agricultores, quando do Grito do Campo, que se iniciou no dia 2 de outubro. E estabeleceu como norma a democratização interna do sistema, para que ao mesmo tempo se persiga de fato, e não apenas com muito palavreado, a autonomia financeira, administrativa e política das cooperativas, e um novo modelo para o país.

Ficou claro durante o Seminário, desde o seu início, que a situação do cooperativismo deve, mais do que nunca, ser vista dentro do contexto do país, e que nada será mudado para melhor sem a interferência direta do sistema nas questões econômicas, políticas e sociais brasileiras. Foi assim que a discussão em torno dos 12 temas propostos pela Ocergs — Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, que promoveu o Seminário, girou sempre em torno dos aspectos políticos de matérias aparentemente técnicas.

ATAQUES

"Manifestações como o Grito do Campo devem continuar, enquanto o setor não for atendido", disse Cyro Dias da Costa, presidente da Ocergs, na abertura do Seminário. Ele lembrou que as cooperativas gaúchas movimentam 40 por cento da economia do Estado, condenou a inexistência de uma política a médio e longo prazos para a agropecuária, e observou que o Brasil precisa, no mínimo, dobrar sua produção atual de 50 milhões de toneladas de grãos por ano. Sem as cooperativas — afirmou Cyro Dias da Costa —, esta meta nunca será alcançada.

Ainda na manhã do dia 30, o presidente da Ocergs voltou a falar, desta vez para condenar "os ataques sistemáticos dirigidos ao cooperativismo, com o objetivo de desmantelar o sistema". Destes ataques fizeram parte inclusive análises de balanço, bens manipulados, e que apontavam 72 por cento das cooperativas gaúchas em situação pré-falimentar. Um estudo — em resposta à insinuação — mostrou, na verdade, que apenas três por cento das cooperativas estão em situação difícil. "A intenção dos ataques — disse Dias Costa — era a de mostrar que todo o

cooperativismo não é sério, mas isso não foi conseguido".

VOTO

"Nós temos a força econômica nas mãos, pois o cooperativismo gaúcho envolve dois milhões e meio de pessoas, e precisamos usar esta força", recomendou ele. "Vamos nos conscientizar de que é preciso eleger pessoas que estão realmente ao lado do cooperativismo, não votando em políticos que depois venham a trabalhar contra o sistema". Dias da Costa fez outro apelo: "Precisamos também reagir aos ataques, corrigindo falhas. Entendo que este Seminário pode ser o marco de uma nova fase, em busca de um sistema novo e íntegro".

Não será por falta de apoio que este desejo deixará de se transformar em compromisso, se forem confirmados na prática os pronunciamentos da abertura do Seminário, feitos em defesa de um "novo cooperativismo". Benedito Miranda, superintendente da OCB — Organização das Cooperativas Brasileiras; Raul Agostini, presidente do BNCC — Banco Nacional de Crédito Cooperativo; Cleber Canabarro Lucas, delegado estadual do Ministério da Agricultura; José Farret, prefeito de Santa Maria e representante do governador Jair Soares; e Renan Kurtz, presiden-

te da Assembleia Legislativa, fizeram a mesma pregação.

EMERGÊNCIA

Mas foi Jarbas Pires Machado, presidente da Fecotriço, quem mais entusiasmou as mais de 400 pessoas que lotavam o salão do Hotel Itaimbé. "Não temos que aprovar mais nada. Temos é que praticar estas coisas", disse Jarbas, num apelo para que o cooperativismo deixe de abordar apenas a "periferia" de seus problemas. "Não podemos ficar três dias neste hotel de costas para uma problemática que os que nós representamos hoje enfrentam".

"Devemos ter consciência da gravidade do momento nacional, definir nossos interesses e lutar por eles", afirmou o presidente da Fecotriço. Os agricultores poderão começar a interferir nas decisões que interessam ao setor através de um Plano de Emergência, a ser elaborado para que — se aceito pelo novo governo federal — entre logo em execução. Este Plano dará continuidade ao Grito do Campo, que — segundo Jarbas — "não aconteceu no dia 2 de outubro, e sim iniciou no dia 2".

O importante, no entanto, é que moradores do campo e da cidade sejam aliados, como disse o presidente da Fe-

Promessas que serão cobradas

Se depender dos políticos realmente comprometidos com o sistema, os ataques às cooperativas terão respostas reforçadas a partir de agora. E se a nova direção do Banco Nacional de Crédito Cooperativo tiver autonomia para executar o que pensa, o setor poderá finalmente contar com um aliado. Em nome dos políticos, o compromisso foi assumido por Renan Kurtz, presidente da Assembleia Legislativa. E pelo BNCC, seu presidente, Raul Agostini, prometeu fazer o que o banco até agora não chegou a concretizar em favor do setor.

Kurtz e Agostini foram bastante aplaudidos em Santa Maria, pela ênfase que deram ao apoio que prometem, num momento em que o cooperativismo cobra uma posição mais clara dos políticos e um maior comprometimento das instituições ligadas ao setor, com o BNCC. "Está claro que o movimento contra as cooperativas é liberado por grupos poderosos ligados a conhecidas multinacionais, que tentam recuperar os espaços ocupados pelo

sistema", afirmou Renan Kurtz.

MODELO

O presidente da Assembleia lembrou que a crise que atinge o cooperativismo nada mais é do que reflexo "da crise geral do país". "Mas hoje — disse ele — as cooperativas partem em busca de sua autonomia e da preservação de sua dignidade". O deputado ressaltou ainda que é correta a interpretação que o setor faz atualmente das dificuldades que enfrenta, ao defender um novo modelo econômico, social e político para o país.

Raul Agostini, por sua vez, recordou que "a campanha de descrédito e de desmoralização do cooperativismo também atingiu o BNCC". Segundo ele, a nova direção do Banco assumiu este ano a instituição sob o impacto destes ataques. "Mas a moralidade e a dignidade no BNCC estão restabelecidas", afirmou ele, enfatizando: "Nosso único objetivo é o de servir ao cooperativismo".

Jarbas também lembrou os ataques sofridos pelo cooperativismo, especialmente em 1983, afirmando: "Quantos de nós tivemos vergonha de ser cooperativistas. Quantas vezes tentaram nos enganar, com o argumento de que crise somente existia em cooperativa, e que corrupção era sinônimo de cooperativa". O presidente da Fecotriço condenou ainda as explicações para a falta de recursos para a agricultura e a submissão do país ao FMI. No encerramento de seu discurso, uma pergunta em forma de desafio, sobre a necessidade de posições claras do setor em 85: "Se o cooperativismo permanecer calado, encaramujado, o que ele irá conseguir na mesa de negociações?"

Jarbas também lembrou os ataques sofridos pelo cooperativismo, especialmente em 1983, afirmando: "Quantos de nós tivemos vergonha de ser cooperativistas. Quantas vezes tentaram nos enganar, com o argumento de que crise somente existia em cooperativa, e que corrupção era sinônimo de cooperativa". O presidente da Fecotriço condenou ainda as explicações para a falta de recursos para a agricultura e a submissão do país ao FMI. No encerramento de seu discurso, uma pergunta em forma de desafio, sobre a necessidade de posições claras do setor em 85: "Se o cooperativismo permanecer calado, encaramujado, o que ele irá conseguir na mesa de negociações?"

REPRESÁLIAS

O presidente do Banco recomendou que todas as cooperativas atuem como fiscalizadoras das atividades do banco, para que este cumpra de fato com seus objetivos. Agostini entende que as organizações que estiveram na mira dos promotores da "campanha de descrédito", sem que tivessem qualquer envolvimento com os escândalos nesta área, nada têm a perder: "Quem nada deve, nada teme. E quem serve a um ideal não pode temer represálias".

O presidente da Ocergs havia afirmado, antes dos pronunciamentos de Kurtz e Agostini, que os políticos estão buscando uma maior aproximação com as cooperativas, e vice-versa. Ele também comentou os novos rumos que podem ser tomados pelo BNCC, para que este seja mesmo "um banco das cooperativas e para as cooperativas". Os compromissos dos presidentes da Assembleia e do Banco criam pelo menos expectativa entre os cooperativistas gaúchos. E certamente serão cobrados, agora como nunca.

Gestão democrática e polêmica

A gestão democrática foi o assunto que mais tempo ocupou, durante os debates do Seminário, mesmo que, no geral, não houvesse muita discordância. A polêmica foi armada em torno de detalhes, e envolveu a proposta da Ocergs e uma sugestão alternativa apresentada após a análise do assunto em trabalho de grupo. A posição da Ocergs foi contestada principalmente pelo pessoal ligado à Fecotrig e às cooperativas de trigo e soja, em especial os comunicadores. No fim, a proposta original terminou sendo derrotada, depois de três votações, em grupo, numa sessão plenária e na assembléia da Ocergs.

Gestão democrática é como vem sendo chamada a tentativa de se ampliar a participação do associado na vida da Cooperativa, desde sua organização em núcleos até sua interferência nas decisões da organização. O assunto é antigo, e no seminário anterior, em Canela, em 1982, havia sido posto ao lado de outras questões prioritárias, como a autonomia financeira e administrativa das cooperativas. A questão voltou a debate em Santa Maria, e dividiu muita gente.

A discordância se iniciou no grupo formado para estudar o assunto, com 57 pessoas, das quais 54 votaram contra a proposta da Ocergs. Depois, numa plenária, esta mesma proposta foi recusada por 104 votos a 17, e na assembléia do dia 1º de novembro a rejeição se repetiu, por 39 votos a 27. Esta assembléia teve votos apenas de presidentes de cooperativas, centrais e federações filiadas à Ocergs.

NORMAS

E com que argumento a proposta foi recusada? A Ocergs propôs que a gestão democrática seja formalizada, a partir de agora, através de regimento interno respaldado no estatuto das cooperativas. É o caso, por exemplo, da Cotrijuc, onde

a Estrutura do Poder em experiência desde 1979 faz hoje parte do estatuto. Os inconformados entenderam que a Ocergs deveria, isto sim, reconhecer antes o que já vem sendo feito neste sentido, "antes de ditar normas ou organizar o quadro social por decreto", como disse José Rui Tagliapietra, comunicador da Fecotrig.

"A democracia — garante José Rui — é o resultado de toda uma prática e nós devemos lutar para que a gestão democrática evolua, antes de ficar discutindo mecanismos legais". Hélio Marchioro, comu-

nicador da Cotrijuc, de Júlio de Castilhos, concorda: "Temos que executar o que foi traçado no último seminário. Mas a Ocergs quer estabelecer normas, fixar metodologia na gestão, sem que esta gestão exista de fato na maioria das cooperativas".

José Rui também acusa a Ocergs de desconhecer os avanços registrados nesta área, e entende que a entidade ignora até mesmo "o momento político que o país atravessa". Esta e outras posições do pessoal ligado às cooperativas de

trigo e soja foram interpretadas pelos participantes do seminário como uma reação à tentativa da Ocergs "de pegar o bonde andando". Isto porque as entidades ligadas à Fecotrig estariam bem adiantadas no que se refere à democratização das cooperativas.

OMISSÃO

O coordenador do Seminário e assessor de Recursos Humanos e Comunicação e Educação da Ocergs, Helmuth Egewarth, estranhou a rejeição da proposta original. Segundo ele, "a Ocergs não abre mão de atuar como coordenadora das políticas definidas pelo sistema". Helmuth acha impossível que a Organização seja "executora das coisas, mas deve ser a formuladora, sempre partindo das bases". E a proposta — garante ele — partiu das bases.

A sugestão — segundo Helmuth — foi elaborada após sete encontros regionais, em preparação ao Seminário, e que resultaram nos 12 temas a serem debatidos. Um documento com o temário foi enviado, antes do encontro de Santa Maria, às cooperativas, mas os comunicadores se omitiram e não encaminharam sugestões à coordenação do seminário. Por isso, ele se surpreendeu com a reação que provocou a rejeição da proposta, que contemplaria "todo o sistema, e não apenas um segmento".

O texto original foi substituído por outro, que não fala em formalidades relacionadas com regimento interno ou estatuto. A sugestão alternativa, enfim aprovada, é um apelo para que sejam cumpridas decisões já tomadas, para implantação da gestão democrática, "com o estímulo da Ocergs". A mesma proposta defende "a agilização do processo e uma unificação da linguagem", para que a democratização das cooperativas exista de fato.



SALVANDO OS MÓVEIS

José Rui Tagliapietra, comunicador da Fecotrig: "A proposta da Ocergs, sobre gestão democrática, ignora por completo o trabalho de organização do quadro social das cooperativas e o próprio Grito do Campo. Todo o avanço teórico e prático é ignorado. A Ocergs também parece desconhecer o momento político que o país atravessa, e enquanto a cozinha pega fogo ela tenta salvar os móveis da sala, em vez de tentar salvar a casa toda. Eu entendo que a Ocergs deve assumir a coordenação do processo da gestão democrática, mas certamente não irá assumir essa tarefa simplesmente ditando regras".



UMA BRIGA INGLÓRIA

Helmuth Egewarth, assessor de Recursos Humanos e Comunicação e Educação da Ocergs: "A gestão democrática havia sido definida, no seminário anterior, como política prioritária. Mas não se estabeleceu como operacionalizá-la, e foi isso que a Ocergs tentou fazer agora, com a proposta apresentada. E esta proposta é o resultado de amplo debate e de sete encontros regionais, dos quais um grande número de comunicadores não participou e tampouco enviou sugestões. Há elementos descontentes, ligados à Fecotrig, mas esta é uma briga inglória. Temos que sentar, conversar e nos aceitar".

Próximo passo: o Plano de Emergência

Plano de Emergência. Este o nome que já está sendo dado a um conjunto de medidas que as cooperativas gaúchas pretendem defender, como proposta ao novo governo federal, que assume a 15 de março de 85. O sistema irá definir prioridades, tratando de questões imediatas, como a comercialização da próxima safra, e de temas bem abrangentes, como a política salarial e as leis de exceção ainda em vigor no país.

O Plano não se limitará, portanto, a assuntos que interessem apenas à agricultura, e será definido após amplo debate, que prevê um seminário estadual aberto a todas as entidades, e não só cooperativismo, que pretendam participar. Com isso, será dada continuidade ao Grito do Campo e ampliada a participação de outros segmentos da sociedade na luta que não é apenas dos agricultores.

O Plano de Emergência foi incluído pela Fecotrig entre as propostas apresentadas em Santa Maria pela Ocergs, e aprovadas sem muitas emendas. Os participantes discutiram 12 temas, em grupos de trabalho. Apenas três deles — a gestão democrática, a correção monetária dos balanços e a legislação cooperativista — criaram maiores divergências e foram à votação na assembléia que a Ocergs realizou no dia 1º de novembro, para — entre outras coisas — aprovar seu novo estatuto. A gestão teve novo texto apresentado e

aprovado (ver a matéria acima), e a legislação e a correção ficaram como assuntos pendentes. Abaixo, uma síntese do que se aprovou no Seminário:

● **Gestão democrática:** É preciso colocar em prática, com urgência, as deliberações do seminário anterior. As cooperativas devem, sob a coordenação da Ocergs e com o incentivo das federações, agilizar este processo, para maior participação dos associados em suas instituições.

● **Eficiência empresarial:** As cooperativas devem buscar sua consolidação econômica-social, sempre dimensionadas dentro dos "reais interesses" do quadro associativo. "Somente as cooperativas efetivamente assumidas por seus associados poderão ter reduzida, a níveis admissíveis, a sua dependência externa".

● **Cooperação intercooperativas:** As cooperativas precisam estreitar a intercooperação, melhor divulgando produtos e serviços, para que possa existir ajuda mútua. Maior integração das cooperativas de consumo e agropecuárias. Apoio de outras instituições do setor público e da iniciativa privada.

● **Meio Ambiente:** A Ocergs irá coordenar iniciativas e estimular suas filiais para desenvolvimento de atividades voltadas à preservação do meio ambiente. Apoiar iniciativas já existentes. Foram aprovadas moções, e uma delas sugere que as cooperativas interfiram junto ao Congresso, contra a aprovação da nova lei dos

agrotóxicos, que — segundo os técnicos — favorece as multinacionais.

● **Recursos Humanos:** Criar um Sistema Integrado de Desenvolvimento de Recursos Humanos, defendido desde 1978. Treinar dirigentes, gerentes e membros do Conselho Fiscal, para que exerçam melhor suas funções. Nota-se um desconhecimento da política do cooperativismo por parte dos contratados pelas cooperativas.

● **Representação do Sistema:** Foi aprovado o novo estatuto da Ocergs, que faz parte da busca de dinamização e democratização da entidade. O Conselho Diretor passa a ser eleito pela assembléia (um voto de cada filiada), e não mais pelo Conselho Deliberativo, e com mandato ampliado de um para três anos.

● **Autocontrole:** A tutela do governo, exercida negativamente sobre as cooperativas, criou um paternalismo que afasta os próprios associados do dever de fiscalizar sua organização. Foi sugerida a criação do Instituto Nacional do Cooperativismo, como órgão que coordenaria o autocontrole das cooperativas. No dia 30 de outubro, o governo criou a secretaria Nacional do Cooperativismo (Senacoop), que é anunciado como órgão com as mesmas finalidades.

● **Banco de Dados:** Funcionaria como arquivo de informações das cooperativas, sob a coordenação da Ocergs. Concluiu-se que o sistema está precariamente

estruturado nesta área, não dispondo nem mesmo de um acervo histórico. O Banco de Dados facilitaria um melhor entendimento da situação do setor, servindo ao mesmo tempo de fonte de pesquisa para projetos e análises setoriais ou globais.

● **Situação financeira:** As cooperativas estão descapitalizadas e endividadas, em grande número, em função da situação geral do país e de problemas específicos que atingem o sistema. É preciso repensar o modelo de crescimento adotado, buscar caminhos para capitalização própria e estimular o cooperativismo. A Ocergs deve acompanhar de forma permanente a situação financeira das filiais, para identificar dificuldades e tentar soluções.

● **Correção monetária:** A correção monetária do balanço das cooperativas foi muito debatida, mas não se chegou a uma conclusão. O tema voltará ao debate, para melhor análise de seus aspectos técnicos, políticos e sociais. Um seminário para discussão da correção deve ser marcado pela Ocergs.

● **Legislação cooperativista e afins:** O tema não chegou a ser debatido como se previa, em função do projeto que altera a lei 5.764, de 1971. O projeto foi conhecido no dia de abertura do seminário, e deve passar por estudos, para que as cooperativas se manifestem sobre as mudanças propostas pelo governo nesta lei.

As reações depois do Grito

"O cara pelo menos é coerente". A observação foi feita pelo presidente da Ocers, Cyro Dias da Costa, durante uma sessão plenária no segundo dia do Seminário. Ele se referia à posição assumida por Janito Soares dos Santos, gerente da Audicooper-Sul, a Cooperativa de Contabilidade e Auditoria do Rio Grande do Sul. Janito foi a única das 400 pessoas prestes a votar contra a continuidade do Grito do Campo. Pouco antes da votação ele havia discursado, para dizer que o movimento era partidário. Por isso, ao votar contra, Janito estava, segundo o presidente da Ocers, agindo com coerência.

Esta coerência do gerente da Audicooper não deixa, de qualquer forma, de ser surpreendente. Sua posição poderia até ser encarada com naturalidade, se não tivesse sido tornada pública exatamente num encontro em que o cooperativismo gaúcho reforçava a necessidade de assumir uma postura política. E, mesmo sendo uma decisão tão solitária, serviu para que os cooperativistas possam continuar assimilando todo tipo de reação provocado pelo Grito do Campo, dentro do próprio sistema e fora dele.

MINORIAS

O que, afinal, é político, e o que é partidário? Para a grande maioria dos participantes do Seminário, o menor gesto das cooperativas e de suas bases, em defesa de seus interesses, será sempre, a partir de agora, um gesto político. "Não poderemos viver sempre em cima de questões imediatas, de conjuntura, como preços mínimos, custos e outras reivindicações. Temos que ver o todo", garante o vice-presidente da Fecotrigo, Mário Kruei Guimarães. Janito concorda, mas nem tanto.

O gerente da Audicooper-Sul assegura que não está falando sozinho, quando diz que O Grito do Campo foi partidário. "Há mais gente descontente com a radicalização", disse ele. Segundo Janito, num "Seminário técnico, como este, não podemos aprovar moções políticas e partidárias". Ele também se queixa de que as cooperativas de serviço não foram ouvidas, e defende "o voto das minorias". Janito continua: "Há mais de 400 cooperativas no Estado, representando 700 mil associados, mas apenas 40 mil gritaram no Beira-Rio".

Mário Kruei Guimarães, que faz questão de rebater as críticas ao movimento, acha que 40 mil pessoas é um número razoável. "Foram ao Beira-Rio 40 mil produtores que, em sua maioria, votaram sistematicamente no governo. Agora, estes agricultores decidiram votar o governo". Mário não vê radicalização, e tampouco concorda que exista um direcionamento partidário, mas enxerga bem claro o crescimento da "consciência política".

"APOLÍTICO?"

"O país está no caos, e todos devem estar fortemente unidos para que possamos sair desta crise", afirma o vice-presidente da Fecotrigo, que também preside a Cocecer - Cooperativa Central de Crédito Rural do Rio Grande do Sul. Num momento como este - ressalta ele - é natural que as pessoas, no caso dos agricultores, façam uma opção política e também partidária, por apostar na democracia.

Para Mário Kruei Guimarães, o importante hoje é que os dirigentes de cooperativas e o produtor deixaram de lado a timidez, para assumir a postura política tanto reclamada: "O produtor está con-



ESTÃO RADICALIZANDO

Janito Soares dos Santos, gerente da Audicooper-Sul: "Nós não podemos ter envolvimento partidário, como aconteceu no Grito do Campo. A radicalização não é a solução para o cooperativismo, e eu estou preocupado com o nuno que isto pode tomar. Nunca vi este tipo de pressão, em que o homem é tirado do campo e levado para a estrada para protestar. Quase tudo se resume a pressionar o governo, mas não estamos nós mesmos tentando encontrar solução para os nossos problemas. Acho que o produtor está sendo usado para outros interesses, que agora eu não consigo identificar".



HÁ CONSCIENTIZAÇÃO

Mário Kruei Guimarães, vice-presidente da Fecotrigo e presidente da Cooperativa Central de Crédito Rural: "A radicalização existe apenas na cabeça de uns poucos, que não se conscientizaram da grandeza do movimento iniciado com o Grito do Campo. A questão da agricultura e da economia em geral é, de fato, política, e pode ser partidária. As pressões têm de ser políticas, especialmente num regime democrático. Os dirigentes de cooperativas e os agricultores estão conscientes disto. Os que se surpreendem são os que viam o agricultor apenas aplaudir, e que agora vêem o agricultor votar".

vencido de que as coisas devem mudar, e se coloca ao lado dos que, para ele, podem fazer estas mudanças. Eu, por exemplo, me sinto no direito de recusar o continuismo, a recessão, o desemprego, e de ficar ao lado dos que se dispõem a salvar o Brasil".

O certo é que o único voto contra O Grito do Campo pode não ter sido nu-

mericamente expressivo. Mas foi representativo, no caso, da minoria que se diz "apolítica", como constataram os cooperativistas durante o Seminário. Outra certeza: a postura dos que se colocaram contra o movimento e sua evolução também é política. Como igualmente é política a posição dos que preferem ficar calados e aparentemente indefinidos.

Atraso em recursos humanos

As empresas nacionais estão atrasadas, em relação aos grandes grupos, quanto à formação de recursos humanos, e a situação das cooperativas, em especial, é ainda mais problemática. Esta constatação foi comentada pelo diretor de Comunicação, Educação e Recursos Humanos da Cotrijuí, Rui Polidoro Pinto, um dos palestrantes do Seminário da Ocers. Polidoro falou sobre Recursos Humanos, ressaltando que ainda há muito a ser feito, para que as cooperativas possam ser consideradas bem servidas nesta área.

Ele fez um retrospecto da evolução da formação de recursos humanos no país, e chegou aos dias atuais convencido de que no cooperativismo, "em muitos casos, a formação de pessoal executivo e operacional não ocorre como em qualquer outra área empresarial". Isso faz com que as empresas do setor sejam obrigadas a recrutar executivos no comércio e na indústria. Polidoro também lembrou que a formação de recursos humanos deve considerar, no caso das cooperativas, o próprio associado como alguém que pode assumir funções administrativas.

O diretor da Cotrijuí fez, a estes respeito, uma indagação: "Vemos às vezes direções que se eternizam no poder. Será que é só porque querem ou porque os seus eventuais substitutos não foram preparados?" Para ele, há necessidade de criação de um órgão que coordene esta área no Estado, pois o sistema deve ser



Rui Polidoro Walter Frantz

criativo ou estará sempre atrás em relação a outras empresas.

É importante, no entanto, que esta reciclagem leve em conta um aspecto desprezado até agora: o de que a formação de recursos humanos precisa considerar o técnico, o operacional, mas também o lado político, para que todos os servidores consigam interpretar e interferir no que acontece em sua instituição. Afinal - lembrou Polidoro - são 40 mil funcionários trabalhando nas cooperativas gaúchas, e estes detêm "uma significativa parcela do poder político-decisório".

COOPERAÇÃO

O sociólogo Walter Frantz, da Fidene de Ijuí e assessor de Comunicação e Educação da Cotrijuí, falou sobre Cooperação Intercooperativa. Segundo ele, são muitos os obstáculos que, historicamente, esta prática vem enfrentando. Pri-

meiro, porque o próprio cooperativismo abriga as contradições representadas pelas aspirações individuais, estimuladas pela economia de mercado, pelo contexto maior de um sistema capitalista. Este ambiente sócio-econômico faz, muitas vezes, com que a cooperação intercooperativa esbarre em questões que dizem respeito, por exemplo, a preço - que a uns pode parecer pouco e a outros demasiado.

As experiências de intercooperação, entre organizações que integram produtores e consumidores, demonstram estas dificuldades, mas são, contudo, exemplos de que a prática oferece vantagens. "Aos que defendem um sistema cooperativo como alternativa de organização social e econômica, as relações intercooperativas são parte essencial da cooperação, dos princípios da cooperação", afirmou Walter Frantz. Mas no Rio Grande do Sul, segundo o sociólogo, a intercooperação ainda é uma meta a ser alcançada.

As experiências, apesar de interessantes, são isoladas, e envolvem convênios nas áreas de comercialização e de organização cooperativa (formação de centrais), e ao nível político, através de programas de integração e desenvolvimento. Para ele, sem uma adequada estrutura da organização cooperativa, a cooperação não será vantajosa e voltará a esbarrar nos problemas lembrados. E a isso somente se chegará com eficiência empresarial, com gestão democrática e com autocrítica.



Homenagem ao professor Mário Osório

A Ocers homenageou três pessoas no almoço de encerramento do Seminário, dia 1º de novembro, com a entrega da "Menção Cooperativista". Um dos homenageados é o sociólogo Mário Osório Marques, professor da Fidene, de Ijuí, que teve o nome lembrado várias vezes, durante a discussão em torno de gestão democrática. Mário Osório foi um dos iniciadores do debate que inaugurou no Estado tudo o que se fala até hoje sobre a democratização do cooperativismo. Também receberam a Menção o deputado estadual Carlos Giacomazzi e o diretor administrativo e financeiro da Audicooper-Sul.

Retornos do preço médio

Experiência da Regional de Dom Pedrito mostra que modalidade dá maior segurança

Tanto na lã, como no arroz e na soja, o preço médio tem assegurado bons resultados ao produtor, e uma comercialização mais segura, na Regional de Dom Pedrito. A modalidade cumpre melhor sua função exatamente num momento de escassez de recursos oficiais, como acontece agora, com a limitação de verbas que atinge a lã e o arroz.

LÃ

As cooperativas gaúchas deverão enfrentar, mais uma vez, a falta de recursos para comercialização da safra de lã. Isto não chega a ser novidade, pois o problema tem se repetido nos últimos anos, como foi lembrado no dia 24 de outubro, durante uma reunião da Fecolã, em Porto Alegre. Neste encontro da Federação das Cooperativas de Lã, os dirigentes das organizações ficaram sabendo que dos Cr\$ 100 bilhões necessários para a comercialização, o governo deverá liberar apenas Cr\$ 24 bilhões.

Tânio Bandeira, diretor da Regional da Cotrijuí em Dom Pedrito, participou da reunião, quando se discutiu também a fixação dos preços mínimos e outros aspectos referentes a mercado, como acontece anualmente. A falta de recursos para comercialização da lã repete o que já ocorreu com o trigo, em outubro, e deve ocorrer novamente com a próxima safra de soja. O governo argumenta que não dispõe de verbas para atender às necessidades do setor, em função dos limites para expansão do crédito e da circulação de dinheiro em geral.

Mesmo assim, a Cotrijuí não deverá enfrentar maiores problemas para comercializar a safra, bastando para isso — como ressalta Tânio Bandeira — que exista entendimento entre a Cooperativa e o associado, quanto aos adiantamentos. O diretor da Regional observa que o primeiro adiantamento, a ser definido em novembro, não poderá ser muito alto, mesmo porque, de qualquer forma, um valor elevado, liberado no início da comercialização, pode depois se transformar em custo financeiro, com prejuízos no momento da liquidação.

IMEDIATISMO

Com um adiantamento dentro das possibilidades, a comercialização não sofrerá atropelos. A Cotrijuí entrega a lã à Valurugui, de Uruguaiana, e destina parte da safra à exportação, num sistema que vem obtendo bons resultados nos últimos anos. Esta estrutura de comercialização, segundo Tânio Bandeira, é uma garantia para o associado.

O produtor que decidir vender sua safra a uma barraca — como são conhecidos os pontos de compra dos atravessadores — pode até obter hoje de 200 a 300 cruzeiros a mais, por quilo de lã. Isso pode parecer, de imediato, uma vantagem, mas na verdade o produtor estará realizando um negócio com operação li-

PREÇOS MÉDIOS DA SAFRA 83/84 EM DOM PEDRITO					
ARROZ			SOJA		
Data	Pagamento	Valor	Data	Pagamento	Valor
01.03	Adiantamento	15.000	01.05	Adiantamento	7.340
—	Correção	6.131	01.07	Adiantamento	12.660
—	Liquidação	—	—	Correção	2.956
—	—	—	15.07	Liquidação	4.150
TOTAL		21.131	TOTAL		27.106
LÃ			SORGO		
Data	Pagamento	Valor	Data	Pagamento	Valor
01.11	Adiantamento	1.300	01.05	Adiantamento	5.250
29.03	Adiantamento	300	—	Correção	3.438
—	Correção	1.749	01.10	Liquidação	2.550
15.07	Liquidação	1.625	—	—	—
TOTAL		4.974	TOTAL		11.238
MILHO			AVEIA		
Data	Pagamento	Valor	Data	Pagamento	Valor
25.05	Adiantamento	6.800	26.12	Adiantamento	200
—	Correção	3.952	01.02	Adiantamento	100
01.10	Liquidação	7.000	—	Correção	388
—	—	—	01.10	Liquidação	35
TOTAL		17.752	TOTAL		723



Tânio Bandeira está certo de que a falta de recursos para comercialização da lã não será problema, para que se mantenha a tradição de vender bem a safra

quidada. O preço a mais pago hoje pela barraca estará defasado, quando da liquidação da safra a nível de Cooperativa, e o ganho de hoje será depois transformado em prejuízo.

O diretor da Regional está certo de que este imediatismo contagia apenas uma minoria, e entende que este ano, apesar da escassez de recursos determinada pelas restrições de crédito, a Cotrijuí manterá a tradição de bem comercializar a safra de lã. A Cooperativa opera com preço médio (veja tabela acima), e na última safra a liquidação fechou com Cr\$ 4.974 pagos ao associado pelo quilo do produto.

ARROZ

Também para o arroz os recursos têm sido escassos, para comercialização das safras. Mas igualmente neste caso o preço médio praticado pela Cotrijuí tem permitido a venda do produto de forma a compensar a escassez de verbas dos EGF (Empréstimos do Governo Federal). Tânio Bandeira explica que o arroz é um produto comercializado durante os 12 meses, e por isso exige a modalidade a preço médio, com liquidação no final do ano.

A situação, na área do arroz, é considerada tranquila, em função dos bons resultados obtidos com investimentos no beneficiamento. A partir de fevereiro, a Cooperativa deverá beneficiar mais de 100 mil sacas por mês. Este e outros fatores permitiram que desde março e até o final de outubro a Cotrijuí concedesse um adiantamento de Cr\$ 15 mil por saca. Em março, haviam sido adiantados Cr\$ 13 mil, e em outubro a Cooperativa

liberou uma suplementação de mais Cr\$ 2 mil.

REINVESTIR

Estes Cr\$ 2 mil chegaram em boa hora para o produtor, que viu agravar a limitação do custeio para formação da próxima lavoura, e pôde — com a suplementação — reinvestir recursos próprios na atividade. Inicialmente, o produtor contou com o complemento na forma de insumos (sementes, fertilizantes, etc), mas depois ele pôde optar pelo recebimento dos Cr\$ 2 mil em dinheiro.

O adiantamento suplementar serviu também, em muitos casos, para a liquidação de débitos junto aos bancos, e para outros gastos, como o transporte. "Graças à operação em preço médio é que a Cotrijuí pôde socorrer o associado, possibilitando um bom adiantamento", afirma o diretor da Regional. Ele ressalta ainda que a suplementação foi concedida sem que venha depois a trazer prejuízo, quando da liquidação do produto.

SOJA

A soja é outro exemplo de que o preço médio é a modalidade que mais segurança garante ao associado, conforme dados da Regional de Dom Pedrito. Mas isso não quer dizer que o associado não tenha liberdade para optar pelos preços do dia e pela cotação soja-futuro. Tanto que no dia 28 de outubro a Regional voltou a divulgar diariamente o preço do dia. Esta divulgação — feita pelo rádio — não vinha acontecendo há meio ano, em decorrência da lavoura não ter maior expressão no município, onde deverão ser

plantados em torno de 26 mil hectares este ano, contra os 23 mil da última safra.

Irani Antonow, gerente administrativo e financeiro da Regional, mostra que a modalidade a preço médio assegurou um preço final de Cr\$ 24.150 pela saca, na safra passada. Já a média das modalidades preço do dia e preço futuro ficou em Cr\$ 19.800, quando operada pelo próprio produtor, de acordo com as oscilações do mercado. Estes dados são do fechamento em 15 de julho, quando a safra estava praticamente liquidada.

MÉDIA

Irani observa que o produtor que se arriscou a fazer a própria média, como revelam os números, terminou perdendo em relação ao preço médio da modalidade, oferecido pela Cooperativa. Esta perda, quando da liquidação, foi de Cr\$ 5.350 por saca. É claro que alguns produtores podem ter conseguido bons preços no dia ou na soja-futuro, por terem vendido em momentos de pique, mas no geral foi o preço médio que assegurou uma melhor remuneração.

No final de outubro, a Regional iniciou uma série de três reuniões com os produtores de soja do município, para que estes tenham mais informações sobre as perspectivas de mercado para a próxima safra. Estes encontros tiveram a participação de Ênio Weber, coordenador de comercialização da Pioneira, e Julio Rosa, operador de mercado da Cotriexport. Na primeira quinzena de dezembro será realizada a segunda reunião. E a terceira está prevista para janeiro.

COM A CARRETA GRANELEIRA M-80 VOCÊ SÓ CARREGA LUCROS.



A Carreta Graneleira M-80 é o mais novo lançamento da Minami para o agricultor moderno. Prática e versátil, com 8 toneladas de capacidade e bica de descarga dobrável, acaba definitivamente com os problemas de transporte de soja, milho, arroz e grãos de cereais em geral. M-80: uma solução econômica que elimina mão-de-obra e sacaria, carregando muitos lucros para você.



MINAMI - Indústria de Aparelhos para a Lavoura Ltda.

FÁBRICA E VENDAS
Estrada Mogi-Salesópolis, km 17
Tel. (011) 462.1077(KS)-Biritiba Mirim-SP

ESCRITÓRIO
Rua Major Pinheiro Franco, 8
Tel. (011) 469-4544(KS)-Mogi das Cruzes-SP

Contra a dis

A mulher não é um ser inferior e deve lutar pela igualdade de direitos. Isso é o que foi dito no discurso de abertura do IV Encontro, por dona Clarice Hoerle, de Augusto Pestana, que integrou a comissão organizadora. Abaixo, seu pronunciamento, na íntegra:

"No quadro das significativas transformações vividas pela sociedade brasileira nos dias que correm, um dos fenômenos mais relevantes é o impetuoso despertar das mulheres. Hoje torna-se cada vez mais numeroso o contingente de mulheres a engrossar as fileiras do movimento democrático e comunitário.

Para ter participação política, econômica e social, a mulher tem que romper muitas barreiras até maiores que os homens. Mas também necessita romper a resistência que começa dentro de sua própria casa, onde algumas vezes o marido e os filhos não querem abrir mão de encontrar a casa arrumada, a comida pronta e a roupa limpa.

Um trabalho árduo, com horário abusivo mas que por ser privado não tem valor produtivo e é menosprezado.

Constatamos também as idéias atrasadas reinantes na família e na sociedade sobre uma pretensa incapacidade da mulher para assumir postos de responsabilidade. Essa concepção, embora interesse particularmente à classe dominante para provocar conflitos no seio da família, do povo, também encontra-se difundida entre a classe menos favorecida e entre os agricultores. Assim ho-



Com mais de mil pessoas, este foi o maior encontro de mulheres realizado na Região Pioneira da Cotrijuí

Os avanços da mulher

As velhas questões da Previdência Social, a concentração da terra, a crise econômica e suas conseqüências para a agricultura e os problemas específicos da mulher. Todos estes assuntos foram mais uma vez abordados durante o IV Encontro Integração Entre Núcleos Cooperativos, realizado dia 16 de novembro em Ijuí, reunindo mais de mil esposas e filhas de associados. Os assuntos são antigos, pois envolvem questões sem solução, mas aos poucos, ano a ano, vão ganhando uma nova abordagem. E, principalmente, vão sendo vistos dentro de um todo, de um conjunto de coisas que constituem, afinal, a situação nada agradável que o país enfrenta hoje.

Neste IV Encontro, coordenado pelo Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí, com a participação de delegações dos municípios da Região Pioneira, prevaleceu a idéia que já tomou conta de todo debate entre cooperativistas. A discriminação enfrentada pela mulher rural é, a exemplo do quadro geral que atinge o agricultor, reflexo de uma política global, econômica, social e política. Esta política pode até fazer algumas concessões, mas não atende aos interesses da grande maioria da população, tanto do campo como da cidade, como ressaltaram os palestrantes.

TRABALHADORA

A reunião deveria acontecer no Centro de Treinamento da Cotrijuí, em Augusto Pestana, mas foi transferido, à última hora, para o CTG Laureano Medeiros, porque o tempo ameaçava chuva. Ali, as esposas e filhas de associados da Cotrijuí realizaram o maior encontro já promovido pela Cooperativa para se discutir como a mulher pode ampliar sua participação na sociedade, para deixar de ser tratada como "doméstica" ou "do lar" e ser reconhecida como trabalhadora rural.

"Para ter participação política, econômica e social, a mulher tem que romper muitas barreiras, até maiores que o homem. Mas também necessita romper a resistência que começa dentro de sua própria casa, onde algumas vezes o marido e os filhos não querem abrir mão de encontrar a casa arrumada, a comida pronta e a roupa limpa". Este é um trecho do discurso de abertura do Encontro, feito por dona Clarice Hoerle, de Augusto Pestana (veja a íntegra na página ao lado).

AMARRAS

As amarras, dentro de casa, pelo que se vê, estão sendo rompidas, e a barreira maior — que impede a conquista de espaços na sociedade — virá com a própria

organização das mulheres, como lembrou o presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva. Ele observou que o país tem pela frente grandes decisões, com as novidades que se avizinham na área política, e que também a mulher precisa estar consciente disso. "Sem democratizarmos nosso país — disse Ruben — não estaremos cumprindo com nossa função, como homens e mulheres, como família dentro da sociedade".

Ruben também se referiu aos obstáculos existentes na legislação, que impede uma maior participação da mulher, mas observou que as conquistas vão acontecendo aos poucos, pelo menos no sistema cooperativista, através da organização dos núcleos que levou a nova Estrutura de Poder na Cotrijuí. As conquistas mais abrangentes, na sociedade, serão concretizadas — disse ele — a partir desta mesma organização, nas áreas rural e urbana.

ROUBO

O professor Argemiro Jacob Brum, que também falou às mulheres, abordou a situação geral do país, para dizer que o Brasil é hoje "administrado pelo FMI". Argemiro, que leciona na Fidene e é autor de vários livros sobre a economia nacional, fez um histórico da crise brasileira, lembrando que tudo se iniciou com o endividamento do país, que não consegue — "e nem conseguirá" — saldar um débito de quase 100 bilhões de dólares. Esta dívida — segundo ele — é fruto "do roubo institucionalizado".

"O Brasil hoje é administrado para satisfazer aos interesses dos banqueiros internacionais, enquanto se deixa de lado as reais necessidades da população", afirmou Argemiro. É assim que, com recessão e desemprego, o brasileiro está hoje, em média, 15 por cento mais pobre do que

há quatro anos. Também é assim que há no país hoje 24 milhões de pessoas desempregadas ou vivendo de biscates, que 8 milhões e 500 mil famílias moram em barracos, e que continuam morrendo de fome, a cada dia, mil crianças com menos de um ano de idade.

Os custos do endividamento, que só não atingem uma minoria, se refletem na agricultura, como na zona da soja, modernizada às pressas para viabilizar projetos industriais e liberar mão-de-obra barata para as cidades. "O modelo agrícola foi feito para eliminar o pequeno produtor", disse Argemiro Jacob Brum. Para ele, a mulher deve ocupar espaços, neste momento em que se caminha para a democracia, "que não é só voto, mas participação, trabalho, saúde, educação".

INATIVA

As mulheres rurais terão que brigar muito para ocupar os espaços que lhes são negados, pois até hoje, de acordo com o governo, elas fazem parte da população inativa, que não produz, como observou Noemi Huth, coordenadora de Comunicação e Educação da Cotrijuí. Mas há dados que mostram, por exemplo, que é a mulher que fica com 53 por cento da tarefa de plantio, e 45 por cento do trabalho de colheita de alimentos no país. No Nordeste, esta participação é ainda mais expressiva.

Noemi falou sobre economia doméstica, quando ressaltou que, ao contrário do que muitos pensam, isso não se resume aos serviços na cozinha, no tanque, nos cuidados com os filhos. "Economia doméstica — disse ela — é a busca da melhoria de vida das pessoas". É desta forma que também a mulher rural, que se organiza em núcleos, sugere e questiona, chegará ao entendimento da família e do todo, da sociedade em que vive.



Enquanto as crianças dormiam, muito debate e chimarrão



Rosângela Wildner

Rosângela Wildner, estudante e filha de agricultores, também residente em Augusto Pestana, fez o discurso de encerramento do IV Encontro. Segundo ela, está na hora das mulheres participarem não só das reuniões de núcleos, mas também nos sindicatos, nas cooperativas e na "luta política". A fala de Rosângela foi esta:

"As mulheres precisam abrir caminho não só no cooperativismo e sindicalismo mas em todos os setores. Participar da luta política, organizar-se em suas entidades, para contribuir pela luta dos seus direitos, pela sua emancipação.

Assim como a mulher participa ativamente no trabalho, as mulheres buscam com ímpeto o direito à instrução. Prova disto são este IV Encontro Integração, as reuniões de núcleos e a participação no Sindicato e na Cooperativa.

Tomamos também a liberdade de registrar que em 1980, segundo dados do censo, pela primeira vez o número de mulheres que sabem ler e escrever foi superior ao dos homens. Entre a população economicamente ativa, 42,2 por cento das mulheres têm mais de cinco anos de estudos, contra 28,3 por cento dos homens.

Mas esta conquista representou verdadeira maratona. Basta dizer que foi apenas em 1823 que surgiram nas escolas as primeiras classes destinadas a alunos do sexo feminino. Porém o curso secundário só foi possível frequentar em 1907, e os universitários

criminação



Clarice Hoerle

mens e mulheres acabam acreditando que a mulher é um ser inferior, uma propriedade do "dono da casa".

Devemos romper esta escravidão doméstica, franca ou dissimulada, e fazer com que existam direitos iguais. Não queremos ser superiores aos homens, e sim em pé de igualdade. Só assim construiremos uma sociedade que permita florescer a justiça, a igualdade, o amor, a felicidade e a paz.

"Precisamos abrir caminho em todos os setores"

em 1930. Faz cerca de 40 anos que as escolas foram amplamente abertas para as mulheres.

Registramos a importância do ato de aprender, uma vez que entendemos ser o ponto de partida, o caminho de encontrar as saídas das grandes dificuldades não só pelas mulheres mas também pelo homem e pelos filhos.

Queremos contribuir junto com nossa família para alcançar nossos direitos. E novamente alertar as nossas companheiras que a luta continua, e que pela primeira vez aprovamos, em número mais de mil, as nossas reivindicações, que devemos levar em frente.

Nossos agradecimentos especiais pelo comparecimento de cada um de vocês, mulheres rurais. Nossos agradecimentos a todos da Cotrijuí e Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que compartilharam com este IV Encontro Integração, em especial o setor de Comunicação e Educação. Nossos agradecimentos a equipe do CTG Laureano Medeiros, que gentilmente cedeu este local. Enfim, os agradecimentos a imprensa, que tem contribuído pelo êxito e brilhantismo deste evento.

A todos que compatilham pela luta da mulher, o nosso muito obrigado. E entendemos que cumprimos mais uma etapa da nossa caminhada rumo a uma justiça maior. Viva o sindicalismo, viva o cooperativismo, que contam com nossa participação ativa e permanente 365 dias por ano."

Um exemplo para a cidade

A mulher rural não tem direito à aposentadoria, auxílio-doença ou atendimento quando de acidente do trabalho. Estes problemas específicos sempre são lembrados em encontros como o que aconteceu dia 16 em Ijuí. Mas foram as questões abrangentes, que dizem respeito ao homem e à mulher, que mais mereceram atenção por parte dos palestrantes e demais participantes. Tanto que o documento lido por dona Gertrud Comandeur, de Ijuí e aprovado no Encontro (veja na página seguinte) é bem amplo, não se limitando aos temas ditos femininos.

Esta visão do todo foi ressaltada por Dari Marconato, comunicador da Fetag, que falou à tarde. "É preciso olhar o conjunto familiar, e não apenas a mulher", disse ele. Dari fez um retrospecto do sindicalismo brasileiro, quase sempre esteve atrelado ao governo, que tutela as entidades para lhes tirar a possibilidade de organização dos trabalhadores. Mas a partir do final da década de 70, mesmo tutelado, o sindicalismo passou a ser mais consequente, tanto no meio rural como nas cidades, com manifestações de agricultores e greves.

Dari também lembrou que a mulher pode participar de forma mais efetiva destas lutas, através da própria sindicalização. "Não será com seu acesso aos sindicatos que a mulher rural conseguirá automaticamente a aposentadoria, mas será assim que ela poderá reforçar as lutas em favor de conquistas como esta", observou ele. O comunicador da Fetag condenou os que tentam enganar a mulher rural, com informações de que ela não pode se sindicalizar, pois a legislação não cria obstáculos a isso.

APOIO DA CIDADE

A mulher da cidade também esteve representada no Encontro, e expressou apoio às posições resumidas no documento. Falaram as agricultoras Ana Maria Rocha da Silva, do Movimento Unitário da Mulher Gaúcha; Teresa da Rocha, da Federação da Mulher Gaúcha; e Teresinha Weiler, da União das Mulheres de Ijuí. "Este Encontro — disse Teresinha — é uma lição de organização, trabalho e luta às mulheres da cidade". Sonilda Silva Pereira, educadora da Fetag, lembrou que "a luta das mulheres deve começar pelo reconhecimento da profissão de trabalhadora rural".

Durante a tarde, após as palestras, os debates se concentraram nos assuntos relacionados com a Previdência Social, em consequência da nova decisão tomada em Brasília, e que extinguiu o Plano Paraná



Encontro teve música e dança. Aqui, a apresentação do grupo Os Sinuelos



Noemi



Ruben



Argemiro



Arnaldo

para os rurais. Os debates foram coordenados por Carlos Karlinski, coordenador da regional da Fetag, e Alberto Bauer, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana. Foi aí que teve gente sugerindo inclusive que se deixe de contribuir com os 2,5 por cento à Previdência.

Karlinski ressaltou que os documentos com reivindicações não resolvem nada, e que é preciso "definir formas de pressão". Ele informou que em mais de 80 por cento dos municípios gaúchos os hospitais decidiram suspender o atendimento a agricultores, e adiantou que a nova ameaça agora é a execução do tal Prev-Rural, um projeto que substituiria o Pró-Rural, sem muitas vantagens, além de aumentar a contribuição de 2,5 para 3,5 por cento sobre a produção de cada segurado.

ESTÍMULO

No encerramento do Encontro, falaram a estudante e filha de agricultor Rosângela Wildner, de Augusto Pestana; o vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Drews e Alberto Bauer. "A mulher deve

continuar lutando, para que conquiste o direito de participar mais ativamente do sindicato, da cooperativa e da sociedade, porque ela produz riquezas", disse Arnaldo Drews. Segundo ele, as idéias da mulher que vive na lavoura devem contagiar as moradoras da cidade e servir como estímulo à integração de movimentos rurais e urbanos. Bauer, por sua vez, salientou que os sindicatos e cooperativas devem igualmente ser aliados nestas lutas.

O Encontro teve momentos de descontração, com apresentação de músicas elaboradas e cantadas por grupos de moças e senhoras formados nos núcleos. A maior atração foi o Grupo de Pesquisas Folclóricas Os Sinuelos, integrado por funcionários da Cotrijuí, que dançou e cantou. No final, com o pessoal um pouco cansado, ficou a certeza de que a conscientização da mulher evoluiu bastante no meio rural, desde 1976, quando foi formado o primeiro núcleo, em Ijuízinho, Augusto Pestana. Hoje, a Pioneira possui 85 núcleos e uma organização de fazer inveja às moradoras da cidade.

Dona Ivone: é preciso falar

Dona Ivone Hartmann, que mora em Saltinho, interior de Ijuí, é presença certa em reuniões de núcleo, e não tem perdido os debates que acontecem por perto para tratar da situação da mulher. Mas nem sempre foi assim. Casada há 11 anos com o agricultor Dari Hartmann, proprietário de 30 hectares e com três filhos menores, ela levou um bom tempo para fazer valer suas idéias. "Meu marido era machista, mas hoje não é mais", diz dona Ivone, sem qualquer constrangimento.

Na verdade, a observação vale como elogio ao seu Dari, pois ela venceu a primeira barreira de que falou dona Clarice Hoerle, na abertura do Encontro, vencendo obstáculos dentro de casa. Hoje, tem o apoio do marido, "que não tem preconceitos com as idéias do momento". Na verdade, dona Ivone acha que a vizinha também está mais atenta ao que acontece, não é pra menos.

"Nós, aqui na Região, não chegamos a passar fome. Mas há agricultores



"A mulher precisa dizer o que pensa"

em outras partes do país enfrentam muita miséria", diz ela. Dona Ivone acha que a mulher precisa entender que "há

produtores perdendo suas terras para a construção de barragens, que não são assim tão necessárias para o desenvolvimento". E precisa, muito mais, "começar a falar". Segundo ela, há mulheres "que têm o que dizer, mas ainda não se sentem à vontade para expressar o que pensam".

Encontros como os que a Cotrijuí realiza anualmente são, na sua opinião, uma forma de desinibir o pessoal. Na reunião do dia 16, ela comentou a fala do presidente da República, feita pela TV, um dia antes, e afirmou: "Ele falou dos benefícios de seu governo, mas se esqueceu da situação em que vai deixar o país. Só se lembrou das vantagens".

Dona Ivone também comentou a situação da Previdência, e chegou a sugerir que o agricultor deixe de contribuir com o desconto de 2,5 por cento. Ela foi quatro vezes ao microfone, para defender seus pontos de vistas, e todas as quatro retornou à sua cadeira sob aplausos. Para dona Ivone, o importante é que "a mulher rural não desanime, e fale".

"Doméstica, não. Trabalhadora"

O documento aprovado ao final do IV Encontro Integração Entre Núcleos Cooperativos enfatiza, entre as posições assumidas pelas mulheres, a luta contra toda e qualquer discriminação. Ele foi elaborado com base no debate que se promoveu nas reuniões preparatórias, e tem o seguinte texto:

"Estamos hoje aqui reunidos, mulheres trabalhadoras rurais, para refletirmos e nos posicionarmos frente a atual situação em que nos encontramos.

Sabemos nós que estamos enfrentando a mais grave crise econômica, social e política da história de nosso País, crise esta que está nos afetando diretamente com os altos juros, com altos custos da produção, em detrimento dos baixos preços pagos pelos nossos produtores, alto índice de desemprego, elevado custo de vida, salários insuficientes, má alimentação, analfabetismo, educação fora de nossa realidade, precárias condições de moradia e saúde da maior parte da população rural, causando desespero

e levando à marginalização da grande parte dos trabalhadores rurais e urbanos.

É frente esta realidade que a trabalhadora rural depara-se diariamente com mudanças no sistema econômico, político e que muitas vezes não vê a saída. As mudanças que ocorreram na agricultura manifestam-se através da mecanização da lavoura, concentração da terra nas mãos de poucos, política agrícola voltada para exportação, altos juros, dependência do agricultor dos bancos e de multinacionais.

Criam desta forma uma dependência na definição dos produtos a serem cultivados em função de uma política agrícola que está voltada para a monocultura. Se nós não conseguirmos produzir, somos obrigadas a vender nossas terras e ir para as cidades em busca de trabalho. Como não existe estrutura nessas cidades para absorver essa população que vem do interior, o colono acaba morando nas periferias urbanas, em total miséria, ou então, os agricultores tentam se organizar para reivindicar seus direitos, a exemplo do movimento dos "Colonos Sem Terras" aos quais es-

tendemos nosso apoio e solidariedade.

Para agravar mais esta situação temos ainda o projeto de construção de 25 barragens no Rio Uruguai, inundando 2 milhões e 900 mil hectares de terras férteis e, conseqüentemente, desalojando 200.000 pessoas.

Nós, trabalhadoras rurais que também somos responsáveis pela produção de alimentos deste Estado e conseqüentemente do País, sabemos que a partir do momento em que o agricultor tiver terra para produzir, automaticamente estará aumentando os tributos arrecadados para a União.

Para tanto, pedimos que se revise a atual política agrária, dando condições a todos que trabalhem a terra, tenham acesso a ela e aos meios necessários para viabilizar a produção de alimentos em 1º plano para o mercado interno.

A partir do que foi citado anteriormente, concluímos que a mulher rural é parte integrante da força de trabalho produtiva, porém como tal não somos consideradas, pois não temos direitos à aposentadoria, auxílio doença, natalidade, acidente trabalho, e outros benefícios.

Se analisarmos a educação no meio rural, todas temos certeza e exemplos de sobra para dizer que não está correspondendo às necessidades da realidade em que vivemos. Frente a estes problemas faz-se necessário uma mudança política educacional, devendo estar voltada às necessidades do meio rural.

Diante da realidade exposta sabemos que somente dentro de uma nova sociedade é que poderemos encontrar o espaço da mulher trabalhadora lado a lado com o homem, desempenhando seus papéis, realizando-se como pessoa em uma sociedade mais humana e justa.

PARA TANTO LEVANTAMOS COM FIRME DECISÃO DE:

1 - Lutarmos contra toda espécie de discriminação da mulher, defendendo nossa efetiva participação nas decisões em todos os segmentos da sociedade (sociais, políticos, econômicos, cooperativistas e sindicalistas);

2 - Exigimos a aprovação do projeto dos agricultores encaminhado

ao Ministério da Previdência em abril de 1983;

3 - Solicitamos a aprovação das propostas apresentadas pela FETAG, em 9 agosto/84, no que diz respeito a crédito subsidiado, melhores preços aos produtos agrícolas, redução dos juros para financiamento de lavoura até 50 ha e uma reforma agrária realizada com a participação efetiva dos agricultores.

4 - Que haja uma imediata e urgente modificação dos modelos econômico, agrícola, político e social, que visem atender os mais legítimos interesses dos trabalhadores brasileiros;

5 - Reajustamento mínimo dos preços mínimos fixados para os diversos produtos agropecuários, de conformidade com a variação do INPC.

6 - Exigimos que seja reconhecida a profissão de trabalhadora rural.

7 - Queremos que a mulher rural participe dos Sindicatos e Cooperativas com direito de votar e de ser votada.

8 - Para que a mulher rural participe efetivamente e com maior legitimidade em todos os segmentos da sociedade, é de fundamental importância que o Senado aprove o novo Código Civil Brasileiro.

PARA QUE O PRESENTE DOCUMENTO ENCONTRE "ECO", PROPOMOS:

1 - Quanto ao reconhecimento da profissão de Trabalhadora Rural: cada trabalhadora assuma sua profissão, no sentido de divulgar e, quando solicitado sua profissão, diga: "Sou trabalhadora rural" e não "... do Lar", ou "... doméstica" como costuma-se dizer.

2 - Cada mulher presente a este encontro leve a mensagem a suas companheiras a nível de núcleo, e a nível de Estado, no sentido de conchamar as mulheres, independente da idade, a participarem nos seus Sindicatos, Cooperativas e outros, bem como discutir no Encontro Estadual uma proposta quanto à mensalidade e outros assuntos pertinentes à sindicalização da mulher.

3 - Que pelo menos uma mulher rural, por município, participe do Encontro Estadual da Mulher Rural, promovido pela FETAG, até o final de 84, com o objetivo de levar as propostas aprovadas nesse Encontro para discussão e aprovação a nível Estadual, bem como encaminhá-lo aos Órgãos de competência a nível nacional.

4 - Quanto à aprovação do novo Código Civil Brasileiro, sugerimos uma correspondência ao Senado, com as assinaturas que também serão anexadas ao presente documento, se aprovado pelas presentes".

Vá de telefone a qualquer lugar.



É muito mais economia por km ligado.

Usando o telefone, você está usando a cabeça. Porque o uso do telefone significa economia. E, principalmente, quando se trata de comunicação com outra cidade, seja lá onde for.

Por exemplo, você pode, freqüentemente, ter de viajar a negócios. Usando o telefone, você pode se comunicar com quem quiser e deixar tudo pronto, confirmar horários, hotéis e tudo o mais, sem sair de casa.

Aliás, muitas vezes, um telefonema pode até mesmo lhe poupar uma viagem.

É muito mais prático e seguro. Utilize o telefonema interurbano. Com ele, você economiza combustível, tempo e dinheiro.

CRT COMPANHIA RIOGRANDENSE DE TELECOMUNICAÇÕES
Vinculada à Secretaria de Energia, Minas e Comunicações

© RIO GRANDEZ SOMOS NÓS. FAÇA A SUA PARTE. GOVERNO JUR SOARES

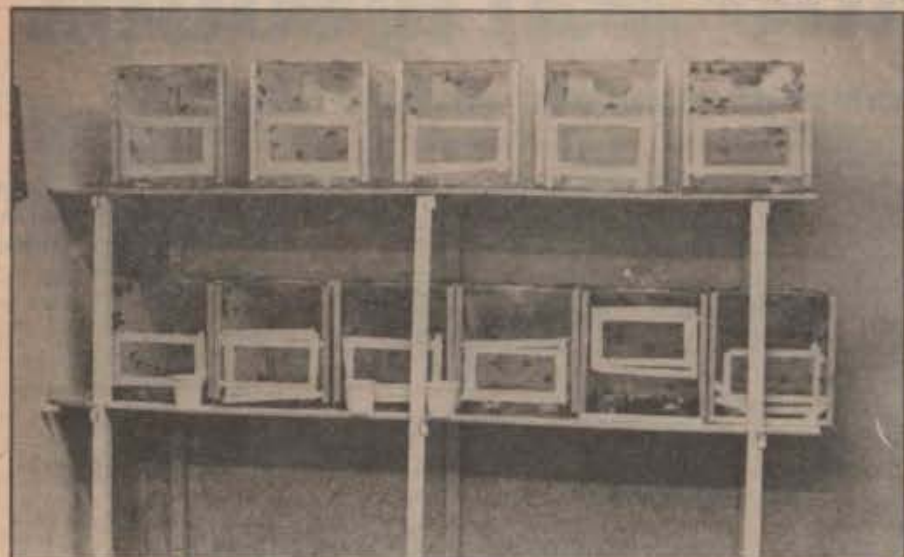


COTRIEXPORT -
CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

Representa tranquilidade contra as incertezas do dia-a-dia

Em Ijuí: Rua das Chácaras 1513
fone: 332-3765 ou 332-2400

Controle biológico



As gaiolas onde são colocadas as pupas



Os ovos são coletados diariamente

A multiplicação do Baculovírus

Aqueles produtores que na última safra de verão puderam comprovar na prática a eficiência do *Baculovirus anticarsia* no combate à lagarta da soja e que quiserem repetir a experiência, vão contar na próxima lavoura de verão, não apenas com a orientação dos técnicos da Cotrijuí, mas também com a distribuição de lagartas contaminadas, multiplicadas em laboratório. Para tanto, foi montado pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, no Centro de Treinamento em Augusto Pestana, um laboratório com todas as condições mínimas necessárias para a realização do trabalho de multiplicação das lagartas e posterior contaminação. Nesse laboratório, o Léo Goi, agrônomo e coordenador do trabalho, auxiliado pelo técnico agrícola, Arnaldo Prauchner, vem dedicando todos os dias das semanas, inclusive sábados e domingos ao trabalho de reprodução das lagartas.

A utilização do *Baculovirus* no combate a lagarta da soja na safra passada foi pequena na região, mas serviu para alertar grande número de produtores, que mesmo desconhecendo a eficiência do controle, andaram visitando muitas lavouras infestadas pelo vírus, tanto a procura de maiores informações a respeito do vírus como a cata de lagartas contaminadas. E mesmo aqueles que não acreditavam na sua eficiência, deram um jeitinho de visitar a lavoura de algum vizinho para ver de perto se realmente o controle estava apresentando resultados. As lagartas infestadas e distribuídas na safra passada entre os produtores interessados e que não estão querendo mais saber de estragar a saúde com aplicação de venenos, foram obtidos pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijuí junto a Fecotriço e Embrapa. Essas lagartas, em número bastante reduzido, foram multiplicadas a nível de lavouras e distribuídas para produtores da região.

REDUZIR O USO DO VENENO

Como na safra anterior a disponibilidade de lagartas contaminadas foi insuficiente para atender a todos os pedidos de produtores interessados na área de ação da Cotrijuí na Região Pioneira, o Departamento Agrotécnico decidiu seguir os mesmos passos de outras instituições, como a Fecotriço, a Embrapa e o Ipagro, que desde um ano atrás, vêm trabalhando

na multiplicação do vírus a nível de laboratório. A Cotrijuí está contando com o apoio do Ministério da Agricultura, que repassou através da Emater, 50 por cento do dinheiro gasto na implantação do projeto. "Estamos iniciando um trabalho de multiplicação de lagartas, para posterior inoculação do vírus", explica o Léo Goi, com a finalidade de reduzir ainda mais a aplicação de agrotóxicos nas lavouras".

O Léo reforça mais uma vez a questão de que o uso deste vírus natural no combate as lagartas, sem nenhum prejuízo à saúde e ao meio ambiente, está mais do que comprovado "e só não utiliza quem ainda pensa que a melhor solução para o combate destas pragas seja o veneno, mesmo sabendo dos riscos para a saúde". Muitos produtores, da região, como o seu Helmutl Guth, o Ari e o Joceli Noronha, entre tantos outros, já comprovaram na prática os resultados deste controle.

A produção de lagartas na Cotrijuí, que até o final do mês de fevereiro poderá chegar a um total de 100 mil "isto se não ocorrer nenhum empecilho, como a própria contaminação das borboletas de multiplicação", será toda destinada aos produtores da região. "Queremos neste ano, atingir o maior número possível de associados", garante o Léo, que ressalta ainda, que em princípio, a Cooperativa não pretende produzir vírus para terceiros. "Nossa produção está voltada apenas para o quadro social", reforça também o técnico Arnaldo Prauchner.

O LABORATÓRIO

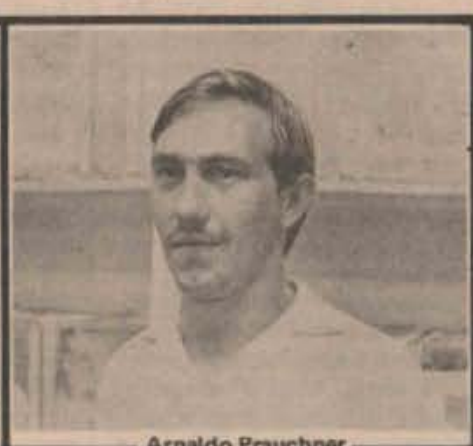
O laboratório de multiplicação e contaminação de lagartas, instalado no Centro de Treinamento, é formado de duas salas, com todas as condições mínimas necessárias para a reprodução dos bichinhos, que vão deste temperatura ideal, em torno de 28 graus centígrados e umidade de 80 por cento. A sala de criação está sob a responsabilidade do Arnaldo Prauchner, que conta ainda com a colaboração de Alzira Dall'Agnese e do estagiário Lenine Furtado de Brum. Foi justamente nesta sala que todo o trabalho começou com cerca de 1.000 casais de pupas, procedentes de Londrina, no Paraná, do Ipagro, em Porto Alegre e da Embrapa, em Passo Fundo.

O TRABALHO DE MULTIPLICAÇÃO

Nesta primeira sala, as pupas que



Léo Goi



Arnaldo Prauchner

hoje já são em número bem maior, são colocadas em gaiolas de oviposição — 11 ao todo —. Essas gaiolas tem paredes de vidro, revestidas por um papel branco, mais conhecido por papel sulfite, que serve para as borboletas depositarem seus ovos. Logo após a eclosão das pupas e transformação em borboletas, começa a postura. Os ovos, segundo o Arnaldo, são coletados diariamente e lavados, para melhor desgrudarem do papel. Soltos na água, são coados em tela fina e colocados, em torno de 200 ovos, em pedaços de papel. Os ovos só vão eclodir após o terceiro dia, mas nesse tempo, já guardados dentro de um pequeno copo, no qual também está contida a dieta das lagartinhas, preparadas antecipadamente.

No sétimo dia após a eclosão dos ovos, o pessoal faz o repique, ou seja, a separação das lagartas, colocando-as em 50 copos pequenos. Cada um destes copinhos vai receber seis lagartas, que permanecerão aí, até transformarem-se em pré-pupas. Esta transformação, da lagarta em pré-pupa, conforme explica o Léo, acontece entre sete a 10 dias após o repique.

As demais lagartas, aquelas que não se transformaram em pupas são transferidas para a sala de inoculação. E aí, acontece a multiplicação do vírus. As lagartas vão receber o vírus através da alimentação. "Após quatro dias, explica melhor o Léo, o responsável pelo trabalho de inoculação do vírus nas lagartas, elas começam a deixar de lado a alimentação e entre o sexto e o sétimo dia, estão mortas, já totalmente contaminadas". Depois de mortas, elas são separadas, sempre de 50 em 50 lagartas, ou então, em torno



O trabalho de separação das lagartas

de 15 a 16 gramas, "que é a dosagem equivalente a um hectare de lavoura. Separados, as lagartas são colocadas em embalagens, que tanto podem ser de vidro como de plástico e guardadas no congelador para a distribuição entre os produtores.

Segundo o Léo, o departamento Técnico vai oferecer a dosagem correta aos produtores e ainda orientá-los para que realizem a multiplicação destas lagartas contaminadas na própria lavoura. "O produtor vai saber direitinho como processar a masceração das lagartas e a dosagem exata de água para realizar a mistura. Não existe segredos na aplicação da dosagem, basta fazê-lo no momento exato, quando for encontrado 40 lagartas médias — medindo até um centímetro e meio de comprimento — por metro quadrado na lavoura". De resto, segundo o Léo é ter um pouco de paciência e esperar os resultados. A partir do quarto dia o produtor já começa a notar os efeitos do vírus na lavoura.



Há mercado para todos

Com pequenos pomares, a Pioneira pode aumentar sua fatia neste bolo

Os citricultores paulistas, que concentram naquele Estado a maior parte da produção brasileira de laranja, estão preocupados com a ameaça de concorrência. Nunca, como acontece desde o ano passado, a fruta rendeu tanto dinheiro, e o conselho dos paulistas recomenda que ninguém invista na formação de novos pomares. Esta advertência vale para todos? É claro que não, especialmente para os agricultores da Região Pioneira da Cotrijuí, onde a citricultura continua sendo estimulada. Mesmo porque ninguém pretende se tornar um "especialista", com grandes áreas de plantio.

A verdade é que os produtores de São Paulo temem os grandes investimentos nesta área, em função do estouro nos preços da fruta, a partir de 1983, após uma geadada nos Estados Unidos. Este ano, os preços continuaram subindo, com o ataque do cancro cítrico, que atingiu os pomares da Flórida. Os citricultores brasileiros se mostram preocupados com o possível surgimento de novos pomares, que aumentaria a oferta, daqui a uns quatro anos, e determinaria um achatamento nos preços proporcionado pelas exportações de suco.

RECEITA

Os produtores de regiões que não têm tradição na citricultura nunca irão ameaçar os grandes citricultores paulistas, como observa Hélio Pohmann, agrônomo da Cotrijuí que coordena a área de hortigranjeiros. A Cooperativa passou a estimular a for-

mação de pomares na Pioneira há uns seis anos, especialmente na região de Tenente Portela, pois a atividade é encarada como uma importante fonte complementar de receita. Mas sempre os agricultores foram alertados para que não formassem grandes pomares.

"O que interessa — explica Hélio Pohmann — é a formação de um grande número de pequenos pomares, ao contrário do que acontece em São Paulo". O agrônomo observa que um pomar médio para a Região pode ter umas 100 mudas, que chegam a render em torno de 10 mil quilos. Ao preço pago quando da última safra — de Cr\$ 60 pelo quilo — seria assegurada, neste caso, uma receita bruta de Cr\$ 600 mil.

SAFRAS

A última safra na Pioneira, entregue à Cotrijuí, ficou em mil toneladas, contra as 200 toneladas do ano passado. Muita gente que nunca havia vendido laranja decidiu comercializar excedentes, em função dos ganhos que poderia obter. Os Cr\$ 60 por quilo podem ser considerados um preço baixo, segundo Pohmann, pois a Cooperativa não conseguiu remunerar melhor o produtor em função dos altos custos do frete. A laranja foi vendida à indústria Suvalan, de Bento Gonçalves.

É por isso que o agrônomo está entre os que defendem a instalação de uma indústria de sucos na região, através de iniciativa conjunta das cooperati-



Laranja-do-céu está sendo vendida a Cr\$ 230 (cada uma) no varejo

vas. Só na Pioneira, a safra que poderia ser comercializada este ano deve ter chegado a duas mil toneladas — mas apenas a metade foi entregue pelos produtores. Com uma indústria, a produção seria absorvida aqui mesmo, e certamente o produtor teria preços mais compensadores. "As cooperativas devem voltar a

pensar nisso — ressalta ele — ou estarão simplesmente organizando a produção para os outros".

MUDAS

Enquanto a indústria não vem, novos pomares podem continuar surgindo. Isso não quer dizer que o produtor terá sempre os lucros conseguidos atualmente, e que são proporcionados pelos

problemas ocorridos nos Estados Unidos. Mas um investimento na citricultura, sem exageros, nunca será frustrante, pois toda a propriedade deve, afinal, ter um pequeno pomar. Só que, com a valorização da laranja, automaticamente se valoriza também a muda, e os preços deverão ter um salto no ano que vem.

Este ano, a muda de laranja teve um preço médio ao produtor de Cr\$ 1.200, e a previsão é de que oscile entre Cr\$ 8 mil e Cr\$ 15 mil em março do próximo ano, quando se inicia o plantio. Quem plantar em 85, terá a primeira safra em quatro anos, e é mais ou menos este o tempo previsto para recuperação dos pomares dos Estados Unidos. Nestes quatro anos, é provável que os preços continuem em alta, ou pelo menos compensadores, mesmo que venha a crescer a concorrência de outros sucos, de uva, maracujá, abacaxi e maçã, pois o americano — que compra a maior parte da safra brasileira — gosta mesmo é de laranja.

Atrás do café e da soja

O suco de laranja, tomado especialmente pela manhã, é um hábito que o americano mantém à mesa há muito tempo. É por isso que, mesmo num momento de frustração de safra nos Estados Unidos, o consumo de suco naquele país cresce ainda mais, estando previsto um aumento de 6 a 8 por cento este ano, em relação a 83. O Brasil, que deve exportar 800 mil toneladas de suco este ano, tira proveito deste hábito, abastecendo 50 por cento do mercado dos EUA. O país exporta mais de 90 por cento de sua safra, e coloca a laranja em terceiro lugar nas vendas para o exterior, atrás apenas do café e da soja.

É assim que o citricultor de São Paulo lucra com uma fruta que se transformou em produto nobre para exportações. Na região de Bebedouros, interior paulista, onde se concentram as grandes plantações de laranja, um hectare de terra, com pomar formado, não sai hoje por menos de Cr\$ 10 milhões. O mercado

ficou inflacionado, com muita gente querendo comprar áreas e poucos dispostos a vender.

No Rio Grande do Sul, os citricultores da região de Taquari, tradicional produtora no Estado, são os que tiram proveito da situação. A laranja que entra agora no mercado gaúcho procede desta região, pois no resto do Estado a safra é encerrada geralmente em agosto. Em Ijuí, por exemplo, a laranja à venda hoje é fornecida ao entreposto de hortigranjeiros da Cotrijuí pela Cooperativa Central de Hortigranjeiros, com sede em Porto Alegre.

Esta laranja comum custa de Cr\$ 700 a Cr\$ 750 o quilo ao entreposto, e vem sendo vendida com preços de Cr\$ 900 a Cr\$ 950 no varejo. A tendência é de aumento nos preços, na medida em que a safra vai ficando para trás. Uma "laranja-do-céu" é vendida atualmente no varejo por Cr\$ 320, a unidade. No forte do verão, a fruta poderá estar com preço ao redor de Cr\$ 500.

TROCA-SE ERVAS DANINHAS POR SOJA.



FAZEMOS QUALQUER NEGÓCIO:
NO PLANTIO CONVENCIONAL
PRÉ-PLANTIO INCORPORADO
E PRÉ-EMERGÊNCIA
NO PLANTIO DIRETO
MANEJO E APLICAÇÃO PRINCIPAL

TRATAR COM
LEXONE
NA SUA COOPERATIVA
OU REVENDEDOR MAIS PRÓXIMO



LEIA CUIDADOSAMENTE AS INSTRUÇÕES DO RÓTULO

Compromisso com a comunidade

A Cotrijuí inaugura moderno Centro Comercial em Santo Augusto



"Sempre que se pode cumprir com a vontade dos associados, nós nos sentimos satisfeitos. Hoje estamos nos sentindo bem, porque estamos cumprindo mais um compromisso com a população local", disse o diretor vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Oscar Drews, quando, junto com o diretor de Compras e Abastecimento, Valdir Zardin, fez a entrega de um moderníssimo Centro Comercial à comunidade de Santo Augusto. Também participaram dos atos de inauguração das novas instalações do mercado e da loja, o diretor Regional da Cotrijuí, Bruno Eisele, o conselheiro Ido Max Weiller, o gerente da Unidade de Santo Augusto, Romeu Etgeton, o gerente do Centro Comercial, Renildo Ourique e o gerente regional de vendas da Cooperativa, Otelo Mahl.

Arnaldo Drews lembrou que a partir da ampliação e reformulação das dependências

do mercado e da loja, a Cotrijuí está saldando seus dois compromissos com a unidade de Santo Augusto. O primeiro compromisso, também já cumprido, dizia respeito ao armazém de São Valério. Aproveitou a oportunidade e o grande número de associados presentes aos atos inaugurais e deu uma visão geral do que representa o complexo Cotrijuí na realidade. "pois muitos associados não têm uma idéia exata do que é a Cooperativa. Muitos conhecem apenas sua unidade isoladamente". Exemplificando melhor, o diretor vice-presidente contou que a Cotrijuí, ocupa, entre as 500 maiores empresas do Brasil o 34º lugar. "Este dado não é uma constatação da própria Cooperativa, mas de diversas revistas especializadas no assunto".

Mais adiante, voltando a falar no Centro Comercial disse que a sua reformulação e modernização não era apenas um traba-

lho da diretoria, mas de todo o quadro social. "Todo esse trabalho é fruto da entrega de produtos por parte do quadro social desta unidade".

REIVINDICAÇÃO

O diretor de Compras e Abastecimento, Valdir Domingos Zardin disse por sua vez, que a ampliação das dependências da loja e mercado, "cada vez mais acanhados face ao grande número de clientes", era uma reivindicação que ouvia toda a vez que visitava Santo Augusto. As novas dependências da loja, mercado e setor de peças e ferragens ocupam uma área de 1.300 metros quadrados e mais 450 metros quadrados reservados para depósitos. Só nas reformas, ampliação, colocação de balcões frigoríficos, entre outros, segundo o Zardin, foram gastos em torno de Cr\$ 150 milhões.

A Cotrijuí conta atualmente, segundo informações de Zar-

din, com 32 lojas e mercados. 23 destas lojas estão localizadas na Região Pioneira, uma em Rio Grande, outra em Dom Pedrito e sete na regional do Mato Grosso. Apenas durante o mês de setembro, o faturamento das lojas/Cotrijuí fechou em Cr\$ 4,1 bilhões, sendo que destes, Cr\$ 2,4 bilhões foram faturados nas lojas da Região Pioneira.

Ao fornecer estes números Zardin lembrou que a inauguração do novo complexo comercial não significa um mergulho na euforia, "pois o principal e mais importante, faremos daqui para frente, proporcionando ao quadro social e a comunidade em geral um melhor atendimento, não apenas a nível de balcão, mas também em termos de opção de mercadorias e de preços mais acessíveis".

BENEFÍCIOS

O conselheiro Ido Max Weiller, falando em nome do Conselho de Administração e do

quadro social de Santo Augusto, destacou a importância do trabalho que vem sendo realizado pela Cotrijuí em benefício da comunidade. "A nossa Cooperativa prima por prestar serviços dentro do sistema cooperativista, sem visar grandes lucros. Com a inauguração deste Centro de Compras, tanto o associado como a população poderão comprar produtos a preços mais acessíveis".

As festividades de inauguração do novo Centro de Compras da Cotrijuí em Santo Augusto duraram por toda a tarde. E o pessoal que foi até a loja e mercado, pode assistir a um desfile de modas pela passarela improvisada na loja ou as vitrines ao vivo. De resto, uma visita nos demais setores e muitas compras marcaram esse primeiro dia do novo Centro de Compras, uma antiga reivindicação do quadro social que também foi cumprida.

As novidades da loja

Quem diria que um armazém de insumos, já de pouco uso, pudesse se transformar num moderníssimo Centro Comercial, capaz de comportar num mesmo ambiente, loja, mercado, lancheria, açougue, padaria e seção de peças e ferragens? Pois esse armazém, localizado na Unidade de Santo Augusto foi totalmente reformado na sua parte interna, "de maneira que se possa colocar o maior número possível de produtos em exposição, à mão do consumidor" como diz o gerente de Vendas da Cotrijuí, o Otelo Mahl, e transformado num complexo comercial dos mais modernos. No Centro Comercial o consumidor vai encontrar desde vestimentas, produtos alimentícios, hortigranjeiros, até peças para o carro ou o trator, sem ter que se retirar do mesmo local.

Instalado próximo aos escritórios e do armazém da Cotrijuí, o Centro Comercial, entregou ao quadro social e a comunidade em geral no dia 23 de outubro pela direção da Cooperativa em meio a uma festa de confraternização, ocupa uma área de 1.750 metros quadrados. Destes, 1.300 metros são destinados a loja, mercado e setor de peças e ferragens e os demais, 450 metros quadrados, estão servindo de depósito para as

mercadorias.

MELHORES CONDIÇÕES

O Romeu Etgeton, gerente da Unidade de Santo Augusto, justifica a ampliação do mercado e loja, anteriormente instalado num local impróprio, dizendo que nas condições anteriores não havia como atender eficientemente a comunidade. "Em função das nossas acanhadas condições de espaços, onde não podíamos nem expor as mercadorias, só vínhamos perdendo freguesia. Optamos pela reforma de um armazém de insumos e tudo aquilo que tínhamos nas antigas instalações, estamos oferecendo nas novas dependências, só que em melhores condições".

Ao todo, 36 funcionários, altamente qualificados, como faz questão de lembrar o Romeu, e espalhados pelos diversos setores, são os responsáveis pelo atendimento. Nove caixas servem para aliviar o fluxo do pessoal nas horas de grande movimento.

Os espaços de circulação são amplos, não ocasionando estrangulamento do pessoal que circula pela loja, mesmo nas horas de muito movimento. Quarenta carrinhos e quarenta cestas permitem, que simultaneamente, 80 pessoas façam suas compras. O setor de peças e ferragens foi montada com prateleiras adequa-

das (tipo colmeia ou escaninho). Estas prateleiras, além de permitirem uma maior organização da seção, permitem uma melhor visualização do artigo, tanto por parte do comprador como do balconista "que desta forma, explica Otelo, não perde tempo à procura da mercadoria desejada".

A parte lateral do armazém ganhou ainda três vitrines para divulgar as novidades. Para a criançada que acompanha os pais durante as compras, as opções ficam com a lancheria ou então com o parquinho infantil, com gangorras, balanços, pneus e muita areia para as brincadeiras.

SISTEMA DE CREDIÁRIO

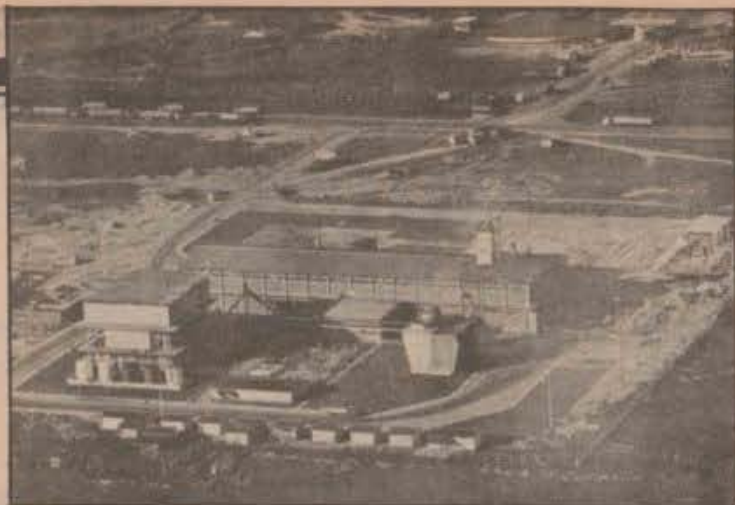
A grande novidade no entanto, além, é claro, da variedade de artigos em todos os setores — mais de 15 mil itens estão sendo colocados à venda —, e que vem beneficiar principalmente o quadro social da Cooperativa, é a criação do sistema de crédito. Esse sistema de crédito vai atender funcionários e associados. Assim, a Cotrijuí conta, de agora em diante, com a sua segunda loja — a primeira a receber este tipo de benefício foi a de Ijuí — a fornecer crédito para as compras realizadas na loja ou no setor de peças e ferragens.

NÃO SE PERCA COM O PLANTIO TARDIO

ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

054/84



A fábrica de óleo tem capacidade para esmagar até 1.000 toneladas/dia

Negócio fechado

Cotrijuí vende indústria em Rio Grande para empresa catarinense

As negociações em torno da venda da fábrica de esmagamento e refino de Óleo da Cotrijuí, em Rio Grande, foram concluídas na terça-feira, dia 20 de novembro. A compradora foi a

Ceval Agroindustrial — pertencente ao Grupo Hering —, uma empresa do setor de óleos vegetais de Gaspar em Santa Catarina. O valor da transação é de um milhão e 100 mil ORTNs, o equivalente hoje a quantia de 22 bilhões, 129 milhões e 800 mil

cruzeiros. A primeira parcela, de 440 mil ORTNs — que corresponde a 40 por cento do valor total da compra — foi paga no ato da assinatura do contrato de venda. O restante da quantia deverá ser saldada em seis prestações trimestrais, a contar a partir do dia 20 de fevereiro.

A fábrica de óleo de Rio Grande, construída em 1976 na zona da Quarta Seção da Barra, junto ao Terminal Graneleiro da Cotrijuí, tem uma capacidade nominal de processamento de até 1.000 toneladas por dia e só será entregue a Ceval no dia 20 de dezembro. Até lá, garante o diretor vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Oscar Drews, ela continuará operando normalmente em regime de "draw-back", como vinha fazendo até agora. Até esse dia a Cotrijuí pretende concluir o esmagamento de seu estoque de soja em grãos para cumprir compromissos de exportação.

DESMOBILIZAÇÃO

A venda da fábrica de óleo de Rio Grande, bem como a do Terminal Marítimo à Portobrás — a negociação poderá ocorrer ainda nos próximos dias e está dependendo apenas de alguns acertos finais — faz parte de um programa de desmobilização do patrimônio promovido pela Cotrijuí e já amplamente debatido pelo quadro social. A Cotrijuí optou pela venda do Terminal Marítimo desde que entendeu que ele já havia cumprido a sua missão, de grande importância na década de 70. Com a possível venda do Terminal, não havia razão para continuar com uma indústria de esmagamento e refino de óleo.

Segundo Arnaldo Drews, a venda da indústria de Rio Grande contribuirá para melhorar a situação financeira da Cooperativa. "A nossa situação financeira melhora bastante. Vamos ingressar na nova safra com uma situação completamente diferente da ocorrida no ano passado.

AMPLIAÇÃO

Parte dos recursos da venda da Fábrica de Óleo, segundo o diretor vice-presidente, deverão ser aplicados na ampliação da indústria de Ijuí, atualmente com uma capacidade operacional do esmagamento de 300 toneladas por dia. "Com algumas modificações, poderemos chegar a processar 600 toneladas por dia, diz Arnaldo Drews, procurando tranquilizar o quadro social. "A indústria de Ijuí continuará sendo um instrumento à disposição dos associados para industrializar parte de sua produção". Por outro lado, lembra que a indústria deve ser encarada pelo quadro social como um meio e não apenas como um fim. "O produtor não deve se limitar a produzir grãos apenas para industrializar".

erros
são
Plantio Direto.

Só não cai nesse buraco quem faz

Plantio Direto.

PLANTIO PLANTIO PLANTIO
PLANTIO PLANTIO PLANTIO
PLANTIO PLANTIO PLANTIO
PLANTIO PLANTIO PLANTIO
PLANTIO PLANTIO PLANTIO
PLANTIO PLANTIO PLANTIO
PLANTIO PLANTIO PLANTIO
PLANTIO PLANTIO PLANTIO
DUAL-PRIMEXTRA

CIBA-GEIGY

Novo sistema de cartão de crédito

Pelo novo sistema, as compras no cartão de crédito passam a ser controladas por um sistema especial e não mais no Associado Conta Corrente.

As modificações introduzidas na sistemática de compras a crédito nas Lojas Cotrijuf e já amplamente debatidas com o quadro social em reuniões pelos núcleos, recém agora começam a ser colocadas em prática. Com as alterações a entrar em vigor nos primeiros dias do mês de dezembro, as compras a crédito realizadas nas lojas, não serão mais debatidas na Conta Corrente do associado, como vinha ocorrendo até agora, mas sim por um sistema especial de crédito.

Todas estas alterações se fizeram necessárias, segundo o Ênio Milan, gerente financeiro da Diretoria de Compras e Abastecimento — DICA —, porque a Cotrijuf, a exemplo do que ocorre com as demais empresas, também necessita de um suporte financeiro para manter o giro de estoques nas suas lojas. "O crédito pelo associado toda a vez que ele realizar uma compra, será tomado de um financiamento bancário. A Cooperativa vai apenas repassar esse dinheiro sob a forma de compras nas suas lojas". Por outro lado, essa é também uma forma do dinheiro retornar num tempo mais curto, bem ao contrário do que vinha ocorrendo anteriormente, quando o associado só acertava as suas contas por ocasião da comercialização de seus produtos. Essa agilidade também permitirá que a Cooperativa

mantenha em dia seus fornecedores.

Segundo o Ênio, este novo sistema de cartão de crédito terá valor apenas para as compras realizadas na loja e secção de peças e ferragens. Fica totalmente excluída a venda de mercadorias no mercado. As lojas conhecidas como "Postos de Vendas" e localizadas no interior, não terão acesso ao novo sistema. Os associados que costumemente fazem suas compras nestes "Postinhos", terão de se dirigir até a sua Unidade para comprar a crédito.

CONTA A PRODUÇÃO

Pelo novo sistema de compras na loja, só terá direito ao cartão de crédito aqueles associados que comercializam a sua produção com a Cooperativa. O associado, terá, conseqüentemente, um limite de crédito, fixado em 15 por cento do seu capital integralizado e três por cento sobre a produção entregue na safra anterior. O associado que não entregou produção na última safra, mesmo que tenha capital integralizado na Cooperativa, não terá acesso a este sistema de crédito. O Ênio lembra ainda que os créditos de bonificação de produção não serão considerados no saldo disponível.

ATENDIMENTO AUTOMÁTICO

A mecânica de funcionamento do novo sistema, segundo o gerente financeiro



Ênio Milan: só terá direito aquele associado que entregar produção

ro da DICA é bastante simples. A liberação do crédito deverá ser automática e concedida diretamente nas lojas, através dos departamentos de crediários. Para realizar suas compras, basta o associado se dirigir a loja "e não mais a Unidade como acontecia anteriormente, e pegar seu limite de crédito. Feita as compras, o associado assina uma Nota Promissória e um contrato. "Tudo é feito, de agora em diante, diretamente na loja, sem nenhuma perda de tempo por parte do associado. Os funcionários encarregados do atendimento no setor de crediário, vão ter a disposição todas as informações necessárias para liberar o crédito para o associado", diz o Ênio.

Ao assinar a Nota Promissória o associado irá optar por uma das seis formas de pagamento. Ou ele paga em 30, 60, 120, 150 ou 180 dias, a juros de mercado. As compras, como deixa claro o Ênio, não serão subsidiadas e sempre que houver atrasos na sua quitação, haverá um acréscimo.

Com a implantação deste sistema, o próprio associado vai ter que procurar programar melhor as suas compras a prazo, e concentrá-las num só período. "Se programando melhor, o associado vai evitar as várias compras e também as múltiplas Notas Promissórias e contratos. Afora esta questão, ele também estará ajudando a Cooperativa a reduzir custos".



QUANDO?

Esta é uma pergunta para os sojicultores que conhecem e aplicam herbicidas pós-emergentes.



Este produtor, que faz plantio direto e, muito objetivamente, busca a eficiência do produto, respondeu:

— Se o produto for Poast, você aplica quando quiser. Poast é o herbicida pós-emergente que age com total eficiência mesmo com o mato mais crescido. Mais que um herbicida, Poast é um novo conceito em agricultura.

Pós-Emergência
Tecnologia BASF

uma boa
resposta

Poast
para o controle de gramíneas
Basagran
para o controle de folhas largas

BASF

A influência do dólar na economia

Argemiro Luís Brum

Nos últimos tempos a soja sofre, no mercado mundial, a influência do dólar de forma cada vez mais decisiva. Os produtores rurais do sul do Brasil, os senhores aí do Rio Grande do Sul, escutam seguidamente que o dólar foi o motivo do aumento do preço da soja ou da queda deste preço. Evidentemente que não é apenas a soja que sofre esta influência. É toda a economia brasileira (significa dizer que a carne, o leite, as aves, os automóveis, os juros, e tudo o mais) que é atingida pelas oscilações da moeda norte-americana. E não é só o Brasil. Hoje praticamente o mundo inteiro é atingido em sua economia pelo que se passa com o dólar.

Podemos de forma simplificada, explicar o que acontece com a soja, por exemplo. Exportamos o farelo de soja em dólares, porque é esta moeda que comanda a economia mundial e todos os negócios entre os países do mundo. A Comunidade Econômica Européia-CEE, composta de 10 países da Europa Ocidental, é nosso principal comprador. Evidentemente compra em dólares.

Torna-se claro então que, quanto mais o dólar sobe, mais difícil fica para os europeus comprarem nossa soja e derivados, pois ela fica mais cara. Como não é fácil de arrumar dinheiro para compensar esta diferença, principalmente hoje em que todas as economias estão em crise, os países compradores diminuem a quantidade comprada. Ao diminuírem a quantidade comprada, sobra produto. A sobra é maior quanto maiores forem as safras de soja dos principais produtores mundiais (EUA com quase 60 milhões de toneladas, Brasil com 15 milhões e Argentina com 6 milhões aproximadamente neste ano). Ao sobrar produto, os preços caem até os níveis considerados bons pelos compradores e que venham, no caso, a compensar o que eles perdem com a alta do dólar. É este o principal ponto, neste momento, que fez o bushel (27,2 kg) de grão de soja, cair na Bolsa de Chicago, de praticamente US\$ 10,00 em setembro do ano passado para US\$ 5,85 aproximadamente em setembro/outubro deste 1984. Uma queda de 41,5 por cento dentro dos EUA que tem uma inflação anual hoje de apenas 4,2 por cento. É algo espetacular.

Para enfrentar este problema, os países produtores podem adotar algumas medidas:

- Diminuírem a produção (o governo norte-americano, em algumas vezes, paga os produtores para não plantarem);
- Aumentarem os estoques, subsidiando-os (quer dizer: manter o custo dos estoques normalmente a preços mais baixos do que os reais);
- Eliminarem o produto, jogando-o fora, queimando, etc. (o Brasil fez isto com o café no início do século e vê ocorrer isto seguidamente com alguns produtos, como o caso da cebola e dos pintos);

d) Aumentarem a luta pela conquista de novos e se possível maiores mercados. É o que os EUA estão fazendo pelo mundo afora em termos da soja, utilizando como arma acusações contra os concorrentes. É neste quadro que entram as acusações contra o Brasil sobre a fraude de nosso farelo, subsídios para exportação, etc. É dentro deste quadro também que, apesar das ideologias diferentes, altos e bons negócios são feitos com a União Soviética e começam a ser feitos com a China.

HISTÓRICO

Uma moeda está em equilíbrio no mercado quando seu poder de compra é, em geral, o mesmo no interior e no exterior das fronteiras do país que a emite ("fabrica").

Desde 1973 o dólar não alcança mais este equilíbrio, fluando mais ou menos livre no mercado monetário (do dinheiro) mundial. É bom alertar que existe o mercado do dinheiro assim como existe o mercado da soja. Apenas que as formas de negociação e as entidades que dele participam são diferentes normalmente, embora em muitas vezes sejam as mesmas com outros nomes.

Pois bem, o dólar ora está supervalorizado ora está desvalorizado desde 1973, a nível mundial, perante o seu justo poder de compra, isto é, o seu valor dentro dos Estados Unidos, país que o emite.

Por um lado, o nível elevado do dólar é uma boa coisa para os turistas norte-americanos e muito mais importante para o mundo financeiro (bancos) dos EUA. Com o dólar forte os estrangeiros investem seus capitais em títulos dos EUA e estes acabam por financiar, em parte, o enorme déficit orçamentário norte-americano que hoje está em torno de 200 bilhões de dólares (praticamente o dobro de nossa dívida externa).

Mas por outro lado, o dólar forte é um problema pesado para os industriais norte-americanos que passam a ter dificuldades para vender no exterior (seus produtos ficam muito caros) e passam a sofrer a concorrência direta dos outros países competidores dentro de suas fronteiras. O Japão por exemplo, está vendendo automóveis dentro dos EUA mais baratos que os próprios carros norte-americanos.

Em termos dos reflexos no exterior, os norte-americanos recomparam, a bons preços para eles, as empresas que nos venderam há tempos atrás, assim como o fazem na Europa ou em qualquer parte do mundo, com um dólar supervalorizado que eles emitem segundo suas necessidades de financiamento de seu déficit exterior. Este déficit deveria normalmente levar a uma baixa do dólar. Mas, para manter uma taxa de troca fixa de suas moedas respectivas em relação ao dólar, os bancos centrais dos outros países industrializados recomparam os dólares no mercado. Este foi o grande jogo montado no final

da Segunda Guerra, chamado acordo de Bretton-Woods. Os bancos centrais dos outros países industrializados tinham o dever de recomprarem os dólares no mercado a fim de manterem suas reservas de troca. O resultado era um dólar sempre forte porque sempre estava procurando no mercado mundial.

Na verdade, o Sistema Bretton-Woods tinha os EUA na testa e fortaleceu a moeda norte-americana a nível mundial perante o ouro, metal precioso que até então era o melhor padrão de troca mundial.

Isto significa dizer que, quando um banco central de um dos outros países industrializados, como a França por exemplo, estimava ter acumulado muito dólar através do ato de recompra no mercado mundial, como vimos em linhas atrás, este banco podia solicitar ao Tesouro dos EUA a conversão em ouro, a um preço conhecido antecipadamente. A chave do sistema era precisamente a fixa definição do valor do dólar por um certo peso em ouro (888,1 miligramas de ouro por um dólar).

Acontece que em 15 de agosto de 1971 o presidente Nixon dos EUA pôs fim a este sistema, pois o mesmo punha em risco as reservas de ouro norte-americanas. Quer dizer, havia muito mais dólares no mercado do que ouro no Tesouro norte-americano para sustentar as trocas.

Ao mesmo tempo, o dólar sofre uma primeira forte desvalorização perante o ouro. Ora, nestas condições, os bancos centrais de outros países, com exceção da França, deixam de sustentar um dólar que já vinha de mais tempo perdendo a fama de ser tão bom quanto ao ouro.

Em 12 de fevereiro de 1973 os EUA anunciam a segunda desvalorização do dólar perante o ouro, passando o preço oficial da onça de ouro (31,1 grammas) de 38 dólares para 42,22 dólares.

Ora, em pouco tempo o fenômeno de acumulação (compra) incessante de dólares pelos bancos centrais da Europa e Japão termina e, a partir de julho de 1973, ocorre um movimento em sentido contrário. Os capitais (dólares) voltam para os EUA, isto é, diminui consideravelmente o interesse pelo dólar a nível mundial e ele cai de valor perante as outras moedas. Enquanto cai o dólar entre 1972 e 1975, o ouro se valoriza.

A RELAÇÃO COM A SOJA

Esta realidade no mercado financeiro mundial vem coincidir exatamente com o famoso "boom" da soja ocorrido em 1973/74. Coincidência? Na minha opinião, de forma alguma.

É bem verdade que houve uma crise de oferta generalizada em termos de proteínas na época. Até hoje se comenta a fuga dos peixes chamados Anchovas, da costa do Peru, que forneciam uma farinha rica em proteínas. A grande frustração das safras de grãos da URSS e a falta

de condições dos EUA supriram toda a necessidade do mercado. Tudo isto fez o preço subir espetacularmente, motivando o grande aumento de produção no Brasil.

Mas, por trás de tudo isto estava a desvalorização do dólar. Com um dólar mais fraco os países importadores podem comprar maiores quantidades, como já vimos no início deste artigo. E as condições eram próprias para isto, ao mesmo tempo em que a Europa estimulava sua produção animal, altamente necessitada de proteínas.

Paralelo a isto, e como consequência técnica do mercado, na medida em que o ouro se valorizou a tendência foi de valorizar as outras matérias-primas principais a nível mundial. Este é um fato automático que acontece até hoje, pois os países procuram se precaver contra as incertezas e buscam comprar as matérias-primas que consideram essenciais para enfrentarem o período de incertezas. A soja se beneficiou deste fato.

Como resultado, fica-nos muito claro que não podemos pensar em mercado da soja e derivados, ou de qualquer outro produto que se destina para o exterior, sem também controlarmos e entendermos o mercado financeiro mundial. Em especial a relação dólar, ouro e outras moedas dos principais países compradores de nossos produtos.

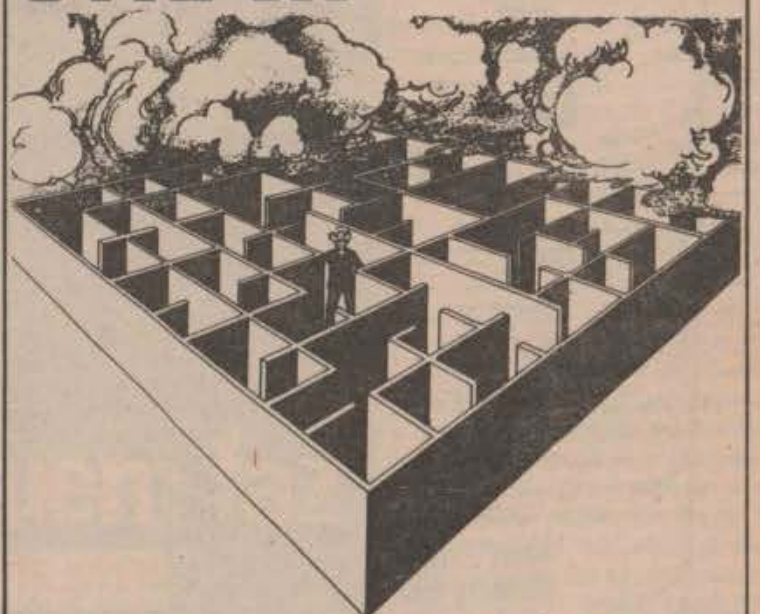
O DÓLAR HOJE

De 1973 para cá muita coisa aconteceu. O dólar, depois de uma nova queda em torno de 1978/79 só aumentou até hoje. A soja, que esteve bem de preço até exatamente 1978/79 perde a partir daí sua força e os preços, com raras exceções, não compensam os custos reais. Mais uma vez não estamos diante de coincidências. Enquanto o dólar esteve baixo, as importações de matérias-primas para as lavouras custavam menos, os juros do dinheiro conquistado no exterior para financiar as safras também, pois havia dinheiro e as compras ocorriam pelos países importadores. A partir de 1978/79 o dólar sobe assustadoramente e o ouro despensa e tudo fica difícil para quem produz para exportação. Afinal o principal padrão de compra, o dólar, passa a ficar proibitivo a cada dia.

"O rublo (moeda da URSS) não é uma moeda convertível, o que significa que não se pode livremente procurá-la no mercado de troca. Uma moeda inconvertível é um formidável obstáculo ao desenvolvimento das trocas de bens e serviços (produtos em geral que o país produz)".

Ora, sobre o terreno da convertibilidade, frente as outras moedas, o dólar está em muito boa posição. Os EUA, juntamen-

NÃO SE PERCA COM O PAPUÁ



ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

051/84

te com a Alemanha Ocidental, a Suíça, a Holanda, a Grã-Bretanha e a Arábia Saudita, fazem parte do pequeno número de países que não tem nenhum controle de trocas. E isto acaba fortalecendo-o.

O fundamento do sistema de Bretton-Woods suprimiu, com referência ao ouro, a convertibilidade (possibilidade das moedas serem transformadas em ouro ou mesmo em outras moedas) à taxa fixa de moedas entre elas, mas a convertibilidade continua, a taxa variável. É esta a grande questão que vem modificar o sistema monetário mundial a partir da decisão do presidente Nixon, em 1971.

A consequência é a crise econômica mundial que atinge a todos de uma forma ou de outra.

OS REFLEXOS NOS PAÍSES DE ECONOMIA FORTE DA EUROPA

Os chamados países desenvolvidos europeus, a grande maioria compradores da soja e principalmente do farelo de soja, como é caso da França, são atingidos em cheio também pela realidade do dólar.

O fato é que sobre o plano psicológico, a moeda norte-americana é sólida tanto no Golfo Pérsico, como na Europa, no Pacífico ou no Brasil. Não só por razões econômicas mas também por razões políticas, como é o caso do rearmamento dos EUA. Esta realidade é posta em prática de tal forma que os principais negócios mundiais, por pressão política ou não, passaram a ser feitos em dólar, o que caracteriza uma dependência para com a moeda norte-americana.

Assim, o comércio mundial de petróleo é financiado em dólares a uma proporção de 75 por cento à 90 por cento. No que concerne a dívida externa dos países chamados em via de desenvolvimento não petroleiros, a mesma é financiada em dólares a uma proporção de 80 por cento à 90 por cento. O Brasil é o campeão mundial com mais de 100 bilhões de dólares de dívida externa.

Ora, o valor dos pagamentos dos juros sobre esta dívida a nível mundial aumentou de 25 por cento por ano desde 1973, com uma aceleração, após o segundo choque dos preços do petróleo, de perto de 50 por cento em 1978 e mais de 33 por cento em 1979 e 1981.

Tudo isto significa dizer que a procura mundial por dólares havia aumentado em 85 por cento por ano até, pelo menos, 1982.

Tal situação se traduz por compras contínuas da moeda norte-americana com um fator agravante constituído pela diminuição dos excedentes de dólar conquistados pela OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) que impede o crescimento dos estoques mundiais disponíveis de dólares.

A moeda norte-americana sobe de preço em todo o mundo rapidamente; como resultado de todo este jogo.

Antes de continuarmos, vamos abrir um breve parêntese para recapitularmos as razões deste aumento do valor do dólar a nível mundial, nos últimos tempos, pois é uma questão fun-

damental e não muito fácil de compreender. Vamos por pontos:

1) Como a maior parte das mercadorias, os preços de uma moeda sobem ou baixam em função da oferta ou procura que existe sobre esta moeda. O dólar é caro porque ele é muito procurado no mercado das trocas e as quantidades ofertadas são insuficientes para equilibrar a procura a um baixo nível de preço;

2) Cada moeda é ofertada ou procurada para responder as múltiplas operações (comerciais e financeiras) que se referem a balança de pagamentos do país ao qual ela faz parte;

3) A balança de pagamentos representa em primeira instância as operações comerciais: exportações e importações de mercadorias. As primeiras fazem entrar divisas (os dólares para o caso dos EUA) e as segundas fazem sair divisas. Desde o início dos anos 70, com uma forte agravamento a partir de 1977, o comércio exterior dos EUA não é mais equilibrado;

4) Mas a balança comercial não é a única em questão. Os pagamentos exteriores de um país compreendem também a balança de pagamentos correntes que, além dos fluxos de mercadorias, leva em conta os serviços: transportes, seguros, grandes trabalhos, cooperação técnica, patentes e rendas, juros, dividendos outras rendas de capital, transferências efetuadas por trabalhadores estrangeiros, etc. Um país pode equilibrar sua balança de pagamentos correntes embora tenha um déficit importante em sua balança comercial. O exame da balança americana mostra que os déficits de seus pagamentos correntes surgidos a partir dos anos 70 são insignificantes quando eles surgem (sete vezes nos quinze últimos anos). Em 1982 seu desequilíbrio não passou de 8 bilhões de dólares, o que é bem pouca coisa se compararmos com o total das exportações dos Estados Unidos, por exemplo, (212 bilhões de dólares);

5) Estas operações sobre os bens e os serviços são seguidas, dentro da conta da balança geral de pagamentos, pelos movimentos de capitais: a longo termo e a curto termo. Os primeiros correspondem, principalmente, aos créditos comerciais, aos investimentos diretos (norte-americanos no estrangeiro e estrangeiros nos Estados Unidos), aos investimentos em carteira (compra de valores norte-americanos pelos estrangeiros ou de valores estrangeiros pelos norte-americanos), aos empréstimos enfim. Até 1970, os Estados Unidos eram exportadores de capitais, principalmente em função dos investimentos das multinacionais norte-americanas pelo mundo. O déficit da balança de capitais a longo termo era mais importante que o excedente dos pagamentos correntes. Também a balança dita "de base" (transações correntes mais movimentos de capitais a longo termo) era deficitária;

6) A balança de capitais a curto termo compreende ela também, mas por alguns meses somente, os créditos comerciais e os empréstimos, os créditos e os compromissos do setor bancário, enfim, os movimentos do setor público (as saídas de divisas,

notadamente);

7) A balança dos Estados Unidos, apenas deficitária na sua parte alta (transações comerciais e serviços), é então mais que equilibrada na sua parte baixa. Isto não é surpresa porque depois da chegada de Reagan ao governo dos EUA as quantidades de capitais chegam ao território norte-americano, vindas de países em dificuldades, como o México, Brasil e Argentina, atraídas por juros elevados e promessas de lucros industriais importantes. Assim, em 1982, as entradas brutas alcançaram 85 bilhões de dólares contra 39 bilhões em 1979;

8) Se as necessidades norte-americanas em dólares são satisfeitas — em parte, como vimos, com dólares do estrangeiro — a oferta do bilhete verde no mundo é cada vez mais rara nos últimos anos: os pagamentos exteriores dos países petroleiros tornaram-se deficitários (de 15 bilhões de dólares aproximadamente em 1982, de 50 bilhões provavelmente tenha sido em 1983, após importantes excedentes anos anteriores — em 1981 o excedente chegou a 63 bilhões de dólares), os países em desenvolvimento, como o Brasil e o México, não podem reembolsar sua enorme dívida (a dívida dos países do Terceiro Mundo chega hoje a quase 1 trilhão de dólares) e continuam a se endividar. . . O

dólar se valoriza porque ele é difícil de ser encontrado e todos o buscam.

PROBLEMA DE TODOS

Para a França por exemplo, cada aumento de 10 centavos de franco (moeda francesa) da divisa norte-americana custa aproximadamente 2 bilhões de francos de déficit comercial a mais. O dólar aumentou nos últimos 6 anos, chegando em meados de setembro deste ano em 9,71 francos e hoje (20 de outubro) está em 9,45 francos.

E o problema para a França é que ela gasta em dólares 1/3 de suas compras e vende em dólares somente 1/5 de suas exportações. Significa dizer que é deficitária. É por isso que as compras do farelo de soja por exemplo, diminuem quando o dólar sobe, motivando no final uma queda nos preços da soja no mercado mundial. Afinal o problema acaba sendo de todos os países.

Não precisamos explicar muito que, se o dólar baixa, as coisas melhoram para as moedas dos outros países. A França por exemplo, para cada 10 por cento de queda do dólar no mercado mundial, tem 1 por cento de queda na sua inflação dos alimentos. Isto é muita coisa para um país que espera ter este ano

uma inflação máxima ao redor de 7,5 por cento.

Mas o fato é que hoje o dólar está mais forte do que nunca e as perspectivas para o futuro não são muito otimistas.

SEGURAR AS COTAÇÕES

Mas, por enquanto (e isto eu escrevo, repito, em 20 de outubro) o dólar só não subiu mais em relação as moedas européias porque o Bundesbank da Alemanha Ocidental, a cada disparada do dólar, vende um pouco de suas reservas do "bilhete verde" segurando as cotações. Mas mesmo assim, o dólar está em 3,06 marcos, tendo já chegado em 3,18 marcos. É algo inimaginável até há poucos meses na Alemanha.

Segundo os diretores de 50 sociedades multinacionais interrogadas por uma filial internacional do Bank of America, o dólar deverá baixar um pouco nos próximos três meses. Entretanto, nenhum dentre eles afirmou que o dólar cairá abaixo de 2,85/2,90 marcos, sendo que a maioria disse que o dólar irá oscilar até fins de janeiro de 1985 entre 2,90 e 3,10 marcos.

Este é o centro do debate econômico mundial hoje que, como vimos, tem reflexos diretos e decisivos no comércio exterior em geral e da soja em particular.

(fl)abenzazolin, MSD)

TECTO₁₀ NO TRATAMENTO DE SEMENTES

MSD AGVET
MERCK SHARP & DOHME - AGVET LTD.

AC-06/82

Marca Registrada

RP-PT-6882

Um estímulo aos que tratam bem do solo

Dois associados da Cotrijui no Mato Grosso do Sul irão representar o Estado no concurso Nacional Produtor Modelo, que o Ministério da Agricultura promove anualmente. Achiles Decian e Alcides de Souza Góes, de Dourados, passaram pelas etapas municipal, regional e estadual do concurso, e chegam agora à fase nacional, que terá o vencedor conhecido até o dia 14 de dezembro. O prêmio é um estímulo à produtividade, e especialmente aos cuidados com o solo.

Alcides de Souza Góes é natural de Caiuás, São Paulo, e decidiu mudar-se para o Mato Grosso em setembro de 1966. Comprou 30 hectares de terra, na localidade de Barreirão, distrito de Indápolis, numa área colonizada no tempo de Getúlio Vargas, e mora ali até hoje com a mulher, dona Maria Antônia, e seis filhos. Este ano, seu Alcides arrendou 60 hectares, para plantar arroz e soja.

SEM PROAGRO

Ele iniciou a vida no Mato Grosso plantando algodão, feijão, milho e arroz, e dedicando-se também à criação de gado. Em 1978, começou a plantar trigo e soja (11 hectares com ca-

da cultura), e deixou o restante da área para pastagens. Hoje, ele ocupa 16 hectares com soja no verão e trigo no inverno, 12 hectares com arroz irrigado e dois hectares com pastagens.

Conservando sempre a resteva, fazendo rodízio de culturas na área e utilizando outras práticas, seu Alcides se orgulha de nunca ter recorrido ao Proagro desde que iniciou o plantio de soja e trigo. A soja rende em média 2.500 quilos por hectare, e o trigo 1.800 quilos. Todo o alimento consumido na propriedade é produzido ali mesmo. Outro orgulho de seu Alcides: desde que se associou a Cotrijui, em 78, ele entrega toda a produção à Cooperativa, através do posto de Indápolis.

CAPINA

Achiles Decian, o outro produtor modelo que concorre na etapa nacional, é gaúcho de Júlio de Castilhos, onde também possui 400 hectares. Ele chegou ao Mato Grosso do Sul em 1977, quando comprou 400 hectares. Em 1978, arrendou mais um pedaço de terra, na Picadinha, plantou soja e colheu 43 sacas por hectare. Hoje estas áreas são cuidadas por Mário José Cassol e

Enildo Lago Zanon, que se dedica tanto à parte técnica como administrativa da lavoura.

A lavoura de seu Achiles não dispensa o que há de moderno e antigo. Tanto que, além de usar defensivos, quando necessário, ele não deixa nunca de recorrer à capina manual para controle das ervas daninhas. O solo merece atenção especial, com incorporação da palha e rotação de culturas. No ano passado, iniciou uma experiência com plantio direto, em 100 hectares de soja, colhendo 50 sacas por hectare. Este ano, a área com plantio direto será ampliada para 200 hectares.

Mário e Enildo estão sempre realizando experimentos, para que toda a novidade que se mostre viável seja testada, e para isso contam com a assistência técnica da Cotrijui. A média da produtividade do trigo é de 2.100 sacas por hectare, e este bom rendimento tem sido atribuído às práticas de preservação da fertilidade do solo. Seu Achiles foi um dos primeiros produtores do Mato Grosso do Sul a se associar à Cotrijui.

SOJA

A Cooperativa teve outro



Alcides Góes



Mário Cassol

associado classificado no início do concurso, na etapa municipal, em agosto, quando dos quatro concorrentes três eram sócios da Cotrijui. Agenor Ferreira da Silva, que não chegou a se classificar para a etapa estadual, é natural de Dourados e planta em 38 hectares do Sítio Eveline, que faz parte da Fazenda São João.

Sua experiência com a soja é um exemplo dos progressos que conseguiu para aumentar a produtividade. Em 1973, quando plantou soja pela primeira vez, ele colheu apenas 12 sacas por hectare. Nas últimas safras, após comprar um trator e utilizar tecnologia mais moderna, ele chegou a um rendimento de 45 sacas.

Em 81, começou a plantar trigo, colhendo 12 sacas — em função de doenças que atacaram a lavoura —, mas em 83 a produtividade saltou para 33 sacas (1.980 quilos). Este ano, com a estiagem na região, a produtividade do trigo ficará em torno de



Enildo Zanon

15 sacas. Agenor mantém gado na área e não renega nada que seja bom para o solo, com exceção do plantio direto. "por causa dos altos custos do maquinário para a pequena propriedade". É associado da Cotrijui desde 1978 e também faz questão de dizer: "Nunca entregarei um grão fora da Cooperativa, e não me arrependo disso".

As Bodas de Ouro do primeiro casamento em Ijuí

O primeiro casamento realizado em Ijuí, após a transformação da vila em cidade, em 1934, uniu um italiano e uma austríaca: o seu Luiz Vetoratto e dona Hildegard Prauchner. Pois no dia 20 de outubro, 50 anos depois, eles comemoraram as Bodas de Ouro, quando o fato foi lembrado por parentes e amigos do casal, que reside na Linha 5 Leste. Seu Luiz, que nasceu a 19 de abril de 1906, em Pádua, na Itália, veio para o Brasil quando tinha um ano de idade. Seis pais, Felício e Tereza Vetoratto, desembarcaram em São Paulo, onde ficaram um bom tempo, viajando depois a Rio Grande, de navio.

Mas foi em Ijuí, para onde vieram a procura de trabalho, que eles terminaram ficando, na Linha 5 Leste. A família se dedicava a produção de vinho, e depois comprou mais um pedaço de terra na Linha 3, onde seu Felício trabalhava em sociedade com o irmão, Antonio. Foi ali que se deu o namoro do seu Luiz com dona Hildegard, filha dos imigrantes austríacos Guilherme e Leopoldina Prauchner, que residiam na Linha 6.

O casal teve seis filhos — Irineo, Elzira, Hélio, Sadi, Eugênio e Querino — todos eles vivos. Três deles ainda trabalham com seu Luiz, que gosta de lidar com parreiras e a produção de vinhos. No dia 20, a capela da localidade ficou cheia de parentes e vizinhos dos Vetoratto, onde foi celebrada missa pelo padre Luiz Gaszda. E para que a festa fosse completa, é claro que não faltou um churrasco.



MERCADO DA SOJA

Instabilidade dificulta qualquer previsão

O mercado para a soja está numa instabilidade a toda a prova, sendo portanto, muito difícil fazer qualquer tipo de previsão, como mostra a análise feita pelo coordenador da área de Comercialização da Cotrijui na Região Pioneira, o Énio Weber, no dia 20 de novembro.

As previsões da safra americana indicam uma produção de 52,5 milhões de toneladas. Este número foi considerado altista pelo mercado, pois representou uma queda de 2,2 por cento em relação a estimativa de produção do mês de outubro. Este declí-

nio na estimativa de produção da safra americana é debitado à baixa produtividade alcançada na região do Delta e Mississippi — responsável por 22 por cento da produção de soja nos Estados Unidos. Além disso, o reduzido volume de negócios realizados pelos produtores americanos indica que eles realmente estão esperando uma melhora nos atuais níveis de preços.

Apesar disto, ainda pode se constatar outras situações que tornam o mercado baixista, como mostramos a seguir:

• O relatório de oferta e

procura, não é muito animador em termos de mercado. Isto significa uma maior oferta e menor procura do produto;

• As importações europeias de soja em grão, previstas em 10 milhões de toneladas para a temporada atual — iniciada em outubro — estão com 400 mil toneladas a menos das estimativas iniciais. As previsões indicavam que seriam importadas 10 milhões e 400 mil toneladas;

• O consumo de farelo na Europa está previsto em 14,6 milhões de toneladas. Isto significa 200 mil toneladas a menos em

relação ao último relatório;

• A Índia deverá importar 100 mil toneladas a menos de óleo em relação ao ano anterior;

• A previsão de produção mundial de oleaginosas é de 184, 2 milhões de toneladas, ou seja, 11 por cento a mais do que foi produzido na safra passada.

Agora estas questões, existem ainda os produtos substitutivos, principalmente em relação ao farelo de soja, que tem uma previsão de queda de consumo na ordem de 300 mil toneladas. Sobra daqui para a frente apenas uma grande expectativa no que

se refere a safra brasileira, com área de plantio prevista em 9.290.900 hectares.

TERRENO

Vende-se terreno localizado à rua Congo Velho, com casinha de madeira de 5x6,5 metros, número 170, proximidades de Cotrijui. Área de 10,60x38 metros. Preço: Cr\$ 3,5 milhões. Certas para Sueli Pereira de Silva, rua Silveira Martins, 70, Tupanciretã (CEP. 98.170), ou pelo telefone 272-1120.

A permuta garante semente fiscalizada

966 produtores na Região Pioneira trocaram soja indústria por semente na safra passada.

Colocado em prática no início do ano passado, a proposta de um contrato de permuta de soja indústria por semente continua tendo uma excelente aceitação entre o quadro social da Cotrijuí. A receptividade por parte dos associados pode muito bem ser comprovada pelo número de contratos assinados para o plantio desta safra. Aliás, essa receptividade começou desde o momento da implantação do contrato, quando, só no primeiro ano, 494 associados da Região Pioneira optaram pela troca de soja indústria por sementes. Estes associados entregaram, em 1983, nada mais nada menos do que 45.410 sacos de soja, para terem garantidos na época de formação da lavoura, independente do preço da semente na ocasião do recebimento e sem qualquer envolvimento de dinheiro, 34.789 sacos de sementes.

Para esta safra que já anda sendo plantada, 966 associados da Região Pioneira optaram pelo contrato de permuta. De acordo com o Francisco Tenório Falcão Pereira, agrônomo e coordenador do setor de produção de sementes da Cotrijuí, esses 966 associados vão receber um total de 54.169 sacos de sementes. "A receptividade por parte dos produtores está sendo muito boa", diz o Francisco, bastante otimista e convencido que para o ano o volume do contratos e de associados envolvidos nessa troca será ainda maior. "O associado está levando em conta uma série de vantagens que ele obtém ao optar por essa troca".

A intenção da Cotrijuí ao implantar esse tipo de contrato foi o de permitir o plantio de sementes de qualidade. Toda essa preocupação com a semente vem desde 1982, quando em julho daquele ano, o Banco Central liberou, através da circular 706, o uso da semente fiscalizada para efeito de financiamento da lavoura. Outra preocupação do Departamento Agrotécnico e levantada pelo Francisco é quanto as misturas varietais que poderão ocorrer com as sementes, "pois a partir da circular 706, os produtores podem guardar suas sementes em casa".

AS VANTAGENS

Segundo o Francisco, as vantagens do produtor ao optar pelo contrato de permuta são inúmeras. Ele começa lembrando que ao trocar 100 sacos de soja indústria por 77 de sementes, o produtor estará assegurando, para a época do plantio da lavoura, uma semente padronizada, fiscalizada e com atestado de garantia. "O produtor não vai correr o risco de plantar sementes com mistura varietal ou outras impurezas", garante o agrônomo. Outra vantagem é que o produtor não vai ter de desembolsar nenhuma quantia de dinheiro na hora da retirada da semente da

Cooperativa, mesmo que o preço seja bem mais elevado que o da época da realização do contrato.

Esse sistema de troca, na verdade nada mais é do que o produtor guardar a sua semente, só que em vez de deixá-la em casa, armazenada em locais impróprios e sujeito a grande perdas, ele utiliza os armazéns da Cooperativa e toda a sua infraestrutura no que diz respeito a produção e tecnologia de sementes. "Assim, o produtor evita as perdas e sabe que a sua semente está garantida", diz o agrônomo.

REDUÇÃO

Só em não ter que desembolsar dinheiro para comprar sementes para fazer a lavoura de soja, já é uma grande vantagem segundo o seu Reinhart Kommers. "Além de outras vantagens como garantia de semente fiscalizada, o produtor está reduzindo seus custos de formação da lavoura", diz o produtor.



Francisco Pereira

lizada, o produtor está reduzindo seus custos de formação da lavoura", diz o produtor.

Seu Reinhart, proprietário de 150 hectares na Vila Mauá, em Ijuí, está participando do sistema de troca de soja indústria por semente pela primeira vez. Ele entregou 130 sacos de soja e vai receber 100 de semente das variedades Coob, IAS-4, Paraná e Década. Ainda pretende plantar outras variedades, como a BR-2, UFV-1, a Bragg, o BR-4 e Ivorá, armazenadas em casa.

De calculadora na mão, o seu Reinhart faz as contas para mostrar que o produtor só tem a ganhar ao optar pelo permuta. Se tocasse de vender os 130 sacos de soja indústria que trocou, ao preço de hoje - Cr\$ 30.000 no dia cinco de novembro - ele



Reinhart Kommers

faria Cr\$ 3.900.000. Com esse dinheiro ele não conseguiria comprar os 100 sacos de sementes que está recebendo, "pois o preço anda em torno de Cr\$ 46.700 por cada saco de 50 quilos". O produtor sai ganhando Cr\$ 770.000. "Se não tivesse feito o contrato, teria que, além de vender os 130 sacos de soja, desembolsar mais toda essa quantia de dinheiro só para comprar a semente que preciso para a lavoura".

Também o seu Onorildo Zangirolami, proprietário de 40 hectares na localidade de Chorão, em Ijuí, considera a redução dos custos a principal vantagem desse sistema. "Além de ter uma semente pura e com atestado de garantia, o produtor ainda recebe sacaria nova e todo o inocu-



Onorildo Zangirolami

lante necessário, sem ter que gastar nenhum cruzeiro".

Seu Onorildo entregou 100 sacos de soja e já recebeu 77 sacos de sementes das variedades Cristalina e Década. Deixou guardado em casa 100 sacos das variedades Bragg e IAS-4. A intenção do seu Onorildo é aumentar a sua entrega de soja para receber mais sementes, pois não anda querendo mais guardar semente em casa por causa dos riscos que corre. "Não tenho armazém apropriado e além disso, o risco da semente não germinar direito e comprometer a lavoura é grande". Conta que só não fez um contrato maior este ano, porque era a primeira vez que entrava no sistema de permuta "e queria saber se realmente ele funcionava direitinho".

Para acertar no mato da soja use Fusilade na hora certa e na dose certa.



Com FUSILADE você dispõe agora do mais avançado e eficiente método de controle de gramíneas em culturas de folha larga.

FUSILADE é o mais eficiente e completo herbicida seletivo de pós-emergência para o controle de gramíneas, tanto anuais como perenes.

Acerte no mato com Fusilade.

Herbicida pós-emergente específico, para o controle de gramíneas, tanto anuais como perenes, em culturas de folhas largas.



Controle na hora certa, garantia de maior produção.

Consulte a assistência técnica da ICI Brasil S.A.



ICI Brasil S.A.

O controle pós-emergente, obtido com FUSILADE, dá a você a flexibilidade de saber, onde e qual o tipo de ervas que você tem na sua lavoura, antes de investir tempo e dinheiro no combate às infestantes.

Com FUSILADE você faz investimento seguro, porque só aplica em soja que vingou.

A valorização da mulher

Vários cursos realizados junto a núcleos de esposas e filhas de associados da área de ação da Cotrijuí, Região Pioneira, foram encerrados no decorrer do mês de outubro. Estes cursos marcaram o final de mais uma parte do trabalho que vem sendo realizado pela área feminina do setor de Comunicação e Educação da Cooperativa e que tem como meta procurar valorizar o trabalho da mulher rural e ao mesmo tempo mostrar a importância desta atividade como fonte de economia e até como possível fonte de renda.

O encerramento dos cursos de corte e costura nos núcleos de Coronel Barros, Boa Esperança e Parador, em Ijuí, foi motivo de festas para estas três comunidades. Estes cursos tiveram como instrutora responsável a professora Liane Maria Ketzer. Além de uma festinha de confraternização, as participantes organizaram uma exposição, ocasião em que puderam mostrar a todos os visitantes, os trabalhos desenvolvidos durante o período de realização dos cursos.

No núcleo de Parador o curso teve uma duração de 200 horas/aulas e a presença de 19 participantes. O curso encerrou no dia 9 de outubro e contou com a presença do Clóvis Rorato de Jesus, gerente da Unidade de Ijuí, da Noemi Huth, coordenadora da área de Comunicação e Educação da Cotrijuí, da Carmem Simon, responsável pelo trabalho nos núcleos de senhoras e filhas de associados naquela região, de Liane Maria Ketzer, a professora e da comunidade em geral.

As concluintes do curso em Parador foram: Cledi Wen-

der, Cleusa Maria Goi, Cleusa Terezinha Goi, Dalva Boff, Doraci Pereira, Edi Tiecher, Inês Ceretta, Ivone Ceretta, Leda Dal Molin, Leila Goi, Lenise Tiecher, Lúcia Ceretta, Madalena Strada, Madalena Tiecher, Maria Valdeci, Neila Bronzatto, Neiva Barriquelo, Rosane Barriquelo, Zulmira Daltroso.

Em Boa Esperança o encerramento aconteceu no dia 10 de outubro, contando com a participação de Noemi Huth e Liane Maria Ketzer, João Frantz e a Marlene Gonchoroski, responsável pelo trabalho de comunicação e educação do núcleo. O curso teve uma duração de 190 horas/aulas e a presença de 11 participantes. Concluíram o curso nesta localidade: Edeltrante E. Bigolin, Elizete Bagolin, Irene Feron, Jane Kinalski, Jandira C. Pereira, Lourdes da Costa, Marli Kroth, Nair Fachin, Rosalina Baiotto, Sônia Maria Fiorin, e Rosângela Stalberg.

No núcleo de Coronel Barros onde o curso teve uma duração de 185 horas/aulas, as 13 participantes receberam seus certificados no dia 11 de outubro. A pequena solenidade contou com a presença de Noemi Huth, Liane Ketzer, Marlene Gonchoroski, Jaime Ledur, Sônia Martins, Zilma Roseli de Souza.

As concluintes do curso foram: Cristiane Fischer, Clenir Biger, Elizabeth Walter, Flávia R. Fischer, Inês Jappe, Loiva L. Ruhn, Lorena da Silva, Loreni Sfat, Marisa Klamt, Naira Klamt, Selda Vecker, Seldi Schmorantz e Roselaine Rebhein.

CURSOS DE CROCHÊ

Em Chiapetta, nos núcleos de Maurício Cardoso, Esquina Chiusa, Rincão da Lage e São Jo-

sé, aconteceu o encerramento de quatro cursos de crochê. Os cursos tiveram como instrutora Carmem Antunes e a coordenação da comunicadora daquela Unidade, Iria Michalski. As participantes dos cursos tiveram a oportunidade de confeccionar, durante as aulas, guardanapos, roupas de bebê, acabamento de panos de copas, toalhas, entre outros.

No núcleo de Maurício Cardoso participaram do curso: Adiles Boiarski, Berta Boiarski, Cleci Estopilha, Elaine Boiarski, Frida Estopilha, Herta Woicichowski, Ieda Czyzeski, Ladir Estopilha, Leda Stieguemeier, Laura S. Kuhler, Nair Cima, Rosa Oliveira, Lourdes F. dos Santos, Sueli Lopes, Terezinha Lopes.

Em Esquina Chiusa participaram do curso em crochê: Adilce da Silva, Ana Heneraske, Carmem Chiusa, Eloisa dos Santos, Bronilda Prochnow, Inês Chiusa, Maria Estopilha, Maria de Fátima Chiusa, Maria Ilda dos Santos, Neidi Seifert, Rosa Heneraske e Rosa Langue.

No núcleo de Rincão da Lage participaram: Clarice Rozin, Cleusa Kessler, Maria Carmem Ciotti, Rozair Kautzmann, Mariza Zachei, Marlene Zachei, Nelsi Thomé, Noeli Ratz, Onéida Rozin, Sueli Milani da Silva e Roseli M. da Silva.

Em São José, as 15 participantes do curso foram Aláides Riske, Alice Janke, Anita Spengler, Arminda Barth, Celonir Rottilli, Elaine Janke, Ivanir Ratz, Jurema Riske, Mara Scheve, Maria Alice Barth, Maria Libéria Klipstein, Maria Oliva Rosa, Rosane Colling, Zenaide Spengler e Oniva Spengler.



Núcleo de Coronel Barros



Boa Esperança



Parador

Descanso na Colônia de Férias

Descansar por alguns dias, deixando de lado as preocupações com a lavoura, o preço do leite ou dos insumos, é um direito que todo o associado tem assegurado. Não é para menos, que todos os anos, em média 1.400 associados da Cotrijuí buscam um merecido descanso na Colônia de Férias da Cooperativa, localizada na Praia do Cassino, no município de Rio Grande. Várias excursões, partindo das diferentes Unidades da Cotrijuí, já começam a ser organizadas, para a partir do mês de janeiro, seguirem rumo a Rio Grande. O mês de dezembro fica reservado para excursões com alunos e professores.

Para veranejar na Praia do Cassino os associados e seus familiares contam com duas modalidades. Uma das modalidades é participar das excursões, se deslocando até a Colônia de Férias em ônibus contratado pela Cooperativa. O ônibus fará o percurso de ida e volta, passando pela cidade de Santa Maria. Caso os excursionistas desejarem voltar por Porto Alegre, a viagem sofrerá um acréscimo de Cr\$ 150.000, valor a ser rateado entre os participantes da excursão, quando da saída de Rio Grande.

Todo o associado que optar por esta modalidade terá garantido seis dias de descanso à beira-mar por um preço de Cr\$

82.000, incluindo as despesas de transporte e estadia. Crianças de dois a cinco anos pagarão pela estadia Cr\$ 41.000, cada uma. Os responsáveis pela organização da Colônia de Férias, os comunicadores Nelson Thesing e Rosani Ottonelli, lembram que serão considerados dependentes dos associados, as esposas, os filhos, os empregados, ou ainda outras pessoas, desde que estejam cadastradas na sua declaração de renda.

A Colônia de Férias também está aberta a não associados. Aqueles que optarem pela modalidade de excursão, pagarão pela estadia de seis dias a quantia de Cr\$ 99.000. Filhos de não associados com idade entre dois a cinco anos pagarão, cada um, Cr\$ 49.500.

Pela segunda modalidade, o associado poderá se deslocar até Rio Grande em carro próprio, pagando Cr\$ 164.000 pelo período de 12 dias de veraneio. Crianças de dois a cinco anos pagarão Cr\$ 82.000. Os não associados que preferirem esta modalidade pagarão Cr\$ 198.000 pelo mesmo período de veraneio e as crianças, na faixa de dois a cinco anos, Cr\$ 99.000.

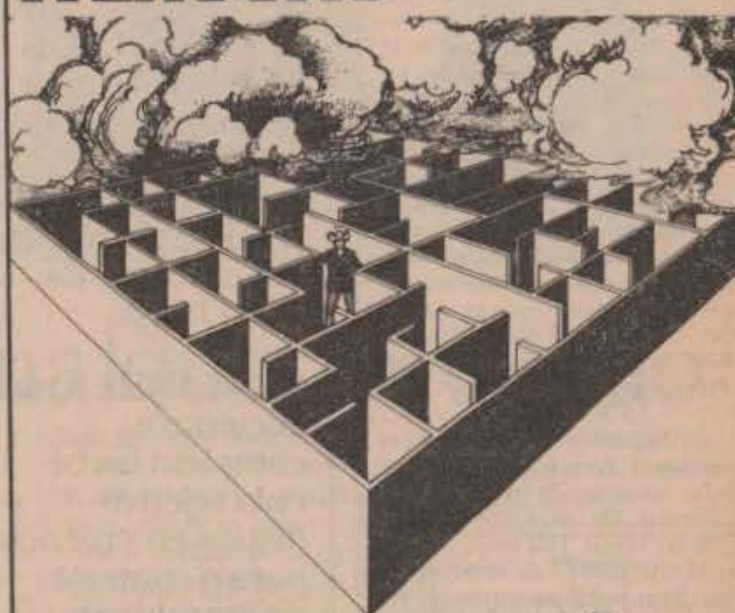
Para qualquer uma das modalidades, se faz necessário uma inscrição prévia dos participantes — aberta desde primeiro de no-

vembro no setor de Comunicação de cada Unidade —, para que os coordenadores da Colônia de Férias tenham condições de programar direitinho as acomodações para todo o pessoal durante a temporada.

Como vem acontecendo todos os anos, os participantes deverão levar roupas de cama (lençóis, fronhas, travesseiros e cobertores) e ainda todo o material de higiene pessoal — sabonete; pasta de dente, entre outros — Como não existem acomodações em cama de casal, tanto o marido como a mulher deverão levar roupas de cama em separado. Fora isso, os excursionistas deverão acatar as determinações contidas no regulamento interno, como horário de refeições, horário de silêncio, e cuidado pelo patrimônio e pelo bom funcionamento da Colônia. Os coordenadores lembram que todas as refeições terão horários pré-estabelecidos e que deverão ser cumpridos, caso contrário, o veranista perderá direito às mesmas.

As despesas de veraneio somente poderão ser debitadas na conta corrente daquele associado que tem entregue sua produção na Cooperativa. Em caso contrário, o pagamento deverá ser feito à vista, antes da saída da excursão. Despesas extraordinárias — bebidas, lanches —, ficarão por conta do associado.

NÃO SE PERCA COM A EROSÃO



ENCONTRE A SAÍDA CERTA COM DUAL

CIBA-GEIGY

05/84

LAVOURA DO MÊS



LENTILHA

As lavouras de lentilha estão com desenvolvimento satisfatório, estando em sua maioria na fase de formação e maturação dos grãos.

Houve no mês de outubro e início de novembro duas condições diferentes para as plantas de lentilhas. Em outubro ocorreu uma breve estiagem, alta luminosidade e, portanto, muito favorável a cultura. Os primeiros dias de novembro foram muito chuvosos, com temperatura alta, e portanto, ruim para a planta em função da maior ocorrência de doenças.

A situação após este período ainda não está avaliada, esperando-se que o prejuízo não seja grande e se possa obter um resultado compensador pelo trabalho e despesas da lavoura.



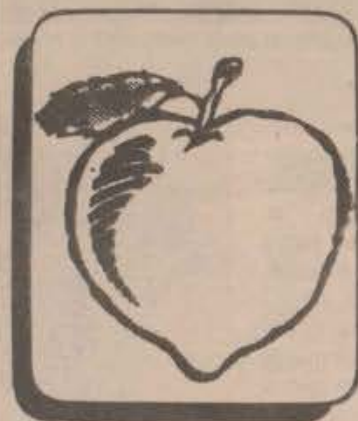
ALHO

O alho precoce está colhido e em muitos casos curado, já sendo feito o corte e limpeza. O aspecto geral do produto é satisfatório, pois em sua maioria foi colhido antes do período chuvoso, mantendo as capas externas, o que melhora o seu valor comercial.

O alho tardio Portela, Roxo, está com desenvolvimento bom, devendo ser iniciada a colheita nos próximos dias. O padrão das lavouras mostrou, mais uma vez este ano, que a cultivar Portela não deve ser cultivada em solos de alta fertilidade, pois esta condição favo-

rece o vigor da planta e faz com que as plantas superbrotem ou perfilhem, perdendo muito de seu valor comercial.

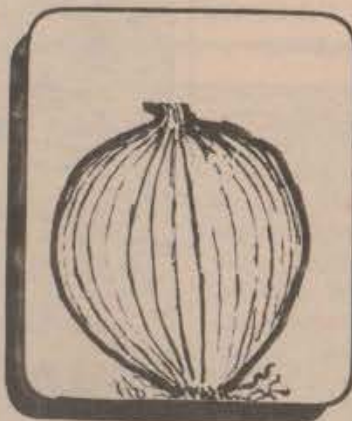
O lamentável em relação ao alho foi a liberação da importação de alho espanhol para o mês de novembro. Esta medida está prejudicando seriamente os preços de mercado e os produtores irão sofrer as consequências de uma decisão prejudicial aos interesses do alho nacional.



FRUTÍFERAS

As laranjeiras apresentaram, em sua maioria, um bom florescimento, porém agora se tem observado a queda de frutos jovens, causado por um fungo e que deve ser controlado para evitar grande perda de produção.

As figueiras estão apresentando boa brotação nas plantas podadas, recomendando-se ainda a aplicação de uréia nas plantas para aumentar mais o vigor e estimular a produção nos ramos novos.



CEBOLA

As lavouras de cebola, em sua maioria, na fase de bulbificação, ou seja, formando as cabeças. A perspectiva de produção é boa. Os trips têm ocorrido na maioria das lavouras, trazendo um pequeno prejuízo a produtividade, mesmo assim a quantidade produzida por hectare deverá ser muito boa.

Este ano, apesar das condições climáticas terem sido favoráveis ao surgimento de doenças das folhas, estas não se manifestaram, caracterizando a boa aclimação na região que apresenta a variedade Baía Periforme, produzida e distribuída pela cooperativa.

A colheita da cebola é uma operação importante e na qual devem ser tomados alguns cuidados. O ponto de colheita é aquele em que tomba a rama, sem estar podre, pois a cebola sem rama se conserva muito pouco. Após arrancada, a cebola fica algumas horas ao sol, coberta pela rama para dimi-

nuir a umidade, sendo amarrada depois em manojos, e pendurada em estaleiros. Este procedimento dá plenas condições para se armazenar a cebola por alguns meses.

HORTALIÇAS DIVERSAS

Nesta época do ano as hortas domésticas apresentam a sua maior produção, o que também acontece com as hortas comerciais, porém a comercialização é menor em consequência da abundante oferta. Lembra-se que nesta época devem ser efetuadas as sementeiras de hortaliças que se desenvolvem durante o verão.

A alface, pepino, repolho e outras plantas como o milho, se desenvolvem muito bem, a partir de agora, desde que se tenha condições de fornecer água às plantas durante o período quente.

ERVILHA

As áreas com ervilha são pequenas na área de atuação da Cotrijual e já estão colhidas em sua maioria. Aos associados que colherem ervilha e vão armazenar a semente para plantio no próximo ano, lembramos que o grão de ervilha é muito sensível ao ataque de pragas, devendo ter cuidados especiais para manter a qualidade e a germinação das sementes.

BATATA

As lavouras de batata podem ser divididas em dois grupos: um formado pelas áreas cultivadas com semen-



tes comuns e o outro formado pelas áreas implantadas com sementes de qualidade.

As lavouras com sementes comuns estão com pequeno potencial de produção, intensamente atacadas por moléstias de folhas e ocorrência de murchadeira, prejudicando seriamente o potencial de produção.

As lavouras implantadas com sementes de qualidade estão com bom desenvolvimento, sem murchadeira. Na cultivar Delta, há alguma ocorrência de ponta preta na folha, cujos prejuízos maiores podem ainda ser prevenidos com pulverizações.

Aos associados que plantaram estas sementes básicas de Basoka, Santo Amor e Delta, lembramos que estas lavouras podem servir para obtenção de sementes para o próximo ano e assim continuar a se ter produto de qualidade. Maiores informações sobre produção de batata para semente, junto ao Departamento Técnico.

QUADRO DE ÉPOCAS DE SEMEADURA/VARIEDADES/ÁREA

	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Repolho			12 m ² Coração de Boi e Matzukase				12 m ² Matzukase Chumbinho				12 m ² Matzukase Chumbinho	
Couve			12 m ² Manteiga				12 m ² Manteiga					
Rabanete	4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho		4 m ² Saxa, Redondo vermelho	
Rúcula	6 m ² Cultivada			6 m ² Cultivada			6 m ² Cultivada			6 m ² Cultivada		
Cenoura			18 m ² Nantes						18 m ² Kuroda			
Alface	12 m ² Kagrane e Maravilha verão		12 m ² Boston Branca e Rainha Mai		12 m ² Boston Branca e Rainha Mai		12 m ² Boston Branca e Rainha Mai		12 m ² Kagrane e Maravilha verão		12 m ² Kagrane e Maravilha verão	
Beterraba			18 m ² Tali Top						18 m ² Tali Top			
Tomate	50 plantas Yokota							50 plantas Kada, P. Gig.				
Pepino	50 plantas Wisconsin							50 plantas Wisconsin			50 plantas Ginca	
Cebola			2.000 plantas Baía Periforme	2.000 plantas Baía Periforme								

COLHEITA DO MÊS: (para quem segue as sugestões do plantio do quadro acima): Rabanete, Alface, Couve, Repolho

Chegou o alho espanhol

Produtores reclamam da medida, mas governo libera a importação de 4.200 toneladas do produto.

Justamente quando os produtores de alho começavam a respirar mais aliviados, porque parecia que estavam conseguindo terminar com as importações, através de um programa oficial de produção e abastecimento interno do produto, chega a notícia de que a Carteira de Comércio Exterior - Cacex - estava liberando a importação de 4.200 toneladas de alho da Espanha. Através desse programa de produção e abastecimento interno de alho, estabelecido em 1979, e totalmente ignorado pela recente medida da Cacex, os produtores vinham lutando contra estas importações, a tal ponto, que elas estavam ocorrendo somente em épocas de falta do produto. Mas o pior de tudo é que esse alho espanhol entrou no Brasil com fortes suspeitas de que estaria contaminado pelo "hidrazida maleica", um produto considerado cancerígeno.

Um acordo firmado entre a Associação Nacional dos Produtores de Alho, a Secretaria Nacional de Abastecimento e a Cacex, estabelecia que as importações de alho deste ano deveriam fechar ao redor de 16 mil toneladas, pois essa quantidade seria suficiente para suprir tranquilamente as necessidades do mercado interno, que andam ao redor de 60 mil toneladas. Mas para a surpresa, não apenas da Anapa, como também dos próprios produtores, já um tanto sacrificados pelos altos custos de produção e pelos preços aquém da realidade, o diretor da Cacex, Carlos Viacava, simplesmente voltou atrás na sua decisão e resolveu liberar a importação de mais 4.200 toneladas do produto, "o que deverá representar, segundo o presidente da Cooperativa Central Gaúcha de Hortigranjeiros e também secretário da Anapa, Hermes Antônio Bitencourt, "uma catástrofe para os mais de 20 mil produtores nacionais envolvidos com a produção de alho".

ESTRANHEZA

O que causou estranheza em relação a medida foi o fato de que nesta época do ano, o mercado brasileiro ainda conta com o alho espanhol que entrou entre 1º de julho a 15 de setembro, num volume de três mil toneladas. Afora este estoque os estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, preparam-se para colher no mês de dezembro em torno de 12 mil toneladas de alho. Com mais essas 4.200 toneladas de alho, recentemente, o mercado brasileiro deverá ficar um tanto abarrotado, pois o país vai dispor na época da safra de 19.200 toneladas, quando se sabe que o consumo até o final do ano deverá girar ao redor de nove mil toneladas. Para o presidente da CCGH e secretário da Anapa, essa decisão de importar alho num período de excesso de oferta, além de prejudicar os produtores, só pode ser consequência de um desconhecimento total da situação da produção nacional.

As razões desta importação ainda não estão muito claras, mas segundo informações que correm no meio atacadista e levantadas pelo secretário do Sindicato do Comércio de Gêneros Alimentícios de São Paulo, Algirdas Antonio Balsevicius e divulgadas através do jornal Gazeta Mercantil, ela foi resultado de um acordo bilateral firmado entre o Brasil e a Espanha. "O Brasil, disse Algirdas ao mesmo jornal, negociou quatro mil toneladas de

alho e em contrapartida, a Espanha levou 18 mil toneladas de café e também palmito brasileiro".

AS CONSEQUÊNCIAS

Na tentativa de barrar a entrada desse alho espanhol, os sindicatos de produtores dos estados de Goiás e Minas Gerais, juntamente com algumas associações de produtores lançaram um manifesto de repúdio a importação, na ocasião em que saiu a notícia da entrada no Brasil do produto importado, distribuindo, inclusive, uma nota denunciando a contaminação do produto por um antibotante. "Infelizmente, diz o Nelci Pedro Baroni, gerente do entreposto de Hortigranjeiros da Cotrijuí, esse ato trouxe consequências muito ruim para a produção nacional." Essa retração está sendo maior, segundo o gerente do entreposto, porque o consumidor do produto "in natura", ainda não tem condições de diferenciar o alho nacional do alho espanhol. A primeira reação do consumidor, diante das denúncias de contaminação, é deixar de adquirir o produto "in natura".

Nem mesmo a liberação do alho importado por parte do Ministério da Agricultura, o qual encarregou o Instituto Nacional de Controle de Qualidade da Saúde - órgão ligado ao Ministério da Saúde - de realizar os exames, poderá alterar a situação criada. "Com a análise desse produto e a não comprovação da contaminação, esperamos que seja feita uma nota explicativa aos produtores e consumidores, diz o Baroni, "esclarecendo toda essa boataria sobre a contaminação do alho importado". Se a situação não ficar bem clara, o Baroni teme pelas consequências futuras.

O resultado de toda essa polêmica que andou envolvendo produtores, associações, comerciantes e importadores, foi uma forte retração no mercado. "Estamos à frente de um mercado totalmente indefinido. Ninguém pode afirmar com certeza o que poderá ocorrer depois da colheita, lamenta o Baroni. Mesmo diante de uma situação indefinida o gerente do entreposto ainda alimenta a esperança de que a situação tome novos rumos, e que os produtores não saiam prejudicados. "pois já andam numa situação difícil frente aos altos custos de formação da lavoura".

Recebimento garantido

Mesmo que o mercado para o alho nacional esteja um tanto conturbado, e por enquanto sem nenhuma perspectiva de qualquer definição em razão da entrada do alho espanhol bem na época da colheita da produção brasileira, a Cotrijuí espera receber toda a produção do seu quadro social. "De qualquer forma, deixa claro o Nelci Baroni, vamos procurar colocar toda a produção entregue no mercado, sempre buscando os melhores preços possíveis, mas já adiantando que a situação não está muito fácil".

O Hélio Ito Pohlmann, agrônomo e coordenador do setor de Hortigranjeiros da Cotrijuí reforça ainda mais a opinião do Baroni, lembrando que grande parte dos produtores da região e que nesta safra deverão estar colhendo por volta de 250 toneladas do produto, têm na produção de alho a sua principal fonte de ren-



A entrada do alho espanhol pode conturbar o mercado

AMENIZAR

Diante de toda essa situação criada, o próprio governo está tentando amenizar um pouco as coisas. O primeiro passo dado, diz respeito a sobretaxa de importação, de 70 por cento. Com essa sobretaxa, o alho espanhol que já anda sendo vendido pelos atacadistas ao preço de Cr\$ 4.200 o quilo, poderá ser reajustados a preços mais elevados. Se realmente aumentar o preço do alho importado, também pode crescer a procura pelo alho nacional, e automaticamente, elevarem-se seus preços. "O produtor estava esperando que o preço do alho, neste ano, chegasse em Cr\$ 3.000 o quilo, mas se permanecer o atual preço do alho importado, dificilmente esse quadro poderá melhorar", diz o Baroni.

Uma outra medida tomada na primeira semana de novembro, pelo Ministro Delfim Netto, autoriza os produtores de alho, que desejarem, a transformar seus financiamentos de estocagem em venda da produção ao governo na época do vencimento dos empréstimos. Em outras palavras, isto significa que os produtores de alho poderão, na época do vencimento,



Nelci Baroni: muito ruim para a produção nacional

transformar seus Empréstimos do Governo Federal - EGFs - em Aquisição do Governo Federal - AGFs -, o que em safras anteriores, não era permitido.

O próprio ministro da Agricultura, Nestor Jost, admitiu que essa permissão para que os EGFs sejam transformados em AGFs, servirá para contornar a situação criada pela importação de 4.200 toneladas de alho espanhol. O ministro Jost garantiu ainda que o governo vai procurar retardar a entrada do alho argentino no Brasil.

da". De outro lado, o Hélio também acha que é hora de se reivindicar e lutar por uma política mais estável para a produção de alho do próximo ano, "sem a interferência de produto de fora, que no final das contas só atrapalha o mercado nacional", diz ainda o agrônomo ao classificar a decisão do governo de importar alho como "equivocada para o momento".

MODALIDADES

Dentro deste quadro, a Cotrijuí estará recebendo o alho produzido na região no período de 16 de novembro a 31 de janeiro de 85, nas modalidades estabelecidas no ano anterior. O alho precoce Gaúcho, de maior número de dentes, será diferenciado do alho Portela e Roxo. Ele será classificado como grão, médio e indústria. A mesma classificação vale para as demais variedades, só que o alho Gaú-

cho deverá ser entregue em separado, e recebendo, portanto, um preço diferenciado.

O preço de adiantamento, segundo o Nelci Baroni será creditado na conta corrente de cada produtor, com valor ainda a ser definido. Essa bonificação será creditada a partir de 31 de dezembro e a liquidação final deverá ocorrer em 31 de janeiro.

Cerca de 70 por cento da produção de alho produzido na região são de variedades tardias, principalmente o Portela. Apenas três por cento da produção é comercializada de forma "in natura" pela região. O restante da produção ou é comercializada em São Paulo, principalmente a variedade Portela ou Minas Gerais, onde as variedades precoces como o Gaúcho, têm mais aceitação.



SUPLEMENTO INFANTIL
ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Brincar



O que é brincar?

Interessa pouco saber dizer o que seja brincar, quando ainda conseguimos brincar, imaginar, criar... fazer de conta... fantasiar. Todo mundo brinca, ou não brinca mais?

Brincando a gente aprende muitas coisas, aprende a... brincar.

Brincar é gostoso.

E todo mundo brinca, até aquelas pessoas mais carrancudas.

Garanto que brincam com a espuma do sabonete, e não é gostoso fazer isso?

Os animais também brincam, você já reparou que gracinha que é? Cada um brinca do seu jeito, mas brinca.

Todos brincam!

Nós podemos brincar com muitas coisas, fazer nossos brinquedos ou fazer de conta que as coisas sejam isto ou aquilo.

Existem mil maneiras de brincar.

A gente brinca movimentando ou até mesmo quando está parado, daí movimenta-se, mexe-se apenas com o pensamento e as idéias multiplicam-se.

Podemos também, e é divertido, brincar com as palavras, fazer rimas e versos.

E com nosso corpo então?

Quantas coisas podemos fazer com os olhos

com a boca

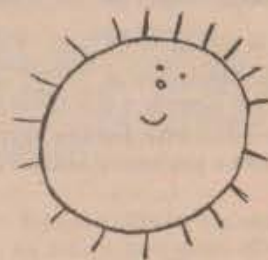
com os pés

com as mãos

E você, como é que brinca? Com o que brinca? Que tal mostrar? Como?

É fácil, pegue lápis e papel e brincando desenhe ou escreva para a turma que lê o Cotrisol.

Noeli Valentina Weschenfelder
Professora do Pré-Escolar - EFA



Ilustrações
Maggy Estienne

Romanos "malucos"

Quando é que $12 : 2 = 7$?

E quando $19 - 1 = 20$?

Pela aritmética essas contas nunca seriam possíveis, mas se quisermos brincar com os algarismos romanos conseguiremos "provar" que elas estão "certas". Algarismos romanos, como vocês sabem, são aqueles que os antigos romanos usavam, séculos atrás. Em vez dos números que conhecemos (e que nos foram passados pelos povos árabes, por isso chamam-se algarismos arábigos), os romanos usavam letras.

Assim:

I = 1

V = 5

X = 10

L = 50

C = 100

M = 1.000

Para escrever os outros números, os romanos faziam contas. Assim, se $I = 1, 2 = II$.

O 5, vocês sabem, era V e o 6, VI, isto é, $5 + 1$.

Voltemos, então, à brincadeira:

$12 : 2 = 7$

Vamos escrever a conta com números romanos

XII : II = VII

Para deixar "certa" essa conta errada, basta cortar

12 pelo meio. Assim

XII

Entenderam? Então fica assim

XII = VII

Façam o truque com a segunda conta

$19 - 1 = 20$

Que, em romanos, é XIX - I = XX

E tirando o I do XIX temos:

XX

Brincando com os números

Que Número Risquei?

Este truque ensinará você a descobrir um algarismo que seu amigo tirou de um número qualquer. Faça assim:

a) Peça ao amigo que escreva e esconda um número num pedaço de papel. Deve ser um número comprido, com três ou mais algarismos. Por exemplo:

378

b) Agora peça a ele que escreva o mesmo número de trás para diante.

873

c) E mande-o diminuir o menor do maior:

$873 - 378 = 495$

d) Em seguida, mande-o multiplicar o resultado dessa conta por um número qualquer. Assim, por exemplo:

$495 \times 3 = 1.485$

e) Agora é a hora: peça a ele que, do resultado da multiplicação, risque um algarismo qualquer - desde que não seja zero.

1 4 8 5

f) Só falta, então, pedir que some os algarismos que sobraram, um a um.

$1 + 8 + 5 = 14$

g) Pergunte que total deu. E você então saberá dizer, depois de alguns cálculos, qual foi o número riscado.

Bata fazer isto: pense qual é o número múltiplo de 9 (que dá para dividir por 9 e não sobra resto) mais próximo ao número dado por seu amigo. Assim:

14 vem antes de 18,

$(18 : 9 = 2)$

E calcule a diferença entre esse múltiplo e o número que você tem.

$18 - 14 = 4$

O resultado será o número riscado. Faça um teste com outros números e verá que o truque é certo. 4

Coloque nos espaços em branco, os números, cuja soma horizontal e vertical seja igual a 15.

	2	3	3	
	3	3	3	
	3	3	2	

COLOQUE NOS ESPAÇOS EM BRANCO, OS NÚMEROS, CUJA SOMA HORIZONTAL E VERTICAL SEJA IGUAL A 15.

1	4	5	5	4
4	5	5	5	5
4	5	5	5	2
5	5	5	2	4
5	5	3	4	5

SOLUÇÃO

Escrevendo poesia. Já?

Na Escola de 1º Grau "Francisco de Assis", os alunos começam a pensar em poesia desde cedo. Os alunos do pré-escolar já "ditam" para a professora lindos versos.

Para mostrar o que conseguem escrever, Larissa no dia da criança se inspirou e escreveu sobre a criança e o brinquedo. Daniela sobre sua casa, durante os estudos sobre "Habitação" que estão desenvolvendo com a professora Lidiana Corrêa.

Criança e o brinquedo

Criança mansa

cansa

Brincar cansa

mas amansa

Criança na balança

rança

Brincar é

amar?

Mas a criança

rança, porque

brincar é uma esperança

Brincar não é

rançar

A criança fala

- Eu gosto de brincar,

mas não gosto de rançar

A Esperança da criança

é o mundo em festança.

Larissa Lutz

9 anos - 3ª série - EFA

Minha casa

Minha casa,
com cor de marfim,
ela foi feita com amor,
para mim.

Minha casa
com cor amarela
e foi feita pra mim
e não para ela.

Minha casa
é de ver bem
ela não é só minha,
como é de vocês também.

Eu sou amarela
também laranja
eu sou uma casa
que a todos encanta

Fui feita muito fraca
Para eu não cair,
me botaram uma estaca.

Daniela Frantz

9 anos - 3ª série - EFA

Os meus amigos

De Coronel Bicaco, recebemos, uma cartinha de Luiz Fernando Konzen que nos diz que as crianças são assíduas leitoras e fãs do Cotrisol. Ele nos enviou o texto de Marilene para ser publicado. Aí está. Continuem escrevendo.

Os Meus Amigos

Os meus amigos são bons para mim. Todos me tratam bem. Um dia eu fui na casa da Roseli e ela me deu um pedaço de bolo bem gostoso.

- Oba! Que gostoso esse bolo!

- Você podia fazer um para o piquenique no dia 12

de outubro, que é o dia da criança? Perguntou Eliza.

- Posso sim. Respondeu Roseli.

- Você tem muitos amigos, Roseli?

- Sim.

- Eu, também tenho você, a Vera, a Solange, e outros

- Mas onde é esse piquenique?

- No campo do Internacional, vamos na cachoeira.

Para fazer um piquenique, primeiro nós temos que

limpar o pavilhão.

- Como nós vamos?

- Nós vamos a pé, pois é perto.

- A professora vai junto?

- Sim! Por que você quer saber?

- Por curiosidade, só para saber, porque a mamãe

quer ir junto e ela quer saber se a professora também

vai.

Marilene Berlezi de Souza

4ª série - Escola Princesa Isabel - Sítio Medeiros -

Coronel Bicaco

As crianças brasileiras trabalham?

As crianças brasileiras trabalham?

Sim. E muito. Você poderia até estranhar se não trabalhassem. Afinal de contas, todos trabalham. Acontece que as coisas não são bem assim. Elas se veem obrigadas a trabalhar em condições iguais ou piores que os adultos na lavoura, na rua, na fábrica. Em não poucos casos, são as responsáveis pela sustentação da família, porque o pai e a mãe estão desempregados.

O trabalho das crianças nestas condições tem efeitos muito ruins sobre elas: não têm tempo para estudar e se por acaso têm esse tempo, o cansaço impede que aprendam. O regime de trabalho intensivo impede que a criança se desenvolva, cresça fisicamente e espiritualmente.

As crianças são exploradas. A maioria não tem carteira, seu salário é sempre menor que o de um adulto mesmo que faça um trabalho igual. Veja esses dados do Censo demográfico de 1980 publicados na Zero Hora de 27 de outubro de 1984, página 31: "Das 2.059.948 crianças trabalhadoras, 1.300.719 eram remuneradas: 860.787 recebiam até meio salário mínimo; 308.194, de meio a um salário mínimo; 121.786 de um a dois salários e 9.952 mais de dois mínimos". O mesmo jornal informa que a "maioria dessas crianças - 1.099.489 -

trabalhava na agricultura, pecuária, extração vegetal e pesca. 355.948 faziam prestação de serviços; 147.490 trabalhavam na indústria de transformação; 119.339 no comércio de mercadorias e o restante em várias atividades". É claro que nestes números não estão todas as crianças. Aquelas que batalham comida de porta em porta, que vem se oferecer para lavar carro, capinar o quintal, vender picolé, lustrar sapatos. Essas crianças são trabalhadoras e não poucas trabalham até 12 horas por dia.

Por que as crianças entram tão cedo no mercado de trabalho? Simplesmente porque o salário da maioria dos adultos, dos pais, não sustenta uma pessoa. O salário mínimo é responsável pela fome e miséria dos grandes e pequenos. O salário mínimo tem ainda outro efeito devastador sobre as crianças: a fome e morte por desnutrição.

Ainda segundo dados do Censo de 1980, de cada 1.000 crianças nascidas vivas, 87 morriam antes



de completar um ano. E muitas das que escapam de morrer acabam sobrevivendo como carentes: carentes de escola, de comida, de casa, de tudo aquilo que é fundamental para a vida da criança. E pensar que hoje no Brasil, há 30 milhões de crianças carentes e, dentre essas, 6 milhões são abandonadas, estão soltas no mundo, não têm ninguém por elas e acabam, de uma forma ou outra, tendo que trabalhar para sobreviver.

É importante que você aprenda a ver com simpatia essas crianças. Muita gente olha com desprezo ou maltrata essas crianças. Isso não só não ajuda, mas aumenta seu sofrimento. Você pode ficar certo que a solução do problema dessas crianças só acontece quando o Brasil mudar profundamente, distribuindo a riqueza que está na mão de pouca gente, quando houver trabalho e salários melhores para os adultos.

Aí então todas as crianças poderão ser de fato crianças. Se você desde logo exigir mais justiça e melhores condições de vida para todos os brasileiros, já está trabalhando para o bem de milhões de crianças.

Dinarte Belato
Professor da FIDENE/UNIJUI

Por que e onde brincar?

O jogo e o brinquedo representam a vida da criança.

Durante as brincadeiras o espaço que a cerca é explorado em todas as suas potencialidades, mas os limites são da própria criança, na medida em que existe a possibilidade de suplementar o espaço com equipamentos/brinquedos/materiais diversificados.

O aumento da capacidade motora e a necessidade de aventura se refletem na ampliação da área de interesse e na procura de novos desafios. Isto também pode ser um indicio da falta de objetos para manipular. A questão não é entreter a criança em casa para que ela não saia longe, mas fazê-la gostar de casa pela oportunidade de realizar seus trabalhos com sucatas, madeiras e utilizando suas próprias ferramentas. Mas o desejo de aventura deve ser satisfeito e para isto um espaço maior, uma área livre e verde perto da residência é uma questão prioritária.

Infelizmente os espaços livres são sacrificados em função do processo de urbanização sem planejamento. Nesse caso as áreas livres das escolas devem ser uma realidade como opção de lazer e brinquedo. Segundo Lagrange (1978) os conceitos e relações são difíceis de compreender para a criança que não os vive corporalmente. Por isso o espaço de brinquedo deve dar oportunidade de grande variedade de experiências corporais.



Um espaço assim deve ser **Multifuncional**, com equipamentos polivalentes construídos com madeira, pneus e cordas e; com áreas de jogo em diferentes pisos, como grama, areia, terra e cimento; com aplicação de princípios de construção que respeitem critérios de modificabilidade, incentivo às relações sociais e criatividade, tipicidade de uso, entre outros. Dessa maneira estaremos devolvendo às crianças aquilo que delas foi roubado, que é seu espaço de brinquedo.

Wilton Trapp - Professor de Educação Física - EFA



Roda d'água

Material: Forquilha de madeira, prego fino e comprido, rolha, pazinhas de sorvete.

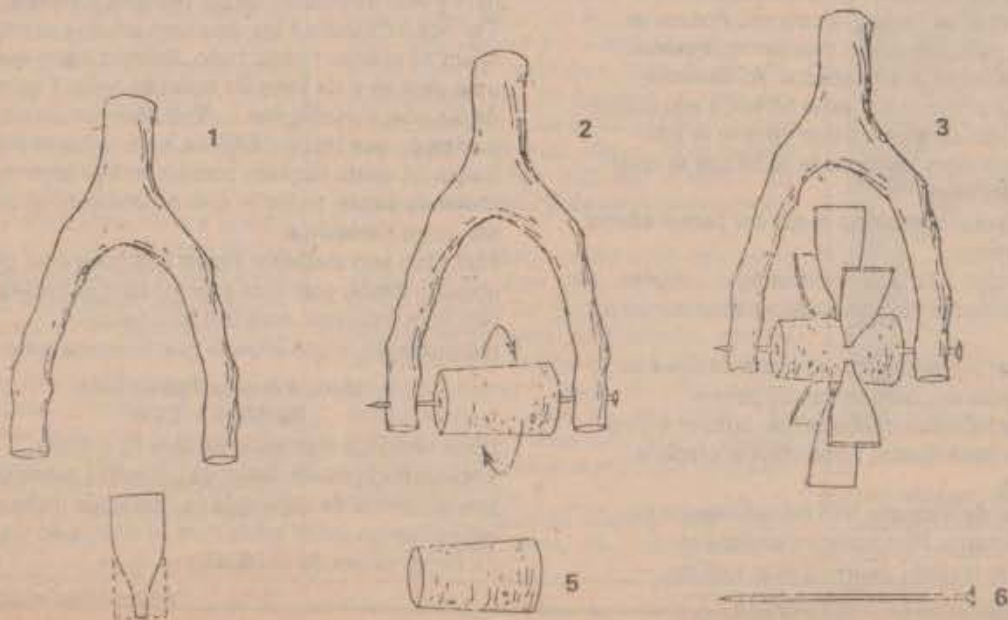
Execução: Preparar uma forquilha de madeira como a da figura 1. O cabo deve ser bastante comprido, para ser seguro com facilidade.

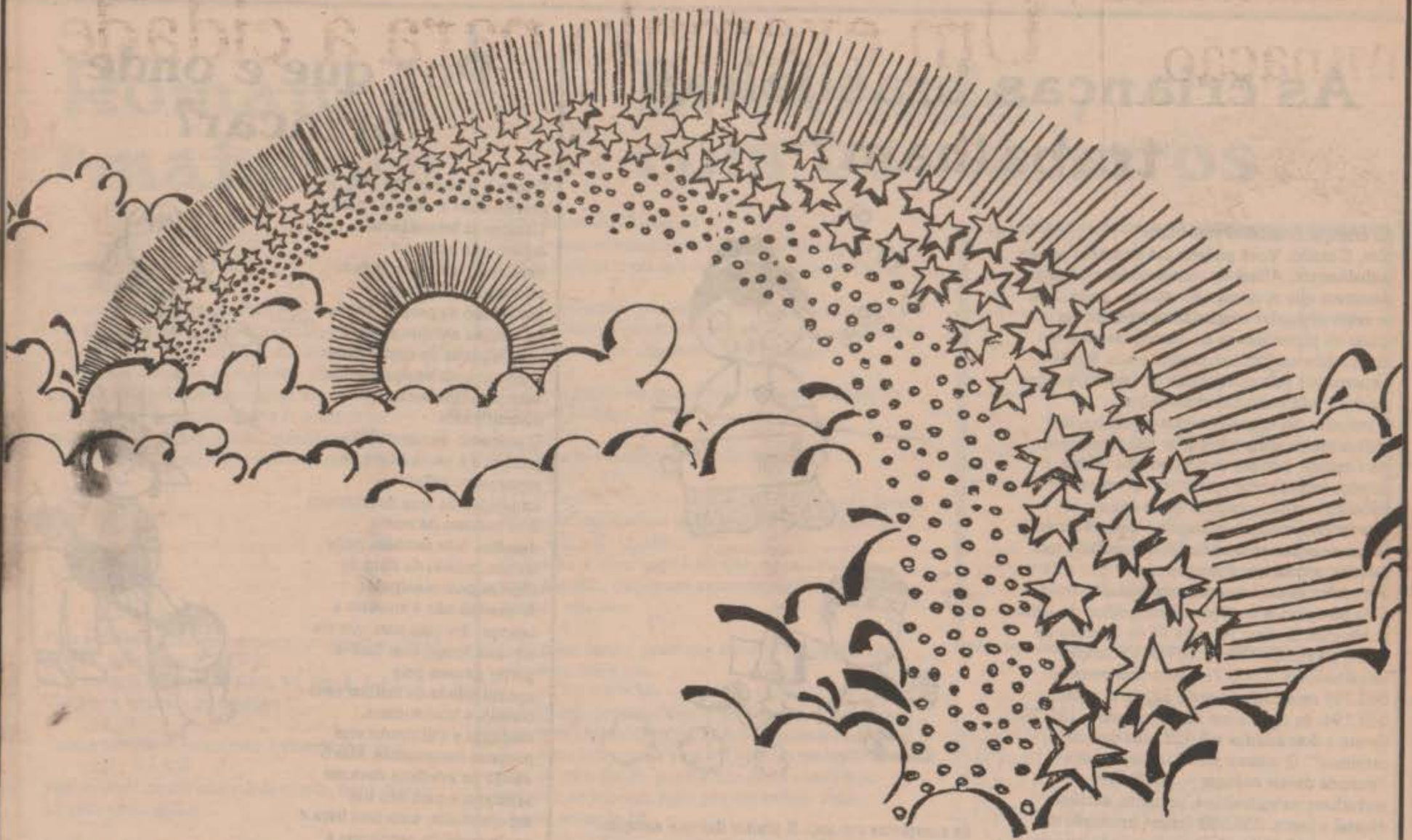
Perfurar a rolha com agulha aquecida, conforme já foi ensinado. O furo deve ter a espessura do prego que vai servir de eixo; a rolha gira livremente em torno do eixo.

Perfurar as extremidades da forquilha, com furador, ou com prego e martelo. Enfiar a rolha conforme a figura 2, prendendo-a com o prego. Na falta de prego do comprimento apropriado, pode-se usar um pedaço de agulha de tricô.

Desbastar as pazinhas de sorvete como mostra a figura 4. Seis pazinhas são suficientes para movimentar a roda-d'água. Fazer cortes na rolha, e introduzir as pazinhas (fig 3).

Agora é só deixar correr água sobre as pazinhas, e a roda girará rapidamente.





O verão e a saúde

Vocês sabiam que o nosso corpo é 60% (por cento) de água? Por isso é que nós tomamos água durante o dia e principalmente no verão.

Os alimentos que comemos também tem uma porção de água, uns tem pouco e outros bastante. A gente perde água do corpo pela urina (xixi), fezes (cocô), suor e respiração. Assim, é necessário nós tomarmos água para repor aquilo que foi perdido. Se nós tomarmos água suja, ou água que tem gosto, esta água provavelmente vai ter "bichinhos" que são chamados de bactérias. Eles causam uma série de doenças no nosso corpo como: diarreia, anemia, infecção dos intestinos, fraqueza, desânimo, feridas, e poderá causar até problemas de coração e pulmão. Com o calor do verão, aumenta o número desses "bichinhos" no lixo, fezes (cocô) dos animais, das pessoas e na água suja.

O importante é termos muito cuidado com a água, pois nem sempre a água "clara" é livre destes bichinhos (bactérias).

Por isso se nós tomamos bastante água, e usamos água na comida, nós devemos cuidar dela.

Como cuidar:

– **Fervendo** a água, podendo tomar como forma de chá ou pura.

– **Filtrando** a água, através de filtros e limpar os mesmos seguidamente.

– **Limpendo** o local de onde vem a água (vertente ou poço).

– **Proteger** o local de onde vem a água, ao redor da vertente para não deixar entrar sujeira na água.

– **Usar** vasilhas limpas para pegar a água.

– **Não** atirando pedaços de madeira, sujeira, brinquedos, restos de lixo etc. . . para não sujar a água e não criar "bichos".

– **Protegendo** o local da água de beber contra as enchurradas ou enchentes, pois na terra foi colocado veneno e esse veneno vai junto com as chuvaradas e entra direto na fonte e daí, se não protegermos a fonte, vamos tomar água com veneno.

– **Não deixando** que animais pisoteiem a água e a sujem pois esta ficará contaminada.

– **Ter cuidado** com a distância do local da água do chiqueiro, da patente, do galinheiro, na estrebaria das vacas, mais ou menos uns 20 metros da fonte da água e estes locais devem estar abaixo da fonte. Isto para que não entre "bichinhos" na água por baixo da terra.

– **As crianças** não devem brincar em lugar onde tem sujeira ou poças de água parada, pois poderão ter doença, provocadas por estas coisas.

– **Outro cuidado** é no sentido de cuidarmos, onde vamos tomar banho. Ver se a água não está suja (contaminada), pois esta água poderá trazer doenças principalmente de pele (manchas, feridas).

– **Tomar água** na temperatura normal (fresca), nunca muito gelada ou quente.

No verão acontece o aumento do número de moscas baratas, pernilongos, ratos e insetos em geral. Isso acontece porque no verão existem melhores condições para estes bichos se criarem. Podem se criar no lixo, patentes, águas paradas, chiqueiros, estrebarias, galinheiros e banhados. Aí devemos ter cuidado de como matar estes bichos e não deixar se criar. Pois não adianta colocar veneno se não tratarmos antes estes locais onde os bichos se criam.

Como tratar (cuidar):

Lixo: De preferência enterrar o que for para o adubo e queimar o resto.

Patente: Proteger, não deixar entrar água e sujeira para dentro, colocar óleo queimado e uma tampa no buraco.

Águas Paradas: Procurar secar as poças de água ou água depositadas em latas velhas ou pneus.

Chiqueiros, estrebarias e galinheiros: Limpar e lavar seguidamente estes locais. Após colocar creolina ou benzocniol.

Latas e Baldes de Veneno: Não deixar jogadas na roça ou no terreiro. Não transportar água ou qualquer outro líquido dentro dessas vasilhas.

Procurar enterrar em lugar seguro.

Fioravante Ballin e Cláudio Rocha –

Alunos do Curso de Enfermagem da FIDENE

Na próxima edição estaremos dando informações sobre diarreia, desidratação, alimentação, e queimaduras do sol.

Saúde

Para uma pessoa ter boa saúde a primeira coisa necessária é ter bom emprego, pois tendo um bom emprego ela tem uma boa remuneração, fazendo possível a boa alimentação, a habitação, a higiene e a educação.

A boa alimentação é aquela que a pessoa pode comer todos os alimentos de uma roda, chamada roda alimentar, dentro dela têm: carnes variadas, leite e seus derivados, frutas, legumes e cereais.

Ter boa habitação é ter uma casa em que as peças não sejam ao mesmo tempo tudo. Existem casas que têm uma peça só e ela serve de tudo; de noite é quarto; de dia sala, cozinha, etc. . . Também precisa ser uma habitação que tenha higiene, com todas as peças limpas. A gente também precisa ter boa higiene, tomando banho todos os dias e escovando os dentes nas horas necessárias.

Para tudo isso melhorar temos que fazer com que o governo mude, pois com este governo as pessoas não têm bom emprego, com isto há uma má remuneração, o que impede que aconteça tudo isso.

Maria Fonseca Falkembach
6a. Série – EFA

(Esse texto foi elaborado na aula de Língua Portuguesa, após discussão de um texto produzido por um grupo de alunos da 6a. série que realizou uma pesquisa sobre saúde com os alunos do Curso de Enfermagem da FIDENE).